

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ALANA SOARES DA SILVA

**A PERCEÇÃO MOÇAMBICANA FRENTE À ATUAÇÃO DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS EM SEU PAÍS**

PORTO ALEGRE

2021

ALANA SOARES DA SILVA

**A PERCEPÇÃO MOÇAMBICANA FRENTE À ATUAÇÃO DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS EM SEU PAÍS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Regina Feraboli

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Alana Soares
A percepção moçambicana frente à atuação da Igreja
Universal do Reino de Deus em seu país. / Alana Soares
da Silva. -- 2021.
95 f.
Orientadora: Sílvia Regina Ferabolli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Igreja Universal do Reino de Deus. 2.
Moçambique. 3. Internacionalização. 4. Percepção
Moçambicana. I. Ferabolli, Sílvia Regina, orient. II.
Título.

ALANA SOARES DA SILVA

**A PERCEÇÃO MOÇAMBICANA FRENTE À ATUAÇÃO DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS EM SEU PAÍS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 4 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Sílvia Regina Feraboli – Orientadora
UFRGS

Prof. Dr. André Luiz Reis da Silva
UFRGS

Prof. Dra. Tatiana Vargas Maia
UNILASALLE

A todos os povos subjugados do Sul global.

AGRADECIMENTOS

Ao Estado brasileiro e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por todo apoio acadêmico e financeiro.

Aos meus professores, principalmente, minha orientadora, bem como minha mentora, por me apoiarem tirando minhas dúvidas sempre que solicitei.

Aos meus colegas, se não fosse por eles, a minha graduação seria ainda mais difícil.

À minha mãe e minha irmã, por todo apoio emocional, aos meus avós e minha bisavó, por todo suporte financeiro e, especialmente, ao meu padrinho, por acreditar no meu potencial e me mostrar que era possível eu entrar e me formar na UFRGS.

Aos demais familiares, meus amigos e meu namorado, por entenderem os momentos que deixei de socializar com eles para estudar.

À Deus e, acima de tudo, a mim mesma, por não ter desistido mesmo diante tantos obstáculos, por ter tido força e sabedoria para realizar o meu maior sonho, a minha graduação.

“Viva a Frelimo! Viva a República Popular de Moçambique! A luta continua.”

Samora Machel (1975)

RESUMO

O presente trabalho analisa a percepção moçambicana frente à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus em seu país. Para isso, foi apresentado desde a fundação da IURD até a sua internacionalização em Moçambique, bem como foi demonstrado que a “tese da secularização”, que durante anos fez a separação entre os fenômenos religiosos e a política internacional, não se justifica, visto a influência que a religião exerce na dinâmica das Relações Internacionais. Ao que tange Moçambique, foram expostos seus precedentes históricos e como a sociedade moçambicana sente até hoje as sequelas sociais, políticas, econômicas e culturais decorrentes de séculos de exploração colonialista/neocolonialista e de décadas de uma guerra civil, que ficou conhecida como uma das mais sangrentas do continente africano. Além de demonstrar a relação da IURD com a Frente de Libertação de Moçambique, presente na governança do país, desde sua independência. Finalizando, tem-se a análise dos jornais, tanto da própria igreja, quanto dos jornais locais moçambicanos e a comparação dos dois discursos presentes nesses jornais, sob as lentes do construtivismo.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus. Moçambique. Internacionalização. Percepção moçambicana.

ABSTRACT

The present work analyzes the Mozambican perception regarding the performance of the Universal Church of the Kingdom of God in your country. For that, it was presented from the foundation of the IURD until its internationalization in Mozambique, as well as it was demonstrated that the “secularization thesis”, which for years made the separation between religious phenomena and international politics, is not justified, given the influence that religion has on the dynamics of International Relations. As far as Mozambique is concerned, its historical precedents were exposed and how Mozambican society still experiences the social, political, economic and cultural consequences resulting from centuries of colonialist/neocolonialist exploitation and decades of civil war, which became known as one of the most bloody African continent. In addition to demonstrating the relationship between the IURD and the Mozambican Liberation Front, which has been present in the country's governance since its independence. Finally, there is the analysis of the newspapers, both of the church itself, and of the local Mozambican newspapers and the comparison of the two speeches present in these newspapers, under the lens of constructivism.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God. Mozambique. Internationalization. Mozambican perception.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A IURD NO BRASIL E NO MUNDO.....	15
2.1 MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL E A FUNDAÇÃO DA IURD.....	15
2.1.1 Relação com a mídia e midiatização.....	19
2.1.2 Missionarismo e evangelização.....	20
2.2 RELIGIÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	22
2.2.1 A IURD como ator não governamental internacional.....	26
2.3 A INTERNACIONALIZAÇÃO DA IURD EM MOÇAMBIQUE.....	28
3 POLÍTICA E RELIGIÃO EM MOÇAMBIQUE: O PAPEL DA IURD.....	34
3.1 COLONIALISMO E NEOCOLONIALISMO/IMPERIALISMO.....	34
3.2 INDEPENDÊNCIA E GUERRA CIVIL.....	39
3.2.1 Sequelas moçambicanas e “renascimento” do continente africano.....	47
3.3 RELAÇÃO DA IURD COM A FRELIMO.....	49
4 COMPARANDO DISCURSOS: ANÁLISE DOS JORNAIS.....	55
4.1 PERSPECTIVA DA IURD SOBRE O POVO MOÇAMBICANO.....	55
4.2 PERSPECTIVA DO POVO MOÇAMBICANO SOBRE A IURD.....	61
4.3 COMPARAÇÃO DESSES DOIS DISCURSOS À LUZ DA TEORIA CONSTRUTIVISTA.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

Aspectos como cultura e religião vêm sendo negligenciados por autores do mainstream na área de Relações Internacionais ao longo dos anos. A pouca atenção inicial dada por tais autores a esses aspectos se deve à predominância da “tese da secularização” nas Ciências Sociais, que sustenta haver uma crescente distinção entre as esferas religiosa e secular/moderna (JESUS, 2018), além disso, religião e cultura vão além das tradicionais questões de “guerra e paz” e, conseqüentemente, necessitam superar as limitações das principais teorias de Relações Internacionais. Com enfoque na religião que vem exercendo, cada vez mais, influência multidirecional no plano internacional, através de movimentos transnacionais, formatação de identidades e legitimação política (MATEO, 2011), a intersecção existente entre religião e política se torna muito evidente em determinados países. Tal intersecção pode ser percebida, por exemplo, no atual cenário político e social brasileiro, onde grupos religiosos articulados em torno de uma agenda conservadora influenciam o debate sobre questões morais como aborto e direitos homossexuais, além de mobilizarem fiéis para as eleições locais e federais (MATEO, 2011). O resultado disso pôde ser verificado, até certo ponto, com a eleição à presidência do Brasil de Jair Messias Bolsonaro, visto que sua candidatura contou fortemente com o apoio da Bancada Evangélica e do Partido Republicano Brasileiro (PRB), partido esse, formado por líderes da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada pelo bispo Edir Macedo no ano de 1977 na cidade do Rio de Janeiro, tem como missão principal desenvolver trabalhos missionários de ajuda humanitária e levar fé e prosperidade através da evangelização aos lugares mais remotos do Brasil e dos mais diversos países do mundo, especialmente às nações de língua portuguesa – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Assim como outras igrejas neopentecostais ou igrejas pertencentes à Terceira Onda do Pentecostalismo (WAGNER, 1991; FRESTON, 1994), a IURD busca a Renovação Cristã através: do missionarismo, o Brasil ocupava a segunda posição como principal país de origem em 2010, atrás apenas dos Estados Unidos (JOHNSON; CROSSING, 2013); e da midiaticização, a IURD possui veículos de mídia como TV, Rádio e Jornais em vários países do mundo (FRESTON, 1999), através da mídia as igrejas neopentecostais vêm conseguindo, paulatinamente, difundir seus discursos e cooptar mais fiéis.

Diferentemente do que ocorre no Brasil, onde a IURD é acusada de cometer atos de intolerância religiosa em relação às religiões de matrizes africanas, a de Moçambique tem a preocupação em adaptar suas práticas no intuito de respeitar aspectos culturais locais. Tal preocupação visa uma melhor receptividade do povo moçambicano em relação à Igreja, que se utiliza disso na luta por poder político no país. Conforme tese de doutorado do pesquisador Silas Fiorotti (2017), a IURD levou sua religião para Moçambique, mas não se limitou a ela, recorreu a um processo de adaptação e assimilação das religiões nativas do país. Fiorotti (2017) dá o exemplo da chamada “sessão do descarrego”, que é dirigida por um pastor moçambicano, porque ele tem a sensibilidade de não expulsar um espírito familiar e de não falar nada ofensivo. Ainda segundo Fiorotti (2017), essa luta por poder político está concentrada em duas bases centrais que são a popularidade da religião e a estratégia adotada que usa do discurso religioso para obter apoio político, porém, sem comprometer a possibilidade de apoio à oposição em caso de uma modificação no cenário político moçambicano, tal qual ocorreu no Brasil, quando a IURD demonstrou apoio ao ex-presidente Lula durante seus mandatos e se afastou à medida que o governo foi perdendo força.

De certo modo, essa estratégia da IURD vem dando certo, pois o atual presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, tem demonstrado aceitação e até proximidade com as religiões derivadas do cristianismo (JORNAL LUSA, 2014). Filipe Nyusi faz parte da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), presente na governança do país desde 1975, ano de sua independência. A atitude de Nyusi de receptividade em relação às religiões cristãs e seus líderes, destoa, em certa medida, da gênese da Frelimo, onde os movimentos nacionalistas africanos contaram com o apoio da União Soviética e de outros países socialistas, contrários aos países ocidentais/capitalistas (ALVES, 2012).

Igrejas neopentecostais encontram terreno fértil para atuarem em países em situação de crise como o caso de Moçambique, que vivia um contexto social, político e econômico conturbado pós-guerra civil (anos 70 a 90) e onde a IURD se internacionalizou em 1992. Segundo Bandeira (2006), a IURD assim como outras igrejas neopentecostais, surge e cresce rapidamente no país devido ao fato, dentre outros aspectos, de possuir um discurso religioso acessível associado a promessas atualizadas de amparo às demandas sociais que o governo não atende, como saúde, trabalho e assistência social. Na busca pela cura material e espiritual os moçambicanos, por muitas vezes, acabam doando todas as suas posses em forma de dízimos para a Igreja, na esperança de alcançarem o que almejam. Conforme aponta Silva

(2001), é nesse sentido que surge a expressão de “mercado da fé”, pois a fé das pessoas em situação de crise acaba sendo negociada.

Assim sendo, neste trabalho serão analisadas tanto as classes menos favorecidas da população de Moçambique, a fim de compreender as demandas sociais que a IURD acaba por suprir e qual sua real intenção nisso, quanto a elite que está no governo há décadas, com o intuito de tentar entender tal estratégia da IURD nessa busca por poder político. Tal tema se justifica academicamente devido: i. à importância de trabalhos nessa área visto o espaço cada vez maior da religião na luta por poder político; ii. abordagem das Relações Internacionais de uma perspectiva que vai além das tradicionais teorias sobre “guerra e paz” em virtude da relevância que outros aspectos das sociedades possuem (cultura e religião, por exemplo), essa abordagem é inovadora para as Relações Internacionais como campo geral, mas mais ainda para a academia brasileira, que pouco se debruça sobre a temática apesar da ascensão da Bancada Evangélica como grupo cada vez mais influente na política brasileira. Da mesma forma, se justifica socialmente por se tratar de um tema relevante e atual em razão da crescente influência da igreja (religião em geral) na sociedade/política brasileira e mundial. Essa influência pode ser verificada com clareza no Brasil com a chamada Bancada Evangélica, que vem crescendo ao longo dos anos e se articulando em relação a temas (igualdade de gênero, aborto, casamento homoafetivo, etc.) que afetam a sociedade como um todo. Além da influência da própria IURD, onde seus líderes comandam o Partido Republicano Brasileiro (PRB). A IURD elegeu 18 nomes nas eleições de 2018, ficando em segundo lugar como a igreja que mais elegeu parlamentares, atrás apenas da Assembleia de Deus, que elegeu 33 nomes. Isso demonstra que além de renovada, a Bancada Evangélica chegou com mais força no atual Congresso (MARINI; CARVALHO, 2018).

Diante a apresentação do tema e das justificativas, o problema de pesquisa desta monografia refere-se à questão de analisar qual a percepção moçambicana frente à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em seu país? Tendo como hipóteses: i. percepção positiva, devido ao passado do povo moçambicano de exploração e subjugação e onde a IURD através da ajuda humanitária busca suprir as demandas sociais desse povo; ii. percepção negativa, visto os escândalos de corrupção, discriminação, perseguição, etc., praticados por membros da igreja em relação à população de Moçambique, bem como em relação a outros países lusófonos africanos, a exemplo de Angola e São Tomé e Príncipe. Nesse sentido, o objetivo geral desta monografia baseia-se em entender como os moçambicanos percebem a ida da Igreja Universal do Reino de Deus para o seu país, uma vez

que a IURD carrega consigo uma forte bagagem cristã e ocidental que destoa da cultura local. Tendo como objetivos específicos: i. entender a criação da IURD e sua missão de evangelização pelo mundo, além de contextualizar a sua ida para Moçambique atuando como um ator não governamental internacional; ii. identificar os precedentes (colonialismo, neocolonialismo/imperialismo, independência e guerra civil) que explicam a atual situação moçambicana; iii. entender a relação da IURD com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo); iv. analisar a perspectiva da IURD sobre o povo moçambicano, a perspectiva do povo moçambicano sobre a IURD e comparar esses dois discursos à luz da teoria construtivista.

A teoria que vai sustentar as análises propostas neste trabalho será o construtivismo. Apesar do fato de alguns autores considerarem o construtivismo como uma metateoria e não uma teoria de Relações Internacionais propriamente dita (JORGENSEN, 2001), os enfoques construtivistas vêm sendo muito utilizados por salientarem dimensões ignoradas pelas perspectivas tradicionais. O construtivismo possui tantos autores quanto vertentes, de fato, dizer que o construtivismo é homogêneo é um erro. Ele surgiu ao final da década de 1980 e ganhou força na década seguinte, aparecendo nas principais revistas e artigos de Relações Internacionais devido aos dois intensos debates à época, o primeiro debate abordava o lugar das ideias e dos valores na análise dos eventos sociais e o segundo debate tratava sobre a antecedência ontológica dos agentes ou da estrutura (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Desse modo, o construtivismo surgiu como uma ponte ou diálogo entre os chamados racionalistas (realismo) e os reflexivistas (idealismo), isto é, trata-se de uma via média (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Em outras palavras, é um meio termo, pois acredita na existência de um mundo real (material), mas que esse mundo é uma construção social na qual o papel das ideias, através de seus discursos, identidades e interesses constroem essas próprias forças materiais, ou ainda, segundo Adler (1999), o construtivismo está no meio termo porque se interessa em entender como os mundos material, subjetivo e intersubjetivo interagem na construção social da realidade, e porque, mais do que considerar exclusivamente como as estruturas constituem as identidades e os interesses dos agentes, ele pretende também explicar como, antes de tudo, os agentes individuais constroem socialmente essas estruturas. Uma vertente específica entre os construtivistas que assim como os pós-modernos e os pós-estruturalistas seguem uma perspectiva interpretativista, adotam a posição mediativa, ou seja, são realistas ontológicos que acreditam que a realidade é afetada pelo conhecimento e por fatos sociais (ADLER, 1999). Embora aceitem a noção de que há um mundo real, acreditam,

no entanto que ele não é inteiramente determinado pela realidade física e é socialmente emergente, mas mais importante, acreditam que as identidades, os interesses e o comportamento dos agentes políticos são socialmente construídos por significados, interpretações e pressupostos coletivos sobre o mundo (ADLER, 1999).

A metodologia utilizada para estruturar este trabalho e atingir os objetivos citados acima será:

- a) revisão de literatura/fontes secundárias (livros, artigos, dissertações e teses pertinentes ao tema abordado);
- b) análise documental/fontes primárias (jornal da Igreja Universal do Reino de Deus e jornais moçambicanos);
- c) análise de discurso (analisar o que tais jornais demonstram através de seus discursos).

A virada linguística empregada por alguns construtivistas põe a análise do discurso, mais especificamente as regras e normas que organizam e regem o discurso, como central na análise dos eventos sociais em geral e das Relações Internacionais em particular. Desse ponto de vista, o que interessa aos construtivistas que adotaram a virada linguística são as normas e regras que constroem o discurso que acaba se referindo ao mundo social. É nesse sentido que os construtivistas consideram que a realidade é socialmente construída. Para os construtivistas, as normas informam os discursos e o discurso não é somente um instrumento para a ação política, mas sim a própria ação política (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

A análise do discurso como método e como perspectiva nas Ciências Sociais representa um meio de colocar em prática o papel da linguagem como eixo de compreensão e estudo dos processos sociais. Discurso e análise de discurso não são termos homogêneos, ambos possuem inúmeros sentidos diferentes em cada uma de suas variedades, tradições e práticas (IÑIGUEZ, 2004). O discurso é um conceito extraordinariamente polissêmico (IÑIGUEZ, 2004, p. 122), existem tantas definições de discurso quantos são seus autores (as) e tradições de análise. Existem diversas razões distintas para que o discurso tenha se transformado em um objeto de análise, de estudo e de debate nas Ciências Sociais, entre essas razões, podem-se destacar três, que por sua vez, respondem a razões de ordem diferente: primeiramente, existem razões de tipo teórico e metodológico; em segundo lugar, a

modificação da linguística desde sua ênfase inicial no estudo da linguagem como propriedade dos seres humanos até sua orientação para a análise do uso da linguagem nos vários contextos relacionais e de comunicação, também influenciou consideravelmente as outras ciências humanas e sociais, que enfrentam os mesmos processos a partir de óticas distintas; e por último, a relevância que os meios de comunicação adquiriram na atualidade e, em particular, as novas tecnologias de comunicação, colocam em evidência a centralidade desses processos na constituição, manutenção e desenvolvimento de nossas sociedades (IÑIGUEZ, 2004).

Dessa forma, no primeiro capítulo será abordada desde a origem da IURD até sua internacionalização em Moçambique, sendo expostos seus principais fundamentos e objetivos como um ator religioso no cenário internacional. No segundo capítulo serão apresentados os precedentes históricos de Moçambique, a fim de demonstrar o legado cultural, social, político e econômico deixado no país após serem explorados e oprimidos durante séculos pelas principais potências mundiais, além de entender a aproximação da Frelimo com a IURD. Por fim, no terceiro e último capítulo será abordada a pesquisa em si, pois os dois discursos (IURD sobre Moçambique e vice-versa) serão analisados e comparados pelas lentes do construtivismo.

2 A IURD NO BRASIL E NO MUNDO

Este capítulo tem o objetivo de apresentar desde a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) até a sua internacionalização em Moçambique. Para tanto, serão expostas as principais doutrinas da igreja considerada a expoente do neopentecostalismo brasileiro, dentre essas principais doutrinas cabe ressaltar a missão de levar os ensinamentos de Jesus Cristo através da evangelização aos lugares mais remotos do mundo, o uso da midiaticização para difundir tais ensinamentos e cooptar mais fiéis e a atuação da IURD como um ator não governamental internacional.

2.1 MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL E A FUNDAÇÃO DA IURD

O pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos ao final do século XIX e início do século XX e originou-se no movimento internacional de “holiness” (ou “Movimento de Santidade”). Tal movimento enfatizava, em seus primórdios, o batismo no Espírito Santo, a cura pela fé e a glossolalia (PICOLOTTO, 2016). Segundo Anderson (2013), o cenário de um forte protestantismo plural e de uma história de reavivamento, num contexto de marginalização dos imigrantes, de negros e de brancos, contribuiu para que os EUA fosse o berço do pentecostalismo.

Autores como Wagner (1991), Freston (1994, 1995) e Mariano (1996, 2004), compreendem o pentecostalismo em três fases, melhor dizendo, três ondas pentecostais, são elas: pentecostalismo de primeira onda (pentecostalismo clássico); pentecostalismo de segunda onda; e pentecostalismo de terceira onda (neopentecostalismo). A primeira onda do pentecostalismo no Brasil teve início em 1910 com a Congregação Cristã (primeira igreja pentecostal brasileira) e em 1911 com a Assembleia de Deus. Essas duas igrejas pioneiras foram as responsáveis por dominar o campo pentecostal brasileiro nos primeiros 40 anos após sua chegada ao país. A Congregação Cristã e a Assembleia de Deus caracterizaram-se pelo anticatolicismo, por “radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo”, no plano teológico elas destacaram o “dom de línguas” (glossolalia), “dons do Espírito” como evidência do Espírito Santo, e batismo no Espírito Santo, o retorno de Cristo e a salvação mediante a rejeição do mundo (MARIANO, 2004).

A segunda onda do pentecostalismo começou no início da década de 1950, num momento onde o pentecostalismo no Brasil era considerado o terceiro maior do mundo. Tal expansão vivenciada gerou muitas fragmentações. Dessas fragmentações emergiu em 1951 a

Igreja do Evangelho Quadrangular (primeira de origem norte-americana), em 1955 a Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (primeira fundada por um brasileiro) e em 1962 a Igreja Pentecostal Deus é Amor (voltada para as camadas mais pobres da população). Essas três igrejas foram as principais representantes do pentecostalismo de segunda onda (PICOLOTTO, 2016). As características comuns a essas igrejas pertencentes à segunda onda eram a “cura divina”, a cura de enfermidades como manifestação do “resultado da ação do Espírito”, a “libertação espiritual das forças malignas” (DIAS, 2011: 379; CORTEN, 1996: 285), a apropriação das mídias modernas (rádio apenas, televisão era proibida), atenção para com as classes mais baixas da sociedade, dentre outras.

A terceira onda do pentecostalismo soube se adaptar ao novo cenário presenciado no Brasil à época, vivia-se num contexto de aperfeiçoamento da industrialização, do “inchamento urbano”, da modernização da “comunicação de massa” e de sua disseminação para quase toda população, do “enfraquecimento da Igreja Católica”, do “crescimento da Umbanda” e da “estagnação econômica dos anos 1980” (FREESTON, 1993: 95). O pentecostalismo de terceira onda emergiu no fim da década de 1960 e início da década de 1970 e teve com a fundação em 1977 da Igreja Universal do Reino de Deus, a principal expoente do neopentecostalismo brasileiro, sendo a igreja evangélica que mais cresce no Brasil, atualmente (PICOLOTTO, 2016). No plano teológico, as igrejas neopentecostais caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por representar Cristo através da figura de líderes carismáticos¹, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidades pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (MARIANO, 2004).

Ari Oro (2001) apresenta os principais fundamentos do neopentecostalismo, tais como “dons do Espírito Santo”, “inspiração do Espírito Santo”, “batismo do Espírito Santo”, “conversão”, “libertação do mal”, “cura”, etc., porém, tal vertente pentecostal renova pelas características a seguir:

ênfase na realização de milagres, exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação, demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing,

¹ Max Weber abordou o tema liderança/dominação carismática em suas obras “Politics as a Vocation” (1919) e “Discipline and Charisma” (1946).

dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (ORO, 2001: 73)

A ênfase na Teologia da Prosperidade, no mercantilismo da fé das igrejas neopentecostais e na magia (MARIANO, 2004) receberam muitas críticas dos intelectuais, que gerou como resultado o afastamento de algumas igrejas pentecostais da categorização de neopentecostais. Diante desse cenário de afastamento, conforme Mariana Picolotto (2016), um dos líderes da Igreja Encontros de Fé, o Pastor Christian, ressalta que vai chegar um momento em que o Evangelho vai precisar provar-se verdadeiro, pois atualmente tem-se utilizado de forma exacerbada o campo da magia.

Considerada a principal igreja neopentecostal brasileira e uma das que mais se utiliza dessa ênfase na Teologia da Prosperidade, a Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977 no Rio de Janeiro pelos bispos Edir Macedo Bezerra e Romildo Ribeiro Soares (mais conhecido como missionário R. R. Soares). Romildo foi o primeiro líder da IURD, mas ao não concordar mais com as diretrizes que estavam sendo traçadas desligou-se da igreja em 1980 e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus (MACEDO, 2012). A Internacional juntamente com a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada em 1998 por Valdemiro Santiago de Oliveira (ex-bispo da IURD), são as maiores concorrentes no campo religioso evangélico brasileiro da Igreja Universal do Reino de Deus.

Leonildo Campos (1999), diz que a teologia da IURD se articula ao redor de quatro pontos principais, dentre eles cabe destacar o exorcismo de maus espíritos e libertação de suas influências negativas, a cura como expressão da salvação e prosperidade na vida e o sucesso material como comprovação da presença de Deus na vida do fiel. Ainda segundo Leonildo:

a IURD é um movimento neopentecostal, que se propaga numa sociedade pluralista cujo campo religioso concorrencial e turbulento facilita o surgimento de entidades ágeis, sintonizadas com as necessidades e desejos de um público devidamente segmentado, formando assim seu próprio mercado, empregando para isso estratégias de marketing e de propaganda, que tomam corpo em uma retórica e teologia adaptáveis aos interesses de uma sociedade capitalista em processo de globalização (CAMPOS, 1999: 357)

O sucesso da IURD desde sua fundação há mais de 43 anos, conforme o sociólogo Carlos Gutierrez (2017) pode ser explicado por uma série de fatores, como o aparato midiático, a penetração nas periferias e sua adaptabilidade em atender as demandas de indivíduos cada vez mais plurais. Gutierrez (2017) pontua, apesar das inúmeras controvérsias

envolvidas e das críticas recebidas, a Igreja Universal do Reino de Deus constituiu-se uma das maiores instituições evangélicas do país, a quarta, segundo informações do último Censo².

De acordo com o teólogo Fabrício Veliq³ (2018), as características das igrejas pertencentes ao movimento neopentecostal, além da já mencionada Teologia da Prosperidade, referem-se aos cultos voltados para processos de cura e libertação em uma luta constante contra, principalmente, as religiões de matrizes africanas, que são consideradas como religiões comandadas por demônios. O movimento neopentecostal traz a mensagem evangélica numa linguagem mais direta e acessível, o que facilita sua assimilação pelas classes mais baixas da população, além de não exigir estudos teológicos mais profundos, ao invés disso, opta por realizar seus cultos com louvores e pregações motivacionais e acaba sendo, muitas vezes, berço de charlatões(ãs) que usam da fé de pessoas simples para tirar delas tudo o que possuem (VELIQ, 2018).

Nesse sentido, entra em cena a figura de Edir Macedo Bezerra, nascido em 18 de fevereiro de 1945, na cidade de Rio das Flores - RJ, vindo de uma família católica, rompeu com o catolicismo aos 19 anos quando começou a frequentar um culto evangélico da Igreja Pentecostal de Nova Vida (MACEDO, 2012). Líder religioso, proprietário de um conglomerado de mídia no Brasil, empresário e dono de uma fortuna avaliada em cerca de 2 bilhões de reais, ele é o 1.638º bilionário mais rico do mundo e o pastor mais rico do Brasil⁴ (FORBES, 2013).

Líder carismático e dono de incríveis técnicas de manipulação, tais técnicas são duramente criticadas pelas demais instituições evangélicas do Brasil. Macedo conseguiu com que sua igreja alcançasse um crescimento extraordinário e em menos de 20 anos transformou um pequeno local alugado de um bairro humilde do Rio de Janeiro na maior multinacional brasileira (ACI DIGITAL, 2020). Porém, tal êxito não evitou a sua prisão em 1992, acusado pelo Ministério Público de São Paulo pelos crimes de curandeirismo, charlatanismo e estelionato, além de tráfico internacional de crianças, onde menores com famílias socialmente vulneráveis eram adotados de forma ilegal por bispos e pastores da igreja (TVI PORTUGAL,

² Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000 e 2010, por pesquisas da Fundação Getúlio Vargas em 2009, pelo Instituto DataFolha em 2014 e outras fontes.

³ Publicação para a Dom Total em 18/05/2018. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1258786/2018/05/movimento-pentecostal-e-neopentecostal-diferencas-e-semelhancas/>. Acesso em: 01/04/2020.

⁴ The Richest Pastors In Brazil, Revista Forbes, 17/01/2013. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/#48b930ff5b1e>. Acesso em 01/04/2020.

2017). O bispo foi absolvido pela 21ª Vara Criminal de São Paulo, após 11 dias de prisão e posteriormente alegou que a sua prisão foi resultado de uma “perseguição do clero romano” e que ele seria tratado como “líder de uma seita pela cúpula católica”, segundo Macedo (2012) “eram políticos de prestígio, empresários da elite econômica e social, intelectuais, juízes, desembargadores e outras autoridades do Poder Judiciário que tomavam decisões sob a influência do alto comando católico”.

A Igreja Universal do Reino de Deus não tem doutrinas discordantes dos Evangelhos, conforme explica Macedo (2007), nada que os pastores pregam estaria fora do contexto bíblico, mas sim apresentam a Deus uma oferta de sacrifício aceitável. Esse seria o motivo da IURD ter crescido em todo o mundo, vencendo as barreiras da cultura e acusações da mídia.

2.1.1 Relação com a mídia e midiaticização

“O Despertar da Fé” foi o primeiro programa da Igreja Universal do Reino de Deus, transmitido ao final da década de 1970, na extinta TV Tupi, canal 6, no Rio de Janeiro. No ano de 1989, Edir Macedo adquiriu a Rede Record, a segunda rede de transmissão aberta com maior audiência no país⁵, atrás apenas da Rede Globo, a emissora carioca é considerada um dos maiores inimigos da IURD (MACEDO, 2013). A Igreja Universal do Reino de Deus controla, mais de 20 emissoras de televisão, mais de 30 de rádio, pelo menos dois jornais diários e duas gráficas, onde além de realizarem a impressão de jornais de circulação nacional e regional, editoram também o jornal oficial da igreja, a Folha Universal. A Rede Record e a Folha Universal são os principais meios de comunicação ligados à instituição. Nesse intuito de expandir-se, a IURD ainda comprou e contratou emissoras na Argentina, em Portugal e Moçambique (ACI DIGITAL, 2020).

No Brasil, a expansão pentecostal não é recente e nem ocasional. Ocorre de modo constante já há meio século, o que permitiu que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país. Conforme Ricardo Mariano (2004):

seu avanço não é expressivo apenas nos planos religioso e demográfico. Estende-se pelos campos midiático, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Seus adeptos não se restringem mais somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas. Ao lado e por meio disso, o pentecostalismo vem conquistando crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento

⁵ Ranking: 30 canais abertos e pagos mais vistos em maio. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2020/06/21/ranking-30-canais-abertos-e-pagos-mais-vistos-em-maio.htm>. Acesso em: 01/08/2020.

social e deitando e aprofundando raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade brasileira (MARIANO, 2004)

O doutor em comunicação Alexandre Dresch Bandeira⁶ segue esse mesmo raciocínio ao afirmar que o crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil é parte de um expressivo processo de midiaticização, que conta cada vez mais, com aparatos para difundir seus discursos e vender seus produtos. Mas discorda de tal afirmativa de Mariano (2004), por entender que a classe média vai onde lhe convém e achar pouco provável ela se converter, afinal, a classe média brasileira já está de certa forma usufruindo os “objetos de seus sonhos”. As neopentecostais “são altamente midiaticizadas e usam todo o potencial midiático disponível, mas estão longe de serem eletrônicas”, seus templos ainda são os espaços essenciais de usufrutos e interações, os dispositivos midiáticos, por sua vez, servem para captar o fiel e divulgar ofertas (BANDEIRA, 2006).

Ao analisar a Igreja Universal do Reino de Deus, Bandeira (2006) destaca que Edir Macedo está propondo um novo discurso a partir da construção do Templo de Salomão em São Paulo, tal construção ampara várias interpretações comunicacionais e midiáticas, enviando um recado subliminar para as igrejas rivais. Um desses recados refere-se à impressão de que a IURD chegou ao apogeu da sua “grandiosidade”. O templo é o lugar que insere a igreja no contexto social da cidade, do território e afins. A abundância e grandeza dos templos influenciam e fazem parte das estratégias de atração. Os templos dedicam-se, basicamente, a duas coisas: receber os fiéis e realizar a coleta financeira (BANDEIRA, 2006).

Ainda segundo Bandeira (2006), as igrejas neopentecostais usufruem das brechas da lei de liberdade religiosa para encobrir a isenção de tributos e encargos para esse tipo de organização religiosa, além de facilitar o enriquecimento pessoal dos bispos e pastores da IURD, que muitos afirmam serem oriundos da exploração da fé de pessoas vulneráveis que procuram a igreja visando solucionar seus problemas por meio de “milagres”.

2.1.2 Missionarismo e evangelização

Pois assim diz a Palavra de Deus: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Marcos 16.15). No cristianismo, pregação é como é conhecida a divulgação do conteúdo da Bíblia Cristã com o objetivo de realizar proselitismo religioso através do

⁶ Entrevista concedida à IHU Online em 20/07/2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569799-lideres-das-tres-principais-igrejas-neopentecostais-travam-armagedom-midiatico-entrevista-especial-com-alexandre-dresch-bandeira>. Acesso em: 01/04/2020.

Evangelho de Cristo. A pregação vem desde o tempo de Jesus e chega até os dias atuais, atingindo locais onde a religião ainda não havia sido difundida. Essa propaganda realizada por cristãos é fundamentada numa “ordem” dada por Jesus aos seus santos apóstolos (ou enviados), segundo a narração no Novo Testamento.

De acordo com o próprio site da Igreja Universal do Reino Deus, a IURD é uma entidade religiosa sem fins lucrativos e está registrada no Registro Nacional de Pessoas Coletivas Religiosas sob o nº 121, que tem em seu estatuto a missão principal da pregação do Evangelho e da Palavra de Jesus Cristo por todo o mundo. Para ajudar no desenvolvimento de tal trabalho missionário, pastores e bispos têm travado uma luta árdua e diária por todos aqueles que precisam de ajuda e orientação, levando uma palavra de conforto a todos que padecem (SITE UNIVERSAL, 2020?).

Evangelização (ou evangelismo) consiste na pregação do Evangelho Cristão e serve de base para o nome dos quatro primeiros livros do Novo Testamento bíblico chamados “Evangelhos”. Por essa razão, os autores desses quatro livros são denominados evangelistas – Mateus, Marcos, Lucas e João. A evangelização não é um trabalho opcional da Igreja, mas sim uma obrigação de cada seguidor de Cristo, é a missão mais urgente e importante da Igreja de Cristo, não podendo ser adiada, nem substituída. A missão de pregar a todos, em todos os lugares e em todo tempo, inclui a evangelização pessoal, coletiva, nacional e transcultural, pois é fundamental se olhar além das fronteiras e ouvir o apelo das nações, tribos e povos não alcançados (ESCOLA DOMINICAL, 2016?).

Conforme Mariano (2010), as igrejas evangélicas brasileiras puderam intensificar os projetos de internacionalização do seu proselitismo religioso somente a partir do contexto da redemocratização no Brasil, iniciado no ano de 1985, juntamente com o impulso da globalização. Ainda segundo o autor:

fazendo jus a suas ambições globalizantes, a Universal iniciou as primeiras missões no exterior em meados dos anos 80, começando por Estados Unidos (1986), Uruguai (1989), Portugal (1989) e Argentina (1990). Na época, Edir Macedo [líder da igreja] tinha a convicção de que Nova York, onde morava, era “o centro de todas as nações do mundo como Roma era no tempo de Jesus” e que de lá poderia formar um centro de evangelismo mundial, a partir do qual enviaria os imigrantes convertidos como missionários a seus países de origem para auxiliar na implantação da igreja. O projeto fracassou. Foi somente a partir da década de 90, com o envio de levas de pastores e bispos brasileiros apoiados, a seguir, por estrangeiros elevados ao pastorado, que a denominação cresceu. Conseguiu fincar pé em toda a América Latina, na América do Norte, em boa parte da Europa e da África, em alguns países da Ásia e, por último, em certos lugares do Oriente Médio e da Oceania (MARIANO, 2010: 04)

Nesse sentido, a aceleração do processo de transnacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus que se sucedeu desde 1990, acompanhou o desenvolvimento de uma globalização fundamentada no modelo individualista e neoliberal que dominou as dinâmicas internacionais desde o início do século XX (TADVALD, 2013). Para Tadvald, dentro desse contexto:

a doutrina missionária praticada pela IURD procura os pobres e os desenraizados, estabelecendo uma ideia de Espírito Santo significado de maneira a se constituir em uma força e não em uma personalidade, que pode assim ser adaptada mais facilmente a culturas transnacionais onde o elemento cristão se faz notar mais significativamente, o mesmo não ocorrendo em outras regiões do mundo mais alheias ao universo cristão de significação (TADVALD, 2013: 136)

Assim, a IURD consegue atuar de forma mais abrangente, combinando o tradicional com o hipermoderno, introduzindo suas práticas por meio de culturas populares relacionadas ao individualismo urbano e ao transnacional. Dessa maneira, a IURD participa em sua totalidade do processo da mundialização, com maior ou menor êxito no que se refere à facilidade ou não de implementar seu proselitismo em cada região, tornando a igreja presente, mesmo que simbolicamente, em todos os continentes do mundo (TADVALD, 2013).

2.2 RELIGIÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A história das Relações Internacionais no Ocidente foi marcada pelo exercício do poder papal na regulação dos conflitos religiosos, políticos e econômicos. A Reforma Protestante (1517), seguida por inúmeras guerras religiosas entre católicos e protestantes que afetaram a Europa nos séculos XVI e XVII, a exemplo da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), abalou radicalmente tal sistema político-religioso vigente (SANTOS, 2015). O ato fundador das RI marcado pelo Tratado de Paz de Westfália (1648), deu fim ao contexto europeu de guerras religiosas e estabeleceu o surgimento dos Estados soberanos modernos (ROMANO, 2008; CAMPOS, 2015). Devido ao ato fundador, as RI puderam nascer como uma disciplina secular e moderna, baseada na mais minuciosa observância da separação entre política e religião, público e privado, racional e irracional (HURD, 2004; KUBÁLKOVÁ, 2009).

Autores como Thomas Hobbes, Nicolau Maquiavel, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, dentre outros, não apenas descreveram um mundo em que os atores religiosos tinham perdido sua autoridade na arena internacional, mas recomendavam que a política fosse desenvolvida sem eles (JESUS, 2018). O poder estatal cresceu, enquanto se observou o declínio relativo do poder temporal das igrejas cristãs. As autoridades religiosas

foram subordinadas às autoridades políticas dentro dos Estados (PHILPOTT, 2000). Política e religião não poderiam mais coexistir na práxis das Relações Internacionais, isso porque a política com menção à religião se tornou a maior ameaça para a ordem, segurança e civilização (PETITO; HATZOPOLOUS, 2003).

A religião foi o elemento que precisou sucumbir para que a política internacional moderna pudesse emergir (PETITO; HATZOPOLOUS, 2003), em outras palavras, para que a sociedade internacional nascesse, a religião tinha que ser privatizada e nacionalizada pelo Estado, pois o Sistema de Estados Vestfalianos substituiu a autoridade transnacional da Igreja Católica e reconheceu os Estados como seus principais atores (SOARES, 2016). Nesse sentido, foram adotados nos tratados o princípio de que cada governante estabeleceria a religião de seu domínio, não somente no âmbito interno, mas no internacional, a fim de garantir a soberania externa como parte da norma de não-intervenção no campo religioso e nos assuntos domésticos referentes a cada Estado, maximizando assim, a independência de seus governantes e a pluralidade de Estados na sociedade internacional (THOMAS, 2003; 2005).

Deste ato em diante, filósofos iluministas como Immanuel Kant, John Locke e William Penn consideraram a “tese da secularização” um fato consumado e irreversível, distinguindo crescentemente esferas religiosas de seculares e privatizando a primeira como exigência à democracia liberal (CAMPOS, 2015). Segundo Norris e Inglehart (2004) a ideia de que a secularização, uma tendência global da modernidade, anularia a importância da religião, sobrepondo-a, de modo que esta desapareceria gradualmente frente à introdução da sociedade industrial.

Auguste Comte, Karl Marx, Émile Durkheim, e Max Weber, influentes teóricos do século XIX e principais fundadores das Ciências Sociais modernas, acreditavam que a “rejeição à religião” estava ligada ao fato desta ser um resquício pré-moderno que desapareceria com o avanço da industrialização, da urbanização e da burocratização, e tal ceticismo em relação à religião foi incorporado à teorização em Ciência Política e em Relações Internacionais ao longo do século XX (BELLIN, 2008). De acordo com Fox (2004):

tradicionalmente, a teoria da secularização indica que os processos de modernização como urbanização, desenvolvimento econômico, instituições sociais modernas, aumento nas taxas de educação, etc., levaria à queda da influência da religião, que seria substituída por fenômenos racionais, seculares e científicos (FOX, 2004: 716)

A secularização pós-vestfaliana, ponto de partida da separação entre a religião e a política internacional, representou um vazio de produção e reflexão no meio acadêmico sobre o tema religião e RI, esse vazio decorre do distanciamento global entre as Relações Internacionais e a religião, além de uma profunda posituação e cientificização na agenda internacional (NOBRE, 2018). Alguns estudiosos que relegaram por muitos anos o fenômeno religioso ao esquecimento, reconhecem que a rejeição à religião é reflexo de uma visão especificamente “ocidental” das RI e que tal rejeição parece estar inscrita no problema central das Relações Internacionais (CARLETTI; FERREIRA, 2016). O abandono do tema religioso aparenta ainda residir num problema mais intrínseco de estruturação do campo teórico, onde os pressupostos religiosos foram eliminados das bases conceituais que regem as teorias do mainstream das Relações Internacionais e se tornaram meras variáveis secundárias para a conquista do poder (FOX, 2006).

A partir de então, não só a religião, mas as forças sociais e os aspectos culturais passaram a ser marginalizados nos paradigmas e correntes internacionalistas, o foco do debate da arena global era mantido nos assuntos do sistema de Estados, guerras, segurança, dentre outros (SOARES, 2016). Conforme Nobre (2018):

a obsessão cientificista gerou obstáculos e descrença a uma série de variáveis ditas perturbadoras e imensuráveis, como a maior parte dos elementos relativos à cultura e identidade, como religião. Para o campo, isso resultou em uma ampliação sobremaneira de agendas duras e da exclusão de elementos ricos em profundidade e diversidade, como religião (NOBRE, 2018: 208)

Entretanto, basta olhar para a gênese do campo das RI e de seus precursores, para perceber uma relação muito mais complexa e interdependente com a religião do que possa parecer à primeira vista (CAMPOS, 2015). A relação entre os novos Estados, suas populações, grupos e dinâmicas durante o período caracterizado como “secular” ou “não-religioso” comprovam tal afirmação, haja vista que o fenômeno religioso e seus desdobramentos jamais abandonaram as principais dinâmicas das Relações Internacionais, a exemplo das guerras, migrações, terrorismo ou mesmo elementos técnicos, como os acordos de cooperação e tratados (NOBRE, 2018). Peter Berger, sociólogo norte-americano da Universidade de Boston e um dos idealizadores da teoria da secularização, refutou anos depois a referida teoria e propôs a teoria da dessecularização, pois segundo ele “o mundo de hoje, com algumas exceções [...] é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares”. (BERGER, 2000, p.10).

O fim da Guerra Fria, a consequente desintegração da União Soviética que representava o perigo do “bloco comunista” e violentos acontecimentos com inspirações político-religiosas, com destaque aos atentados terroristas do dia 11 de setembro de 2001 (ESTRADA, 2015; SOARES, 2016; CARLETTI; FERREIRA, 2016; JESUS, 2018), resultaram na crise dos paradigmas predominantes no estudo das Relações Internacionais. Tal contexto provocou profundas mudanças no sistema político internacional, incentivando vários analistas a propor novos conceitos como tentativa de explicar e até mesmo intervir na nova ordem mundial no sistema político internacional vigente. Nesse sentido, analistas internacionais como Huntington (1994; 1997), Fukuyama (1992; 2006), Kennedy (1988; 1993) Wallerstein (1991), Minc (1994), Ramonet (1998), entre outros, são exemplos de visões que sugerem, ao nosso entendimento, que o estudo das RI na história contemporânea comporta múltiplos olhares, possibilitando novas abordagens (SANTOS, 2015).

A “virada religiosa” ou “virada para a religião” decorrente, dentre outros fatores, dos decisivos eventos citados anteriormente caracterizou a ressurgência da religião ao centro dos debates teóricos e acadêmicos das RI (KRATOCHVÍL, 2009; KUBÁLKOVÁ, 2009; THOMAS, 2014). Esse reavivamento do fenômeno religioso no “ocidente” num período intitulado como “pós-secular”, demonstrou o ressurgimento da religião, mas não sem declínio, mutação e resistência, retornando, porém, ao âmago dos debates públicos, políticos e sociais, seja em âmbito local, nacional ou internacional (GRAHAM, 2013). Como nos aponta Soares (2016), o ressurgimento da religião é algo que só é assim identificável para os adeptos da tese da secularização ou para os europeus ocidentais, onde de fato alguma plausibilidade para aquela tese ainda é relevante. Se tomarmos um olhar global, tal ressurgimento não se sustenta, visto que nunca houve o desaparecimento da religião como fenômeno público ou como extensão da identidade cultural em boa parte do mundo, em particular, no mundo pós-colonial americano, asiático e africano.

A ressurgência global da discussão sobre religião refletiu de certa forma, da desilusão com as instituições modernas que, na visão de diversos autores, resultou do fracasso do Estado secular em oferecer níveis básicos de bem-estar econômico para os cidadãos, especialmente, no Terceiro Mundo (JESUS, 2018). O Choque de Civilizações de Samuel Huntington (1996), é considerado um “divisor de águas” na área, pois ele pôs a religião como preocupação central da pesquisa e agenda política para o nascente século XXI ao afirmar que após o fim da Guerra Fria os conflitos não seriam mais ideológicos, mas sim civilizacionais

culturais, cujas matrizes são identificadas religiosamente (ESTRADA, 2015; SOARES, 2016).

2.2.1 A IURD como ator não governamental internacional

Em muitos Estados em desenvolvimento, o nacionalismo secular e o marxismo fracassaram na produção de desenvolvimento econômico, enquanto as prescrições neoliberais de livre mercado e economias abertas produziu mais desigualdade que desenvolvimento (THOMAS, 2003, p.22). A nova ordem mundial formada no período pós-Guerra Fria consolidou a ideologia neoliberal e demonstrou que as relações de poder no sistema político internacional não estavam mais restritas somente aos Estados nacionais, podendo envolver novos atores da arena internacional, uma vez que os governos estão deixando de ser, gradativamente, os protagonistas no cenário global. Portanto, é sob a expansão do multilateralismo que os novos atores internacionais e atores não estatais, a exemplo das Organizações não Governamentais (ONG's), passaram a ganhar cada vez mais espaço num mundo crescentemente pluralista (SILVA, 2015).

As ONG's cumprem papel relevante para a sociedade, uma vez que, em sua grande maioria, tentam suprir as demandas da população em áreas onde o poder estatal não consegue atuar de forma eficiente. De acordo com o sociólogo Sébastien Fath (2008), as igrejas evangélicas e as ONG's que elas apoiam estão desenvolvendo um empreendimento humanitário internacional cujas políticas públicas estão, cada vez mais, sendo colocadas em prática, fato que as torna atores geopolíticos essenciais no campo humanitário.

Ocupando-se com assuntos de cunho transnacional, as ONG's possuem na atualidade um papel importante nos processos de valorização social e desenvolvimento que, como mencionado, alguns governos não conseguem resolver em sua totalidade (MOISES, 2015). Ainda segundo Moises (2015):

a ascensão de novos atores na arena internacional ocorre juntamente com a reestruturação desta, dentro da perspectiva solidarista com vistas ao desenvolvimento humano, em que as ONG's, oriundas da promoção desse objetivo, até mesmo antes do “enfraquecimento estatal”, são parte decisiva. São as organizações não governamentais que pressionam e viabilizam processos para políticas públicas, dão voz à sociedade civil, por vezes dispersa, integram o capital privado nas ações de cunho social e fornecem ajuda humanitária, como grandes expoentes dos esforços à convivência social e melhoramento do espaço político (MOISES, 2015: 10)

Assim sendo, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), se insere como um ator não governamental internacional na medida em que se adapta à realidade das demandas sociais dos lugares onde ela se internacionaliza, conciliando discurso e prática com facilidade, de modo a atrair fiéis em cada região onde atua (ROSAS, 2016). Segundo Freston (1999), também é parte do processo de regulamentação jurídico-institucional o crescimento das igrejas nos novos locais de atuação, além das estratégias de adaptação no exterior a fim de superar oposições políticas, uma vez que promove a igreja como instituição religiosa engajada na oferta de benefícios sociais.

O assistencialismo religioso internacional pode ser considerado uma extensão da já bem conhecida dinâmica proselitista dos evangélicos. A IURD apresenta ainda o discurso de que o sinal de prosperidade é a dispensa de ajuda, fato esse, que permitiria pensar na diminuição progressiva da agenda benevolente da igreja, embora seja mais coerente apostar no contrário, uma vez que a assistência relaciona a IURD a instâncias governamentais estratégicas, seja tentando ocupar lacunas nos setores sociais ou como aliada nas atividades de conscientização, educação e lazer (ROSAS, 2016).

Considerando o processo de globalização do pentecostalismo brasileiro, a IURD apresenta diferenciais em relação às demais igrejas, sua inserção no exterior conta com forte poderio midiático e é caracterizada pela compra de espaços públicos, aberturas de templos e realização de obras sociais. A expansão da IURD para além das fronteiras brasileiras teve início no Paraguai em 1985 (FRESTON, 1999), mas foi somente na década de 1990 que a igreja ampliou, verdadeiramente, sua ação internacional (ROSAS, 2016). O êxito em determinadas regiões da transnacionalização religiosa da IURD está ligado à sua capacidade de adaptação aos contextos culturais locais (ORO, 2004).

O caráter missionário de determinados grupos evangélicos brasileiros colocou o país entre os principais emissores de religiosos do mundo. De acordo com Milani, Muñoz, Duarte e Klein (2014):

trata-se de um fenômeno que tradicionalmente fora empreendido por católicos, mas que vem sendo superado em volume por grupos evangélicos. O Brasil é hoje o segundo maior emissor de missionários do mundo, só atrás dos Estados Unidos. No ano de 2010, estimavam-se em 34 mil o número de cristãos brasileiros que partiram em missão religiosa para o exterior, um aumento de 70% em comparação com os valores do ano 2000. Com o declínio da Europa e a estagnação dos Estados Unidos, aumenta a importância dos países do Sul no total de cristãos no mundo, em especial na África e na Ásia. Nitidamente a nova fronteira de expansão para o cristianismo está hoje nos países em desenvolvimento (MILANI; MUÑOZ; DUARTE; KLEIN, 2014: 74)

A IURD contribuiu, de certa forma, para inverter a histórica tendência do fluxo religioso em relação ao Brasil, isso se deve ao fato da igreja estar presente hoje em 96 países (SITE UNIVERSAL, 2020?). A presença da IURD no exterior associa práticas de evangelização de estrangeiros e assistência a brasileiros, contando com uma grande rede midiática de rádios, canais de televisão, livros e jornais, realiza ações humanitárias além-fronteiras, principalmente na África, onde distribui alimentos e preservativos no combate à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Países africanos lusófonos vivem um fenômeno recente de conversão religiosa de parcela da população de costumes católicos para cultos evangélicos (MILANI; MUÑOZ; DUARTE; KLEIN, 2014).

As ajudas são instrumentos na busca por legitimidade num contexto de implantação de uma fé estrangeira e conseguem determinar conexões sem as quais o estabelecimento da religião não aconteceria (ROSAS, 2016). Nesse sentido, a religião pode influenciar as identidades e as motivações das pessoas em um conflito, o propósito e a intensidade dos objetivos políticos de um grupo religioso e a natureza transnacional de grupos e comunidades. Em suas perspectivas mais inclusivas, a religião pode ainda criar lealdades que permitam mais justiça e paz a toda a humanidade e oferecer bases para esforços transnacionais voltados para a melhoria em todos os níveis de interação social no mundo globalizado, variando de questões humanitárias à governança global. (ESTRADA, 2015; JESUS, 2018).

A IURD – focada em cura, libertação e prosperidade – igreja expoente do neopentecostalismo brasileiro, tem alcançado diversas localidades, tanto no continente africano quanto na Ásia e na Europa, fato que determina, por meio da religião, uma importante ponte entre países menos e mais desenvolvidos ao redor do mundo (FREESTON, 2005). As obras sociais desenvolvidas pela IURD auxiliam na exportação de um modelo brasileiro de religiosidade, caracterizando uma nova fase do cristianismo global, onde a importância da religião entre os países do Sul e a expansão de suas populações faz com que o atual panorama religioso, em termos mundiais, seja caracterizado pela tendência ligeiramente ascendente no número de indivíduos que se consideram religiosos. (MILANI; MUÑOZ; DUARTE; KLEIN, 2014; ROSAS, 2016).

2.3 A INTERNACIONALIZAÇÃO DA IURD EM MOÇAMBIQUE

A expansão internacional da Igreja Universal do Reino de Deus teve início no Paraguai no ano de 1985 quando inaugurou sua primeira igreja em solo paraguaio,

posteriormente, instalou-se nos Estados Unidos no ano de 1986 e na Argentina, Uruguai e Portugal no ano de 1989 (FREESTON, 2001). Tal expansão da IURD foi lenta nos primeiros anos, porém, a partir da década de 1990 começou a ganhar mais força e continua crescendo até os dias atuais. A IURD é encontrada hoje em 96 países⁷, entretanto, sua implantação é simbólica na maioria deles, pois são poucos os países em que a IURD possui mais de 50 templos. Países onde a implantação da IURD não é simbólica podem ser encontrados na América Latina, a exemplo de Brasil, Argentina e Venezuela; na Europa, em Portugal e Reino Unido; na África, em Moçambique, Costa do Marfim e África do Sul; além dos Estados Unidos (ORO, 2004).

A Igreja Universal do Reino de Deus chegou a Moçambique em 1992, logo após o fim da guerra civil. Num contexto de crise, o país estava extremamente pobre pelos saldos da guerra, dependente de ajuda estrangeira e vulnerável a influências vindas do exterior (ROSAS, 2016). A IURD foi a primeira igreja evangélica em Moçambique, seguida por outras pentecostais e neopentecostais brasileiras como a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) e a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), que asseguraram seu lugar ainda na mesma década. A inserção das referidas igrejas em território moçambicano só foi possível graças ao reconhecimento da liberdade de culto por parte do governo e evidencia a ascensão missionária protestante, de acordo com a Constituição de Moçambique, o país é um Estado secular onde existe uma absoluta separação entre o Estado e as instituições religiosas (FIOROTTI, 2013).

Segundo Oro (2004), a expansão internacional da IURD resulta de uma decisão da própria igreja de acordo com seus interesses e ela se relaciona com instâncias estatais somente naquilo que for exigido legalmente, por exemplo: visto, passaporte, registro e impostos. Os dirigentes da igreja efetuam um levantamento de países e cidades em que desejam se inserir, para a escolha de tais locais é levada em consideração a possível clientela e, sobretudo, a presença de brasileiros ou hispânicos (ORO, 2004). Poucos lugares do mundo fornecem terra mais fértil para uma mensagem de cura e prosperidade do que Moçambique, com 90% da população tentando sobreviver com menos de dois dólares por dia, com metade das crianças sofrendo com desnutrição crônica, o país africano tornou-se um poderoso centro de captação de adeptos para a Igreja Universal do Reino de Deus (JORNAL GGN, 2012).

⁷ Lista de países onde a Igreja Universal do Reino de Deus está inserida. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/paises/>. Acesso em: 01/09/2020.

A memória da antipatia marxista à religião durante os primeiros anos da independência e do catolicismo paternalista do Estado colonial, permitiu que a IURD encontrasse um povo receptivo a uma nova forma de expressão religiosa. Conseguiu adeptos com o mesmo discurso existente no Brasil: a flexibilidade das suas orações, a ausência de regras fixas para os fiéis e, sobretudo, pela grandeza da sua promessa de transformação pessoal (JORNAL GGN, 2012). A IURD alcançou grande crescimento e visibilidade na região sul de Moçambique, especialmente na capital Maputo e atraiu indivíduos de formação católica e de classe baixa e média baixa (SILVA, 2003; FRESTON, 2005).

Silva (2003) ainda afirma que assim como no Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus em Moçambique apresenta mensagens e ações que vão de encontro com as necessidades das populações e que nesse sentido, ela teria encontrado “um campo fértil para atuar junto às esferas sociais negligenciadas pela incapacidade e fraqueza do Estado em providenciar o bem-estar necessário” (p. 135).

De acordo com o diário de assuntos religiosos *The Revealer* (2013), em nenhum outro lugar a IURD alcançou mais sucesso do que na África lusófona, grande parte da popularidade da igreja em Angola e Moçambique deve-se à língua comum, fato que tornou os missionários brasileiros mais eficazes nesses dois países do que em partes da África de língua inglesa ou francesa e que as possibilitou encher estádios com mais de 40 mil pessoas em seus cultos, incluindo membros do governo. A Igreja Universal do Reino de Deus se beneficiou de uma maior afinidade cultural em Moçambique, que se estende ao uso intenso da mídia pela igreja, além de seu posicionamento em relação às religiões tradicionais locais (THE REVEALER, 2013).

A IURD detém a TV Miramar e uma rede de rádios em Moçambique e parte de seu êxito pode ser atribuído ao fato de a TV Miramar retransmitir a programação da brasileira TV Record, também de propriedade da igreja do bispo Macedo (ROSAS, 2016). Para Freston (2005), um dos principais fatores que merecem atenção é como a igreja conseguiu reproduzir fielmente a relevância que usufruiu no Brasil em relação à inserção na mídia e ao desenvolvimento de projetos sociais. O crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus em Moçambique se deve não só à proximidade com crenças populares, mas também à ênfase dada inclusive pela mídia (TV Miramar e afins) à família, saúde, libertação e prosperidade, a IURD conseguiu “oferecer uma resposta a uma sociedade arrasada pela guerra, atuando na

tentativa de reconstruir os valores morais e recriar a dignidade humana” (SILVA, 2003, p. 131-135).

No campo das ações sociais a Igreja Universal do Reino de Deus investiu pesadamente em Moçambique, seja na tentativa de aumentar sua legitimidade no país ou por sensibilidade à situação social local, foi implantada a Associação Beneficente Cristã (ABC)⁸, assim como em Angola (FRESTON, 2005) e após anos de implantação a IURD continua ampliando e atualizando a agenda de ações coordenadas por tal Associação (ROSAS, 2016). A ação social em Moçambique está estruturada em três eixos principais: combater o analfabetismo, erradicar a pobreza e lutar contra o HIV/AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis (ARCA UNIVERSAL, 2009). Conforme Rosas (2016), Moçambique é um exemplo da importância da assistência voluntária se adaptar a pautas que refletem a realidade da região.

No que refere-se ao primeiro eixo da ação social da IURD em Moçambique, cabe ressaltar o papel desempenhado pelo Centro de Formação Profissional que promove o Projeto Ler e Escrever⁹, o referido projeto visa combater o analfabetismo e oferece oportunidade de capacitação a jovens e adultos a fim de inseri-los no mercado de trabalho. Além da intensa função evangelística que realiza há mais de 40 anos, a Igreja Universal do Reino de Deus também desenvolve programas de cunho social e cultural por meio do trabalho de voluntários e de ações sociais que alcançam as regiões mais afastadas dos centros urbanos e as populações mais carentes (FOLHA UNIVERSAL, 2017).

A Igreja Universal do Reino de Deus demonstra sensibilidade para localizar espaços e se adaptar aos contextos culturais e às demandas locais e, em Moçambique não foi diferente, tal sensibilidade permitiu à IURD se inserir e implantar dezenas de templos e atrair milhares de pessoas (ORO, 2004). Em certo sentido, a IURD tem contribuído para inverter a tendência do fluxo religioso em relação ao Brasil, que se historicamente foi de fora para dentro, agora está sendo também de dentro para fora e o momento histórico em que a IURD apareceu no cenário religioso brasileiro e internacional, isto é, em tempos de globalização, colaborou para

⁸ A partir de 1999, a Associação Beneficente Cristã (ABC) iniciou o trabalho de visitas a hospitais e ampliou a abrangência da ação, distribuindo agasalhos e alimentos a indivíduos considerados vulneráveis (órfãos, prostitutas, imigrantes, dentre outros) e realizando programas de alfabetização e aprendizagem, além de assistência aos presidiários (SILVA, 2003).

⁹ As metas e objetivos do projeto Ler e Escrever são: mediar a relação entre aluno e mundo, oferecendo-lhe oportunidades e mostrando-lhe o valor da educação; capacitar profissionais para o mercado de trabalho; ministrar ensino de qualidade com profissionais íntegros; contribuir para a condição socioeconômica da sociedade, baseada na livre iniciativa, capacidade empresarial, ética e autonomia; e utilizar meta eficiente, política e consciente, adequada às dificuldades e necessidades do aluno, despertando-o para a sociedade em que vive (FOLHA UNIVERSAL, 2017).

isso. É possível afirmar que o momento favorável mencionado tenha potencializado e mesmo contribuído para a transnacionalização da IURD, porém, esses "ventos favoráveis" constituíram apenas o "cenário" da transnacionalização, o êxito de instalação e desenvolvimento se deu à capacidade de adaptação no exterior (ORO, 2004).

Diferentemente do que ocorre no Brasil, onde a igreja do bispo Macedo demoniza religiões de matrizes africanas, em Moçambique, a Igreja Universal do Reino de Deus tem a preocupação em respeitar aspectos culturais, esse posicionamento lhe concede um aumento na popularidade e abre espaço na luta por poder político no país (FIOROTTI, 2017). Em sua tese de doutorado, Fiorotti (2017) investigou a postura da IURD em solo moçambicano e constatou que o espírito ancestral da família é muito bem quisto e respeitado, dessa forma, se a igreja combatê-lo estará combatendo a família. Ele também constatou em sua análise do discurso religioso, que houve uma mudança de abordagem por parte da IURD com o intuito de evitar a ofensividade em relação aos costumes e à cultura do país (FIOROTTI, 2017).

Outro exemplo da adaptação e assimilação religiosa nativa do país pela IURD em Moçambique diz respeito à chamada "sessão do descarrego" que é dirigida por um pastor moçambicano, pois ele tem a sensibilidade de não expulsar nenhum espírito familiar, de não falar nada ofensivo e nem usar objetos que possam ser interpretados de forma ofensiva, todo esse cuidado serve para que não ocorram deslizes desrespeitosos do ponto de vista cultural, evitando-se assim, a rejeição (FIOROTTI, 2017).

Porém, tal cuidado com deslizes e desrespeitos não é em vão, ainda de acordo com Fiorotti (2017), além da menor liberdade de ofensa religiosa em comparação com o Brasil, a popularidade conferida por essa postura abre as portas do âmbito da política à igreja. Não é à toa o fato do fundador e presidente da IURD no país, José Guerra, ser também o presidente da TV Miramar, emissora que pertence à Record Internacional, além de assessor do gabinete do presidente moçambicano (FIOROTTI, 2017).

A luta por poder político está centrada em dois alicerces: a popularidade da religião – principalmente entre a classe média, pela localização das igrejas nos centros das cidades – e a estratégia política adotada, que usa do discurso religioso para o apoio político, porém, sem comprometer a possibilidade de apoio à oposição em caso de uma reviravolta, tal estratégia também foi utilizada no Brasil, a exemplo da época do mandato do ex-presidente Lula, onde a Igreja Universal do Reino de Deus apoiou o governo e continuou próxima durante o governo

Dilma, entretanto, percebeu-se que antes da eleição do Lula em 2002, ela demonizava a esquerda, com a eleição do petista ela se aproximou e fez um discurso mais amigável, mas quando o PT perdeu a base, ela se afastou (FIOROTTI, 2017).

3 POLÍTICA E RELIGIÃO EM MOÇAMBIQUE: O PAPEL DA IURD

O intuito deste capítulo é identificar os precedentes históricos que explicam a atual situação moçambicana, bem como a relação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), presente na governança do país desde sua independência. Nesse sentido, serão demonstrados tanto o legado deixado após séculos de colonização, quanto as sequelas decorrentes de décadas de guerra civil.

3.1 COLONIALISMO E NEOCOLONIALISMO/IMPERIALISMO

O colonialismo foi uma prática de dominação política, econômica e cultural sobre outros territórios realizada pelos principais Estados modernos europeus, sobretudo Portugal, Espanha, França, Grã-Bretanha e Holanda durante os séculos XIV e XVIII. Era definido pela expansão territorial e controle político em regiões como África, Ásia e América, onde as grandes potências europeias à época exploravam os recursos naturais e estabeleciam colônias nas novas terras conquistadas (BORGES, 2020).

O processo do colonialismo pode ser dividido em dois modelos: o colonialismo colonizador (ou de povoamento), que se refere ao deslocamento dos colonos em direção às terras colonizadas com objetivos econômicos, políticos ou religiosos; e o colonialismo de exploração, onde as ditas metrópoles buscavam obter matérias-primas e metais preciosos em suas colônias no contexto do metalismo (BEZERRA, 2018; BORGES, 2020). Devido a essa exploração, alguns países sofrem até hoje com questões sociais e econômicas decorrentes do período da colonização, os países explorados que tiveram suas riquezas levadas ainda lidam com problemas socioeconômicos, enquanto os países exploradores foram considerados por anos as principais potências mundiais (BORGES, 2020).

O colonialismo em África, quando falamos na dimensão cultural de sua estrutura, nos faz refletir em como a situação do colonizado é um denominador comum entre o povo negro, seja ele da África ou da América, isso porque o poder de determinação do colonialismo sobre o desenvolvimento das culturas negras defende a ideia de que a cultura é influenciada pela política, em outras palavras, a cultura necessita de estruturas para surgir e se desenvolver (CÉSAIRE, 2011; BOMFIM, 2018). Segundo Césaire (2011):

nesse sentido, discutir a situação colonial é fundamentalmente necessário para compreender o que condiciona o desenvolvimento das culturas negras, ou seja, a situação colonial é o condicionamento concreto que determina o (sub)desenvolvimento dessas culturas (CÉSAIRE, 2011)

Com a necessidade de buscar novas terras para explorar, as principais potências europeias voltaram sua atenção para a África justamente num período em que jazidas de ouro foram descobertas na África do Sul e que houve a abertura ao comércio internacional da Bacia Congo, estava assim traçado, o cenário perfeito para a extração dos recursos africanos (KRAMA, 2016). Ao final do século XIX quando tal cenário de exploração foi concretizado, se estabeleceu a legítima relação colonial entre Portugal e África, segundo Thomaz (2002), essa relação durou até 1974.

O primeiro contato dos portugueses com o território que futuramente seria a colônia de Moçambique foi no ano de 1498 com Vasco da Gama numa tentativa de busca por rotas mais seguras para as Índias, entrepostos de abastecimento e o domínio de uma faixa litorânea estreita foi o que os recém-chegados conseguiram às custas de conflitos com povos autóctones e árabes que já haviam estabelecido certo controle sobre rotas comerciais na África Oriental alguns séculos antes (BOMFIM, 2018).

A região onde hoje está situada Moçambique se apresentou desde o início como um lugar estratégico para o império português por possuir em relação ao comércio ligação com os mercados árabes, o oceano Índico e o mar da China (KRAMA, 2016). Entretanto, a tomada de tal território que despertou interesse tanto em portugueses quanto em ingleses, posteriormente, não se deu sem resistência. O século XIX terminou com um conflito brutal a fim de “pacificar os indígenas” e de estabelecer o colonialismo em Moçambique, Angola, Guiné e Timor (KRAMA, 2016). A guerra ajudou na dominação e na garantia de que os nativos cederiam ao trabalho forçado e assim, além da “pacificação” a guerra também serviu para estabelecer o papel do indígena no projeto colonizador (KRAMA, 2016). Conforme Mondlane (1995):

por vezes, foram utilizados mesmo missionários portugueses como “pacificadores” dos nativos, espalhando a fé cristã como instrumento para adormecer os africanos, enquanto as forças militares portuguesas ocupavam a terra e controlavam o povo (MONDLANE, 1995: 33).

A imposição do trabalho forçado, na prática, nada mais era do que uma continuação da escravidão sob nova aparência e foi durante muito tempo a principal fonte de riqueza devido à sua utilização nas lavouras e à “exportação” de sua mão de obra para as minas da África do Sul (BOMFIM, 2018). O trabalho forçado imposto aos povos nativos tornou todas as sociedades autóctones subordinadas aos interesses externos, alterando profundamente as suas estruturas sociais, mesmo onde chefes africanos foram mantidos em postos de comandos administrativos, o seu poder era limitado e hierarquicamente inferior a algum administrador

branco europeu (BOMFIM, 2018). Nesse sentido, Mondlane concluiu que “o africano viu-se desapossado não só do seu poder político e da sua terra, mas também dos direitos mais elementares para controlar a sua própria vida” (MONDLANE, 1985, p. 37).

O colonialismo enquanto sistema de negação da dignidade humana simboliza um imenso espaço-tempo de sofrimento, opressão, resistência e luta, naquele que atualmente é designado de Sul Global (MENESES, 2018). O continente africano procura ainda se recuperar de um passado colonial de violência física, moral e mental tão recente e até hoje tão presente na sociedade, se tratando especificamente de Moçambique, não é possível recuperar, repensar e refazer em 50 anos os séculos de negação da própria humanidade (MENESES, 2018). De acordo com Samora Machel (1977):

não há nem nunca houve ou haverá colonialismo humano, colonialismo democrático, colonialismo que respeite os interesses do povo [...] o colonial-fascismo português, porque é sua natureza, comete os crimes mais bárbaros e imundos (MACHEL, 1977: 109)

Tem-se como um dos resultados da colonização a consciência dos colonizados que foi dominada de tal forma que a ideologia da superioridade eurocêntrica foi internacionalizada, passando a ser desprezada sua cultura e história que, por sua vez, assumiram um sinônimo de atraso (MENESES, 2018). Durante o processo de conquista, as potências europeias justificaram e legitimaram suas ações através da “missão civilizatória”, elas argumentavam que a dominação do continente africano levaria o modo de vida “civilizado” do ocidente, juntamente com a introdução da modernidade tecnológica e a difusão do cristianismo como pretexto (SILVA, 2013?). Entretanto, tal discurso civilizatório foi utilizado para ocultar o real interesse puramente econômico de impor um processo exploratório intenso sobre a região (SILVA, 2013?).

A ocupação da África também foi justificada a partir de teorias racistas muito comuns no século XIX, entre essas teorias destacou-se o “darwinismo social”, que a partir de uma leitura equivocada da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin defendeu uma falsa ideia da existência de raças humanas superiores. Desse modo, a missão de levar a “civilização” aos selvagens africanos seria um “fardo do homem branco” (SILVA, 2013?).

Como a ocupação do continente africano pelas potências europeias ocorreu de maneira intensa e desordenada, uma série de conflitos diplomáticos por questões territoriais teve início, esses conflitos decorrem de três ações principais: o interesse do rei belga Leopoldo I, sucedido por seu filho Leopoldo II, em implantar uma colônia e explorar a região do Congo; a

ampliação do domínio português sobre Moçambique; e a crescente presença francesa, sobretudo no Egito (SILVÉRIO, 2013).

Diante tal cenário de conflitos entre os países europeus, foi proposta por Portugal uma conferência internacional a fim de resolver as questões territoriais na África, essa proposta foi organizada pelo primeiro-ministro alemão Otto von Bismarck e realizada na Alemanha entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885 (SILVA, 2013?). A chamada Conferência de Berlim contou no total com treze nações: Alemanha, Reino Unido, França, Portugal, Espanha, Bélgica, Holanda, Suécia, Áustria-Hungria, Itália, Dinamarca, Estados Unidos e Império Otomano e teve como intuito organizar a divisão e ocupação do continente africano (SILVA, 2013?). A Conferência de Berlim, portanto, determinou a partilha da África entre os países europeus e desse processo foi implantada uma exploração predatória que resultou na morte de milhões de pessoas (SILVA, 2013?).

A questão das fronteiras dos Estados africanos modernos gerou controvérsias, pois segundo Döpcke (1999), tanto o discurso acadêmico quanto a opinião pública recorreram constantemente a estereótipos ao afirmar que tal questão foi uma das principais causas pela instabilidade política e pelas disputas no continente devido à maneira arbitrária pela qual foram impostas às sociedades africanas pelos colonizadores europeus, sendo ignoradas suas realidades étnicas, linguísticas e políticas. Verificou-se, porém, que na realidade as disputas fronteiriças não representaram um grave problema nas relações internacionais dos Estados africanos independentes, a grande maioria dos conflitos que ocorreram desde a época da descolonização se referiam a conflitos internos aos países, principalmente de guerras e levantes contra o regime no poder (DÖPCKE, 1999).

O papel da repartição territorial da África pelas metrópoles deu origem a uma série de mitos, dentre eles vale ressaltar que diferentemente do discurso popular, já existia na África pré-colonial a noção de limites dos espaços políticos, mas ao contrário das fronteiras modernas a dominação política, jurisdição e construção de identidades teriam se baseado nas relações entre pessoas e não estariam ligadas aos territórios (DÖPCKE, 1999). Por mais que não houvesse a consciência da “artificialidade” das fronteiras visto que na África pré-colonial as fronteiras não eram delimitadas por linhas retas, o conceito de fronteira política não representava uma novidade advinda da cultura ocidental (DÖPCKE, 1999).

Outro mito acerca do papel das fronteiras refere-se à relevância superestimada da Conferência de Berlim sobre a partilha da África dado que Bismarck buscou esclarecer que a Conferência não trataria de questões de soberania, isto é, da partilha territorial da África ou de reivindicações territoriais e que a maioria das fronteiras entre os futuros territórios coloniais foi estabelecida consensualmente em acordos bilaterais após a Conferência de Berlim (DÖPCKE, 1999).

Em Moçambique, a artificialidade das fronteiras territoriais pôde ser percebida desde os primórdios de sua fundação devido ao caráter acima de tudo político do projeto nacional decorrente da missão colonial (KRAMA, 2016; MENESES, 2018). De acordo com Cabaço (2009), a derrubada dos grandes impérios moçambicanos pelos portugueses culminou no fracionamento da população em etnias, num movimento que separou as populações politicamente lhes dando menos poder, fazendo com que a sociedade moçambicana acreditasse que sempre fora dividida daquela forma.

Nesse sentido, como argumentam Stuart Hall (1992) e outros autores, foi através do confronto, da conquista e do apagamento das experiências do restante do mundo que o ocidente emergiu e ganhou espaço como projeto. Anos mais tarde, esse modelo econômico ao qual o capitalismo baseava-se adquiriu uma nova roupagem, a Segunda Revolução Industrial ocorrida no século XIX e o advento das transformações resultantes do desenvolvimento tecnológico alteraram profundamente a realidade, sobretudo na Europa. Novas fontes de energia passaram a ser empregadas como a energia elétrica e o uso do petróleo nos motores à combustão, além disso, ocorreram avanços na indústria de metais pesados, na química, nos meios de comunicação e de transportes (SILVA, s.d).

Esse processo deu início a uma nova fase do capitalismo conhecida como Imperialismo, a necessidade de novos mercados consumidores e recursos naturais fez com que as potências europeias, além de Estados Unidos e Japão, os quais despontavam como influência econômica em virtude de um intenso desenvolvimento industrial, fossem em busca de territórios onde pudessem obter matéria-prima e mão de obra barata, tal busca se deu especialmente em países da África, Ásia e Oceania e, a partir daí, o capitalismo tornou-se mais abrangente e se ressaltou a atuação dos bancos e multinacionais, tendo o capitalismo monopolista e oligopolista como pontos cruciais na definição do Imperialismo (ESCOLA EDUCAÇÃO, 2018).

Sob o contexto do Imperialismo, as principais potências mundiais exerceram durante os séculos XIX e XX seu poder cultural, político, econômico e militar sobre países de menor desenvolvimento, mudaram-se os nomes, permaneceram as práticas de exploração cujas inúmeras consequências são sentidas até hoje (ESCOLA EDUCAÇÃO, 2018). Para N'Krumah (1967), o Imperialismo possui como estágio mais avançado e perigoso de sua evolução o neocolonialismo e a condição neocolonial tem o objetivo de perpetuar a dominação econômica de seus antigos colonizadores, assim sendo, as políticas coloniais prosseguiram, agora porém, com o pretexto das lutas pela liberdade.

O neocolonialismo às vistas daqueles sobre os quais é praticado, necessita ser apresentado como capaz de elevar os seus níveis de vida, contudo, na prática, o objetivo econômico do neocolonialismo é manter os ganhos limitados, de acordo com o interesse das nações desenvolvidas (LOPES, 2011). Com raras exceções, o resultado prático é a ausência de uma produtividade que favoreça a balança comercial dos países explorados que se mantêm como exportadores de matéria-prima e importadores de tecnologias e produtos industrializados, sendo essa a base da relação capitalista que explica o desenvolvimento das principais potências mundiais em detrimento do subdesenvolvimento do Sul Global (LOPES, 2011; BOMFIM, 2018; MENESES, 2018).

Os processos de independência dos países africanos e asiáticos tiveram início no século XX, todavia, as dificuldades políticas e econômicas, além dos conflitos étnicos ainda persistiram, as regiões conquistadas que foram devastadas e a divisão territorial imposta pelas nações imperialistas deixaram como herança consequências desastrosas em razão do desrespeito às diferenças étnicas e culturais dos povos autóctones (ESCOLA EDUCAÇÃO, 2018).

3.2 INDEPENDÊNCIA E GUERRA CIVIL

Uma pequena elite africana foi formada devido à intenção administrativa portuguesa de torná-la um intermédio entre colonizador e colonizado, a ela foi dada educação e trabalho, virtudes civilizadoras eurocêntricas que remontam ao velho discurso colonial (LOPES, 2011; KRAMA, 2016; MENESES, 2018). O consenso conservador das novas elites africanas sobre a mútua preservação das fronteiras representa não somente a preocupação com a instabilidade interna e a frágil legitimidade que essas elites têm, mas também, a possibilidade de

potencialmente desequilibrar qualquer país africano ao questionar suas fronteiras (DÖPCKE, 1999).

Tal consenso de transformar as fronteiras coloniais em limites dos novos Estados independentes, porém, não ocorreu sem contestação, foi resultado de um processo político que se desdobrou entre a pequena elite africana e as principais potências coloniais, sobretudo, entre os anos de 1956 e 1963 (DÖPCKE, 1999). Uma das contestações pela permanência do status quo territorial diz respeito ao pensamento pan-africanista de unidade africana, representado principalmente na figura de N'Krumah em sua luta pela superação da divisão política do continente e a favor da união dos Estados (DÖPCKE, 1999).

O pan-africanismo é um movimento de caráter social, filosófico e político que possui origem na diáspora negra em virtude de um sentimento de solidariedade e consciência de uma ancestralidade comum entre os negros especialmente do Caribe e dos Estados Unidos (DÖPCKE, 1999; FREITAS, 2009; FUNDAÇÃO PALMARES, 2013). Esse movimento que marcou a segunda metade do século XIX e início do século XX, visava defender os direitos do povo africano através da construção de um único Estado soberano para africanos que viviam na África ou fora dela, a fim de unir todos os povos e potencializar a voz do continente africano no contexto internacional (FREITAS, 2009; FUNDAÇÃO PALMARES, 2013).

O futuro da África mais uma vez entrava em debate, mas diferentemente das ocasiões anteriores, agora eram os próprios africanos ou seus descendentes que tinham a palavra, o I Congresso Pan-africano ocorreu em Paris no ano de 1919 e foi seguido pelos próximos encontros em Londres, Lisboa, Nova York, Manchester e Dar es Salaam na Tanzânia, respectivamente nos anos de 1921, 1923, 1927, 1945 e 1974 (BRUM, 2019). Os primeiros encontros que foram realizados fora da África, devido em parte, pela vontade de chamar atenção dos poderes coloniais, mas também porque a grande maioria dos pensadores pan-africanistas vivia fora dali, tiveram seu enfoque gradualmente deslocado para a África (DÖPCKE, 1999; BRUM, 2019).

O pan-africanismo além de defender os direitos dos negros, lutou pelas independências das nações africanas e foi contra o preconceito racial e os problemas sociais que assolavam o continente, o racismo já havia sido previsto por Edward Burghardt Du Bois no I Congresso Pan-africano ao afirmar que seria esse um problema central do século XX (FREITAS, 2009; FUNDAÇÃO PALMARES, 2013). Além de Du Bois, os principais idealizadores da teoria

pan-africanista foram Henry Sylvester Williams, Kwame N’Krumah e Marcus Garvey, entre outros, Garvey foi o autor da frase “África para os africanos, em casa e no exterior” (BRUM, 2019).

Entretanto, por volta de 1948, o movimento pan-africanista se desintegrou em diversos partidos nacionais que lutavam pelas independências individuais dos seus territórios coloniais, inclusive N’Krumah que sempre condenou tal ato levou sua colônia nativa, Gana, à liberdade, se tornando o primeiro presidente do país pós-independência (DÖPCKE, 1999). Entre 1957, ano da independência de Gana e 1963, ano da formação da Organização da Unidade Africana (OUA), o pan-africanismo entrou numa fase de muita volatilidade, insegurança e tensão em suas relações interafricanas, que caracterizaram múltiplas competições e ameaças à segurança dos Estados individuais (DÖPCKE, 1999). Os jovens Estados africanos foram divididos em três blocos chamados de Estados radicais, moderados e conservadores, porém, a derrota dos conceitos radicais do pan-africanismo de unidade africana juntamente com conflitos na região contribuiu para uma reconciliação entre os Estados africanos que culminou na criação da Organização da Unidade Africana em 1963, o êxito dessa reconciliação dependeu da rejeição dos princípios pan-africanistas de revisão das fronteiras e da reafirmação a favor da integração, visto que tal revisão das fronteiras existentes representaria um perigo à paz (DÖPCKE, 1999).

A Organização da Unidade Africana (OUA) que foi apoiada e divulgada majoritariamente por afrodescendentes que viviam fora da África, foi substituída pela União Africana (UA) em 2002 (FREITAS, 2009). No ano seguinte à sua formação, a União Africana tomou iniciativas agressivas em relação a possíveis soluções para as crises da região, além de incentivar a integração entre os países, o objetivo da UA era implantar no modelo da União Europeia um continente livre para o fluxo de pessoas, um tribunal pan-africano, um parlamento continental e um Banco Central para a circulação de uma moeda única futuramente (FREITAS, 2009).

Os movimentos de libertação dos territórios africanos começaram a ganhar força após a Segunda Guerra Mundial, principalmente entre os anos de 1957 e 1967, justamente num período em que Angola e Moçambique deram um salto econômico sem precedentes, fazendo com que a metrópole aumentasse ainda mais sua intenção de manter controle sobre o território ultramarino (KRAMA, 2016). Portugal teve que enfrentar guerras de independência e forças de guerrilha primeiramente em Angola no ano de 1961 e posteriormente em Moçambique,

num conflito que teve início em 1964 e que foi resultado da frustração e agitação do povo moçambicano contra a forma de administração estrangeira em relação aos nativos, influenciados pelos movimentos africanos de autodeterminação do pós-guerra, um sentimento nacionalista começou a crescer nos cidadãos de Moçambique (KRAMA, 2016). O processo de independência desses países passou também pelas esferas religiosas, apesar de serem portadores de conceitos civilizacionais ocidentais, os missionários protestantes diferentemente da Igreja Católica não tinham um vínculo tão estreito com o sistema colonial, as igrejas protestantes valorizavam sua fé a propagando com base na língua e na cultura local e não possuíam a missão de extinguir as culturas autóctones (KRAMA, 2016).

Dada à natureza capitalista do colonialismo, a libertação política das nações africanas precisou implicar numa ruptura com as formas de exploração do capitalismo e num reconhecimento dos planos africanos de unidade nacional e de justiça social (MENESES, 2018). O progresso das lutas pelas independências vai aproximar a busca de alternativas emancipatórias via propostas marxistas, visto que segundo Mondlane “as condições de vida (nas colónias), o tipo do inimigo que nós temos, não admite qualquer outra alternativa” (MONDLANE, 1982: 121). No ano seguinte ao início da luta armada em 1964, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) já controlava o norte do país e contava com o apoio da União Soviética e de outros países do bloco socialista (ALVES, 2012).

Durante a Guerra Fria, particularmente no final da década de 1950, a União Soviética e a República Popular da China adotaram uma estratégia de quebra da dominação dos países do Ocidente sobre suas colônias africanas a fim de desestabilizá-los (LEGVOLD, 1970). Para os soviéticos, a África representava uma oportunidade de criar uma ruptura entre as potências ocidentais e os seus domínios coloniais (BELFIGLIO, 1983).

Segundo Fauvet e Mousse (2008), o sonho de liberdade tomou conta da população moçambicana que até o momento só havia vivenciado uma realidade de pobreza, humilhação e trabalho forçado. Encontrava-se de um lado uma elite branca, letrada e minoria e no outro lado, por sua vez, negros que em sua grande maioria eram pobres e analfabetos, os nativos que conseguiram estudar eram exceções, a exemplo de Eduardo Mondlane, doutor em literatura, fundador e primeiro dirigente da Frelimo (ALVES, 2012; KRAMA, 2016). De acordo com Modlane:

como todo o nacionalismo africano, o de Moçambique nasceu da experiência do colonialismo europeu, a fonte de unidade nacional é o sofrimento comum durante os últimos cinquenta anos sob o domínio português (MONDLANE, 1975: 87)

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) foi criada em 25 de junho de 1962 em Dar es Salaam, onde hoje fica a Tanzânia, decorrente da união de diversos grupos nacionalistas e de alguns políticos que tinham sido forçados ao exílio (ALVES, 2012). Após a morte de Mondlane em 1969, que ocorreu devido a um atentado preparado pela repressão portuguesa com o apoio de traidores que lhe enviaram um artefato com alto teor explosivo dentro de um livro, a Frelimo apresentou profundas divisões durante a guerra de descolonização, se no início o partido contava com o apoio da população foi perdendo tal apoio com o passar do tempo, o que representou uma divisão que se mantém até hoje no país e que ainda causa rupturas em sua democracia tão frágil (ALVES, 2012; KRAMA, 2016). Durante os primeiros anos de libertação, a Frelimo não soube lidar com as diferentes identidades existentes em Moçambique e, em razão disso, não conseguiu estabelecer uma unidade nacional, aprofundando ainda mais a diferença entre as elites urbanas que mantêm o poder político e as populações rurais marginalizadas (KRAMA, 2016). Desorganização, abuso de poder e corrupção se tornaram comuns na administração frelimista, enquanto alguns partidários tentavam manter a ideologia de esquerda e as convicções que os fizeram vencer a revolução, outros caíram em contradição ao adotar práticas dos colonizadores, principalmente a forma repressiva em relação aos mais pobres (KRAMA, 2016).

O escolhido para dirigir a Frelimo foi Samora Machel, um militar moçambicano, líder carismático e revolucionário de inspiração socialista, que liderou a guerra colonial moçambicana e foi o primeiro presidente do país após a sua independência (ALVES, 2012). O desafio de Machel era grande, visto que ele teve que colocar a economia e o aparato administrativo numa perspectiva socialista para funcionar, os técnicos partiram de Moçambique juntamente com os colonizadores após a libertação, dada à inexperiência dos moçambicanos faltavam pessoas especializadas na produção agrícola e na indústria, a primeira tarefa de Machel, de fato, seria vencer essa batalha da produção (ALVES, 2012).

Com a onda anticolonial espalhando-se por toda a África e sob a liderança de Samora Machel, a Frelimo iniciou um esforço de guerrilha contra o governo português em setembro de 1964, o movimento independentista foi visto pelo povo moçambicano como o triunfo da liberdade sobre os mais de 400 anos de opressão colonial portuguesa (ALTMAN, 2014). Esse conflito simultaneamente com os outros já iniciados nas demais colônias portuguesas em solo

africano, a exemplo de Angola e Guiné, tornou-se parte da chamada Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974) (ALTMAN, 2014).

A Guerra Colonial de Moçambique durou 10 anos. A queda do fascismo em Portugal, a decorrente Revolução dos Cravos¹⁰ de 25 de abril de 1974 e a posterior assinatura dos Acordos de Lusaka¹¹ deram fim à guerra e iniciaram o processo de independência que terminou apenas no ano seguinte, em 25 de junho de 1975 (ALTMAN, 2014; BRITES, 2017). A guerra de libertação deu visibilidade para um dos políticos mais carismáticos do partido, o já mencionado Samora Machel, que além de contar com a aprovação da população, tornou-se referência entre intelectuais de Moçambique e no exterior (KRAMA, 2016). Segundo Machel, em seu discurso sobre a independência do país:

anunciava-se o nascimento de um Estado de Democracia Popular em que, sob a direção da aliança dos camponeses e operários, todas as camadas patrióticas se engaja[ria]m na luta pela destruição das sequelas do colonialismo e da dependência imperialista, pelo aniquilamento do sistema de exploração do homem pelo homem, pela edificação da base material, ideológica, político-cultural, social e administrativa da nova sociedade (MOÇAMBIQUE: MACHEL, 1975)

O novo governo estabeleceu um Estado unipartidário baseado em princípios marxistas-leninistas e recebeu apoio diplomático e militar da União Soviética, China e Cuba por meio do fornecimento de mentores e armamentos (ALTMAN, 2014). Após a independência de Moçambique e a queda do fascismo em Portugal, o receio de retaliação advindas das ideologias pró-comunistas resultaram num êxodo da população portuguesa que vivia no país, alguns expulsos pelo governo, outros simplesmente fugindo do novo sistema vigente (ALTMAN, 2014).

No período pós-independência o continente africano foi agitado por revoltas que questionavam a autoridade dos recém-nomeados chefes de Estado, a autodeterminação e a soberania dos países africanos foram e ainda são colocadas à prova constantemente, seja por questões de governabilidade ou pela decorrência dos malefícios da herança colonial (LOPES, 2011). Esses novos governos nacionalistas ao deporem os governos coloniais acabaram se apropriando da ideologia colonial e racista para governar, tal ideologia diz respeito primeiramente à ideia de que a colonização foi um processo de conquista, de civilização de uma raça sobre outra, nesse sentido os governos nacionalistas assumiram a posição inversa e

¹⁰ A Revolução dos Cravos foi um golpe militar que depôs o então presidente Marcello Caetano e pôs fim aos 41 anos de ditadura salazarista em Portugal (BEZERRA, 2019).

¹¹ No dia 7 de setembro de 1974 a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e o governo colonial português assinaram em Lusaka, capital da Zâmbia, um memorando de entendimento visando pôr fim aos 10 anos de guerra e abrindo espaço para a independência nacional moçambicana (MANHIÇA, 2020).

passaram a acreditar que para se emancipar era necessário “expurgar” a sociedade de outra raça, no caso os brancos, invertendo as propriedades para compensar com terras, tradições e dignidade, aquilo que fora tirado do povo negro anteriormente (KRAMA, 2016). A segunda característica do colonialismo apropriada pelos governos nacionalistas foi a junção entre política e guerra, essa característica pôde ser confirmada com o acontecimento das guerras civis que sucederam as guerras coloniais e que questionavam a governabilidade dos negros que assumiram as classes dominantes, as guerras civis acabaram por assolar o continente africano (KRAMA, 2016).

Dentre as guerras civis mais violentas que a África vivenciou pode-se citar a que ocorreu entre o regime marxista da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e as forças oposicionistas anticomunistas da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), uma guerrilha de direita financiada por Portugal, Estados Unidos e pelas elites brancas e racistas de países vizinhos, principalmente da Rodésia (atual Zimbábue) e da África do Sul que vivia sob o regime do apartheid, os principais apoiantes da Renamo forneceram dinheiro, armas e apoio logístico aos milicianos rebeldes (ALTMAN, 2014; BRITES, 2017). A guerra civil moçambicana teve início em 1977, apenas dois anos após a vitória da guerra de independência e foi uma guerra secundária, visto o contexto maior da Guerra Fria (ALTMAN, 2014).

A guerra civil combinada com o totalitarismo marxista, políticas ineficazes, falta de um planejamento central e uma recessão econômica e social resultante caracterizaram as primeiras décadas de independência de Moçambique (ALTMAN, 2014). A guerra civil também foi marcada por violações dos direitos humanos cometidas por ambos os lados do conflito, a extrema violência praticada muitas vezes sem nenhum pretexto pelos homens da Renamo impressionava por sua dimensão (ALTMAN, 2014; BRITES, 2017). A própria Frelimo realizava massacres que depois atribuía à Renamo e à medida que o conflito foi se intensificando, o isolamento, problemas logísticos e condições precárias de racionamento incitaram os militares a adotar um comportamento cada vez mais ilegal, multiplicando os roubos, sequestros e massacres, aproveitando-se da imagem impopular do exército particularmente no centro e no norte do país, a Renamo recrutou de forma mais ampla e o conflito acabou afetando, assim, todo o território moçambicano (BRITES, 2017).

Durante o conflito os sistemas de saúde e educação que haviam sido incentivados nos primeiros anos de independência devido a uma estratégia de desenvolvimento do governo

Machel entraram em colapso, a falta de investimento em ativos produtivos, a nacionalização de indústrias privadas e as várias crises de fome generalizadas e provocadas pelo desaparecimento da produção agrícola levaram à decadência a infraestrutura nacional (ALTMAN, 2014; INFOPÉDIA, 2003?). Cerca de 1 milhão de moçambicanos morreram durante a guerra civil, seja em combate ou por conta das crises de fome, 1,7 milhão se refugiaram em países vizinhos e tantos outros milhões tiveram que se deslocar internamente como resultado do conflito e da estiagem prolongada, além das milhares de vítimas que sofreram amputações por minas terrestres, legado da guerra que se tornou um problema remanescente para o país (ALTMAN, 2014).

Samora Machel morreu prematuramente em 19 de outubro de 1986, num desastre aéreo que ocorreu quando voltava de uma reunião internacional na Zâmbia onde além do presidente morreram outros tripulantes, incluindo ministros e funcionários do governo, tal incidente nunca foi devidamente apurado, entretanto, a delegação soviética das Nações Unidas divulgou um relatório alegando que a visita de Machel havia sido prejudicada pelos agentes da inteligência militar do governo sul-africano (ALVES, 2012; ALTMAN, 2014). O sucessor de Machel foi Joaquim Chissano, sob seu comando e devido à pressão internacional¹², a Frelimo foi se deixando dominar pela mentalidade do colonizador, reintroduzindo a agricultura privada e de mercado num primeiro momento e cedendo em outros aspectos até abandonar completamente o socialismo em 1990 (ALVES, 2012).

A guerra civil terminou apenas em 4 de outubro de 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz firmado em Roma entre Joaquim Chissano, presidente da República e Afonso Dhlakama, presidente da Renamo e ex-membro da Frelimo, o acordo foi mediado primeiramente pelo Conselho Cristão Moçambicano (CCM)¹³ e assumido posteriormente pela Comunidade de Santo Egídio¹⁴ (ALVES, 2012; ALTMANN, 2014). A Nova Constituição

¹² A essa altura alguns fatores de ordem externa influenciaram o decurso dos acontecimentos: a política sul-africana mudou radicalmente e o bloco soviético, principal apoiante da Frelimo, desagregou-se. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$guerra-civil-mocambicana](https://www.infopedia.pt/$guerra-civil-mocambicana). Acesso em: 01/02/2021.

¹³ O Conselho Cristão de Moçambique (CCM), foi aceite como membro associado da Conferência de Igrejas de toda a África (CITA), na reunião do Comitê Geral que teve lugar no Cairo em 1976. O CCM envia esforços para participar de maneira ativa na difusão do evangelho para a salvação completa dos homens bem como em torno da contribuição para o desenvolvimento moral, social e econômico do país e bem-estar do povo, onde crentes das igrejas e instituições membros são parte integrante. Disponível em: <https://mz.linkedin.com/in/conselho-crist%C3%A3o-conselho-crist%C3%A3o-de-mo%C3%A7ambique-a41a8a17a>. Acesso em: 01/02/2021.

¹⁴ Santo Egídio é uma comunidade cristã nascida em Roma em 1968 logo após o Concílio Vaticano II, por iniciativa do Andrea Riccardi, num liceu no centro de Roma. Ao longo dos anos tornou-se uma rede de comunidades que, em mais de 70 países do mundo, focando nas periferias e nos “periféricos”, reúne homens e mulheres de toda idade e condição, unidos por um laço de fraternidade, pela escuta do Evangelho e pelo

Moçambicana, que tinha sido promulgada em 1990, previu um sistema político multipartidário, uma economia baseada no livre mercado e eleições livres.

Desde então, ocorreram cinco eleições gerais, dentre as quais o eterno candidato da Renamo, Afonso Dhlakama e o seu partido foram derrotados pela Frelimo desde a primeira eleição realizada em 1994, as demais derrotas foram representadas sucessivamente por Joaquim Alberto Chissano (1986-2005), Armando Emilio Guebuza (2005-2015) e, na última eleição, Filipe Jacinto Nyusi, que tomou posse de chefe de Estado em janeiro de 2015. Assim, o mesmo partido governa o país desde a independência e a cena política é caracterizada desde os anos 1990 por uma forte bipolarização política à volta dos dois principais partidos que ainda hoje regem a vida política moçambicana (BRITES, 2017). Sob a supervisão das forças de manutenção de paz das Nações Unidas, a paz voltou a Moçambique, mas os gravíssimos problemas econômicos e sociais se mantiveram. (ALTMAN, 2014).

3.2.1 Sequelas moçambicanas e “renascimento” do continente africano

O fortalecimento da África no século XXI exigiu um enorme esforço, tendo em vista que o continente foi assolado pela miséria, guerrilhas, fome, doenças, corrupção, dificuldades econômicas e desigualdades sociais (FREITAS, 20019). De acordo com o PIB per capita e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU, Moçambique esteve entre um dos 10 piores lugares do mundo no ano de 2014¹⁵, tal índice foi verificado décadas após a guerra de independência e guerra civil que acometeram o país (ALVES 2012).

Em 1975, a independência de Moçambique pareceu simbolizar a possibilidade de pensar e agir politicamente de forma integral, para além do projeto colonial, porém, quando esses sonhos se dissiparam, comprovou-se que a independência nada mais era do que a possibilidade de se escolher qual a “melhor” dependência, a “menos má” situação do neocolonialismo, pois a independência não trouxe, de fato, garantia absoluta de dignidade e liberdade (MENESES, 2018). Segundo Meneses (2018):

o nosso passado, desde 1975, é um futuro. Se, no contexto africano, um dos objetivos da luta contra o colonialismo foi o de trazer muitas outras vozes silenciadas à história, de descolonizar a história moderna eurocêntrica, então esse futuro ainda está por vir. E por isso é tão importante avaliar as possibilidades de um futuro presente, de uma outra história de Moçambique em África e no mundo, para

compromisso voluntário e gratuito em prol dos pobres e da paz. Disponível em: <https://www.santegidio.org/pageID/30008/langID/pt/A-COMUNIDADE.html>. Acesso em: 01/02/2021.

¹⁵ Ranking IDH Global 2014. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em: 01/02/2021.

além da narrativa colonial. Para que África, como continente, decida o seu destino, especialmente através da sua juventude, é importante ver a história como espelho do que se quer, ou não, para superar esse passado doloroso e violento e seguir em frente. Só assim é possível pensar um mundo pós-abissal (MENESES, 2018: 134)

Neste contexto, teve-se a noção de que um inimigo fora derrubado, o colonialismo, mas outro inimigo interno estava a eclodir e precisava ser derrotado (ALVES, 2012; KRAMA, 2016). Problemas não previstos arruinaram as tentativas de recuperar o país, como a corrupção e a falta de responsabilidade social, Moçambique passou por um período de sonhos e utopia em 1970 e se deparou com a desoladora realidade dos anos de 1990. Foram décadas de guerras, tentativas de paz, massacres no campo, num lugar onde o povo aprendeu a conviver com a precariedade e com as contradições culturais entre o passado colonial e a realidade sofrida pelos moçambicanos, que ainda insistia em manter-se em suas mentes (KRAMA, 2016).

O Estado colonial deixou graves sequelas que não seriam superadas no curto ou médio prazo, a guerra civil e as dificuldades de governabilidade dificultaram a implementação de políticas que viabilizassem o desenvolvimento e a aquisição de tecnologias (LOPES, 2011). Ademais, a existência de conflitos internos não foi resultante apenas de ações internacionais, em determinados casos resultou da desigualdade social e da ausência de políticas públicas inclusivas que acabavam levando a população à revolta e ao questionamento do Estado, era preciso reformular quase tudo, essa população necessitava de uma transformação radical na economia, na política, socialmente e mentalmente (LOPES, 2011; KRAMA, 2016).

O fim da Guerra Fria em 1991 representou uma fase de marginalização e desinteresse internacional que causou profundos impactos na África contemporânea, a perda da importância estratégica e capacidade de barganha fez com que as grandes potências reduzissem sua ajuda e cooperação (RIBEIRO; SILVA, 2015). O continente africano não pode ser responsabilizado inteiramente pela situação vivida nas últimas décadas, pois como já foi dito, seu passado colonial recente, o neocolonialismo e a dependência externa continuaram afetando a região (RIBEIRO; SILVA, 2015).

No entanto, apesar de todos esses fatores mencionados, os países africanos vêm desenvolvendo estratégias a fim de aumentar sua autonomia no sistema internacional, buscando superar seus problemas e suas dificuldades, nesse sentido, a África do Sul representa uma peça-chave para a retomada do desenvolvimento africano e para uma melhor projeção internacional do continente (RIBEIRO; SILVA, 2015). O momentâneo desinteresse

dos países desenvolvidos pela África na década de 1990 ofereceu uma oportunidade para o continente se reorganizar em bases mais autônomas, que são: o relativo enfraquecimento da influência europeia direta na África, especialmente a francesa; a rearticulação regional africana com destaque ao bloco econômico da África Austral, chamado de Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)¹⁶, mas também à Nova Parceria para o Desenvolvimento Africano (Nepad)¹⁷, bem como à União Africana (UA)¹⁸; e a rearticulação internacional, mantendo parcerias com países de outros continentes, a exemplo de China, Brasil, Cuba, Índia e etc., aqui cabe ressaltar mais uma vez a importância da África do Sul em função da sua associação com o Brasil e com a Índia na formação do G-3 (RIBEIRO; SILVA, 2015).

Ao que tange Moçambique, o país atravessou uma crise econômica severa que o colocou num estado de vulnerabilidade e que permitiu ao FMI e à comunidade doadora internacional se aproveitarem da situação para impor medidas ao Estado moçambicano (MONJANE, 2018). Moçambique conheceu nas últimas décadas rápidas transformações nas esferas social, política e econômica, embora a economia esteja agora estagnada, pareceu por alguns anos que estivesse crescendo a um ritmo atraente, mesmo assim, o funcionamento básico do Estado e a manutenção dos serviços essenciais não deixaram de depender da ajuda externa (MONJANE, 2018). Há ainda enormes desafios, mas os avanços que Moçambique registrou desde sua independência são indiscutíveis, há mais universidades, mais infraestruturas e mais oportunidades, o país assim como todo o continente está à beira de um “renascimento” africano, visto que conta com uma grande população, fluxo de novos imigrantes com grandes interesses na região, como mais recentemente os chineses, um processo de urbanização, a implementação de uma diáspora empreendedora e uma renovação religiosa (RIBEIRO; SILVA, 2015; KRAMA, 2016; MONJANE, 2018).

3.3 RELAÇÃO DA IURD COM A FRELIMO

¹⁶ A SADC é considerada o maior bloco do continente africano devido ao seu PIB elevado e à sua população, África do Sul, Namíbia, Botsuana, entre outros, formam o núcleo central, mas os demais países também possuem funções específicas, a exemplo de Moçambique que contribui com a área de transportes, cultura e comunicações (RIBEIRO; SILVA, 2015).

¹⁷ A Nepad foi um plano lançado em 2001 de desenvolvimento do continente, tem como característica o vínculo entre democracia, governabilidade e desenvolvimento, possui uma abordagem diferente daquela praticada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial para os problemas na África, além de ter sido criado pelos próprios africanos (RIBEIRO; SILVA, 2015).

¹⁸ A UA que substituiu a antiga OUA segue funcionando na Etiópia discutindo e representando os interesses conjuntos do continente, tem como objetivo a ampliação da integração e da cooperação entre os africanos, esse organismo foi dotado de um Conselho de Paz afim de tratar dos conflitos da região, ao mesmo tempo que tenta propor a criação de um bloco econômico que promova o desenvolvimento (RIBEIRO; SILVA, 2015; BRUM, 2019).

A tese da secularização como já foi mencionado no ponto 2.2 desta monografia não se justifica, uma vez que é lógico e historicamente falso afirmar que a religião não tem influência nenhuma nas ações políticas dos Estados¹⁹ (FREESTON, 2015). Alguns aspectos demonstram que a religião influencia sim as relações internacionais, mais especificamente a política, dentre tais aspectos temos que: as opiniões e crenças religiosas das autoridades políticas e dos seus integrantes induzem as políticas externas; a religião é uma fonte de legitimidade, tanto para apoiar quanto para criticar o comportamento do governo local/internacional ou pela atenção dada aos líderes religiosos pelos políticos influentes e meios de comunicação; e muitas questões religiosas, incluindo os conflitos de caráter religioso espalhados por inúmeras fronteiras tornam-se questões internacionais (SOARES, 2012). De acordo com Max Weber²⁰ (2005):

a legitimidade da fé é um dos três poderes que exerce influência na sociedade, por isso, trata-se de “um dos grandes poderes revolucionários da história, mas, na sua forma mais pura, é de caráter plenamente autoritário, dominador” (WEBER, 2005: 11)

Nesse sentido, a religião possui a capacidade de determinado poder para conseguir domínio sem precisar recorrer à coação que envolva ameaça da força, sendo necessário com isso, para convencer às populações de que a causa é legítima, a religião deve convencer, primeiramente, que é moralmente correta e que representa os interesses feridos ou as causas de amplo apelo social (SOARES, 2012).

As primeiras formas de poder concentrado e de institucionalização política foram construídas por sacerdotes-reis e eram muitos os exemplos desse tipo de organização política no interior do continente africano no início da colonização da África, sobretudo no século XIX (CLAVAL, 2011). A criação de instituições políticas tem como primeiro desafio a superação da desconfiança geral do povo e a autoridade que chefes religiosos exercem normalmente sobre seus fiéis é uma solução a esse desafio (CLAVAL, 2011). A religião deixou de aparecer como uma instituição privada, como uma prática individual e pessoal, ela tornou-se parte da organização política, o uso da autoridade de origem religiosa na construção de sistemas políticos eficientes teve consequências importantes na vida religiosa e nas

¹⁹ O crescimento dos evangélicos desde meados dos anos 1980, sobretudo os pentecostais, na vida política do Brasil e de países da América Latina, confirma que a secularização não é capaz de anular as trocas que ocorrem entre o mundo da religião e da política, visto que esses grupos foram os protagonistas nas últimas eleições realizadas na região (SELMÁN, 2019).

²⁰ Max Weber, considerado um dos fundadores da sociologia, já havia escrito sobre a legitimidade da religião em um de seus breves ensaios, *Três Tipos Puros de Poder Legítimo* (2005), além de ter dedicado várias obras e uma seção considerável do livro *Economia e Sociedade* (1922) ao tema da religião (SOARES, 2012).

profundas mudanças que ocorreram nas igrejas que devido a sua associação com o poder político, se aproveitaram do exercício da força para converter infiéis (CLAVAL, 2011).

Os grupos evangélicos possuem uma história consistente de implementação e de desdobramento político, as consequências que as transformações no campo religioso têm na vida política e na esfera pública sugerem que a tese mais geral para capturar a politização de tais grupos é que eles desenvolveram diversas formas e contingentes de mobilização política, que nas últimas décadas foram orientadas para a intervenção política e o fizeram no sentido de tendências conservadoras (SELMÁN, 2019). Mas ao contrário da afirmação impressionista de que esse conservadorismo se trata de uma onda de fascismo evangélico, é necessário atentar aos momentos e modos dessa politização e sua interação com o contexto social mais geral, para identificar quais devem ser as tarefas das forças progressistas nas diferentes direções que os evangélicos adotam (SELMÁN, 2019).

Os pentecostais, ou mais precisamente os neopentecostais, que foram os evangélicos mais numerosos e decisivos por várias décadas, também passaram por diversos estágios em suas formas de se relacionar com o público e com a política, que vão desde a situação minoritária e estigmatizada de uma religiosidade que era vista como "dissidente" e o fato de que a descendência dos primeiros religiosos locais pertencia a populações socialmente, economicamente ou culturalmente marginalizadas, até o momento de maior envolvimento político que coincide com o momento de maior expansão da visão pentecostal entre todos os grupos evangélicos (SELMÁN, 2019). Nesse cenário, os evangélicos não apenas começaram a participar da política eleitoral, mas tornaram-se interlocutores nos diálogos sobre políticas públicas, sua agilidade e capacidade de se expandir territorialmente os tornaram agentes-chave para os processos pelos quais os Estados levaram em conta, mediante múltiplos instrumentos públicos, a populações excluídas ou marginalizadas (SELMÁN, 2019).

Essas formas de mobilização política e social continuam algo que no último estágio de evolução será fundamental, os líderes de diferentes igrejas e associações evangélicas e pentecostais logo declararam de maneira cada vez mais nítida e intensa algo que está longe da fórmula convencional da secularização (religião livre de Estado e Estado livre de religião), a hierarquia dos evangélicos nas sociedades em que foram discriminadas estava ligada à hierarquia de suas concepções no espaço público, nesse momento, distintos aspectos da experiência evangélica não só podem ser atraentes para os políticos que os convocam, mas também para os evangélicos tentarem converter a situação religiosa em poder político, um

projeto é delineado em relação à conquista da sociedade como um todo para os valores cristãos (SELMÁN, 2019).

O ingresso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e de outras denominações pentecostais no campo político constituiu um fato novo, pois até a década de 1960 o pentecostalismo brasileiro e latino-americano, assumia uma postura de distanciamento da política (ORO, 2003). Entretanto, a relevante participação pentecostal na sociedade civil, nas áreas do ensino, saúde e assistência social, assim como a sua presença na política propriamente dita, seja apoiando determinados candidatos ou apresentando seus próprios candidatos, demonstra que o pentecostalismo desafia atualmente o estereótipo construído sobre ele enquanto passivo e indiferente em relação à sociedade e igualmente adverso em relação à política (DODSON, 1997).

A IURD iniciou seu processo de internacionalização nos anos 1980 e chegou ao continente africano na década seguinte, mais especificamente no ano de 1992 em Moçambique. O movimento evangélico foi marginalizado no período colonial e posteriormente no período pós-independência, foi novamente marginalizado pelo governo de orientação socialista da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) (SILVA, 2003). Essa atitude antirreligiosa adotada pela Frelimo após a independência do país perseguiu a Igreja Católica devido a sua colaboração com o regime colonial, os curandeiros tradicionais e as igrejas protestantes, que mesmo numa posição mais próxima do Estado, também sofreram com a política antirreligiosa (SILVA, 2008). A maioria dos líderes da Frelimo vieram das igrejas protestantes e por essa razão, as igrejas protestantes tornaram-se intimamente ligadas à formação do Estado-nação, assim como a Igreja Católica esteve vinculada ao projeto do Estado colonial português (KAMP, 2015).

No entanto, o colapso da economia moçambicana e a crescente dependência da Frelimo em relação à sociedade civil através da distribuição de roupas, alimentos e da instalação de equipamentos escolares e médicos, especialmente entre os anos de 1977 e 1992, período que ocorreu a guerra entre a Frelimo e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), mudaram a política de relacionamento entre o Estado e as igrejas (KAMP, 2015). Ademais, as políticas da Frelimo frente à religião geraram publicidade negativa, contrastando com a imagem positiva a esse respeito da Renamo, que tinha uma posição a favor da religião e que recebeu apoio de grupos da sociedade civil do Ocidente, principalmente dos Estados Unidos (KAMP, 2015). No início dos anos 1980, estabeleceu-se

um novo período de diálogo mais construtivo entre a Frelimo e as igrejas, o então presidente Samora Machel confirmou que conjuntamente, o governo e as igrejas, iriam melhorar a situação dos moçambicanos, porém um clima mais liberal só foi efetivamente iniciado com o sucessor de Machel, o presidente Joaquim Chissano, no ano de 1986 (KAMP, 2015).

O período de crise que acometeu o país após o término da guerra civil que ocorreu entre a Frelimo e a Renamo, levou o governo a buscar alianças internas e, conseqüentemente, iniciar uma relação mais favorável com as igrejas evangélicas, diante desse cenário, emergiu uma “revitalização religiosa” marcada pelo crescimento do movimento evangélico em conjunto com outras igrejas evangélicas que entraram em Moçambique na década de 1990, incluindo a IURD (FIOROTTI, 2013). As novas igrejas que chegaram ao país se beneficiaram da plena liberdade religiosa que foi instituída com a Constituição Democrática de 1990 e do afrouxamento do controle da Frelimo sobre o espaço da cidade, o crescimento dessas igrejas também está relacionado com a rápida urbanização durante e depois da guerra, que passou a atrair refugiados das áreas rurais para as áreas periurbanas, onde as igrejas africanas independentes, em particular, encontraram terreno fértil. (KAMP, 2015).

Após uma década de atividades no país, o perfil dos adeptos da IURD em Moçambique, ao que parecia, continuou o mesmo, contudo, começou a se perceber a adesão de um pequeno número de indivíduos das classes altas e da elite política, mesmo que nem sempre assumissem tal adesão publicamente (FIOROTTI, 2013). Diante disso, Cruz e Silva (2001) afirmou que essa informação demonstrou que a IURD continuava inserida nas zonas mais urbanizadas e no eixo centro-sul de Moçambique, mas mostrou também que existia uma tentativa de estender-se por todo o país.

Atualmente, a força da maior neopentecostal brasileira no outro lado do oceano impressiona. Na liderança do país desde 1975, mas sem poder de mobilizar a população, o governo moçambicano entrega grandes eventos comemorativos nas mãos da IURD (OLIVEIRA, 2019). A Frelimo não é tão bem vista e reconhecida como legítima por boa parte da população, como ressalta Fiorotti (2017), as falas do presidente é algo que não mobiliza tanto e por esse motivo, a IURD é convocada para datas cívicas. Ou seja, a IURD tem um palanque garantido, não há uma fronteira entre os discursos religiosos e políticos, o religioso tem implicação política e o político é utilizado dentro dos templos (FIOROTTI, 2017). Fiorotti em entrevista concedida a USP em 2019, fez uma analogia ao caso brasileiro ao lembrar o primeiro pronunciamento do presidente do Brasil, Jair Mesias Bolsonaro, que

teve início com uma oração ministrada em rede nacional pelo pastor e líder evangélico Magno Malta (OLIVEIRA, 2019).

4 COMPARANDO DISCURSOS: ANÁLISE DOS JORNAIS

Neste capítulo será analisada a perspectiva da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) sobre o povo moçambicano, bem como seu inverso, a perspectiva do povo moçambicano sobre a IURD. Tais perspectivas serão viáveis, sobretudo, devido à análise do jornal da própria igreja (Folha Universal) e dos jornais locais de Moçambique. Por fim, esses dois discursos presentes nos jornais serão comparados através das lentes do construtivismo.

4.1 PERSPECTIVA DA IURD SOBRE O POVO MOÇAMBICANO

Para a realização da análise da perspectiva da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) sobre o povo moçambicano foi utilizado o jornal da própria IURD, a Folha Universal. Criada em 1992 no Rio de Janeiro, a Folha Universal começou pequena, com uma equipe de três pessoas e com uma tiragem de 100 mil exemplares, a edição era composta de 12 páginas impressas em duas cores somente, porém, com o passar do tempo, o aumento da tiragem foi gradual, o jornal foi se aprimorando e acompanhando o crescimento da IURD no Brasil e no mundo (MEDEIROS, 2018).

A versão on-line da Folha Universal encontra-se disponível no portal www.universal.org.br e nas redes sociais, como Facebook e Instagram, que permitem uma maior interação entre a igreja e os seus leitores. Através das mensagens publicadas em todas as edições na página 3, os leitores fazem comentários relativos aos conteúdos com os quais se identificaram, o que possibilita que o jornal se torne cada vez mais participativo e assistencial (MEDEIROS, 2018).

A Folha Universal foi de suma relevância para esta pesquisa em razão do seu caráter comunicativo/cooptativo, ela é um dos principais instrumentos de comunicação e uma das principais ferramentas de evangelização da IURD, visto que propaga a ideologia da igreja, além de levar palavras de alegria, conforto e esperança aos aflitos (JÚNIOR, 2005; MEDEIROS, 2018). O jornal não aborda apenas assuntos ligados à religião, é possível encontrar em suas matérias informações variadas relativas à política, eventos e ações sociais, dentre outras (JÚNIOR, 2005; MEDEIROS, 2018).

Na análise realizada após a leitura das reportagens trazidas pela Folha Universal através do seu site universal.org, pôde-se constatar que na visão da IURD, o povo moçambicano convive com a precariedade decorrente das desigualdades sociais e dificuldades

econômicas, num país onde as autoridades governamentais não dão conta de suprir por completo as necessidades da população, e que, cabe à igreja promover bem-estar espiritual e material para esse povo por meio da realização do trabalho de voluntários e de ações sociais. Para tal análise, foram utilizadas sete notícias que datam de um período compreendido entre os anos de 2016 a 2020 e onde em todas as notícias essas ações benevolentes da IURD para com a população moçambicana estão presentes.

A notícia do dia 14 de novembro de 2016 da Folha Universal, sob o título “Universal inaugura templo em povoado de Moçambique”, relatou de forma evidente o que a análise constatou, que a igreja vem contribuindo com a promoção do bem-estar espiritual e material dos cidadãos locais, por meio do trabalho de voluntários e de ações sociais que alcançam as regiões mais afastadas dos centros urbanos e as comunidades mais carentes. A reportagem comunicou sobre a inauguração da primeira Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a entrega de um poço artesiano na região do povoado da vila de Mafavuca, localizado no Distrito de Namaacha, a 75 quilômetros de distância da capital do país, Maputo. As crianças que compareceram ao evento receberam atenção especial das educadoras da Escola Bíblica Infantojuvenil (EBI), que levaram alegria e a Palavra de Deus a elas, além de brinquedos (FOLHA UNIVERSAL, 2016). Segundo dados do Censo²¹ de 2007, apenas 3% da população do Distrito de Namaacha possuía água canalizada dentro de casa (rede) e 22% possuía eletricidade. Em relação à religião, os evangélicos eram 12,2, ficando atrás dos católicos, por exemplo, com 13,4 (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2012).

O pastor Luiz Morais, responsável pelo trabalho de evangelização no país na época da reportagem, realizou a primeira oração no novo templo e agradeceu a Deus pela sua presença na vida de cada um dos que estavam naquela cerimônia inaugural, ele falou sobre as conquistas alcançadas e as que ainda estavam por vir em benefício de toda a comunidade, como residências e energia elétrica. A população de Mafavuca não tinha fácil acesso à água potável, o que foi solucionado, em certa medida, com a construção do referido poço artesiano, numa parceria entre a IURD e outras entidades sociais do país, um dos projetos futuros era ajudar a comunidade a investir na agricultura e na criação de pequenos animais domésticos, como coelhos, patos e galinhas. Além disso, havia uma previsão que a partir de janeiro de 2017, os voluntários iniciariam aulas de alfabetização para adultos por meio do projeto Ler e

²¹ Dados Estatísticos do Distrito de Namaacha de março de 2012, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/estatisticas/estatisticas-territorias-districtais/maputo-provincia/marco-de-2012/distrito-de-namaacha.pdf/view>. Acesso em: 01/04/2021.

Escrever, cozinheiros visitariam a comunidade para ensinar os interessados a produzir pratos típicos da região e voluntários ensinariam a fabricar tijolos, que seriam usados na construção de uma vila de casas na comunidade (FOLHA UNIVERSAL, 2016). O projeto Ler e Escrever foi implementado no Brasil no início da década de 90 e, posteriormente, em outros países lusófonos, como Angola, Moçambique e Portugal, tendo como finalidade erradicar o analfabetismo e promover a capacitação profissional de jovens e adultos (FOLHA UNIVERSAL, 2017).

A notícia do dia 19 de outubro de 2016 da Folha Universal, intitulada “Ministério da Saúde de Moçambique homenageia Universal por ações no país”, mencionou a homenagem recebida pela IURD devido ao seu comprometimento e intenso trabalho social em Moçambique, representantes do governo e da igreja reuniram-se no Hospital Central, em Maputo, para a realização da cerimônia de homenagem. De acordo com dados do próprio Ministério, as campanhas de doação de sangue que a IURD realizava semanalmente correspondiam a mais de 50% de todo o sangue utilizado nos hemocentros moçambicanos. Dessa forma, milhares de vidas eram salvas todos os meses graças à contribuição da igreja. O responsável pelas obras sociais realizadas pela IURD no país, pastor José Guerra, explicou que para a igreja não é um trabalho, mas sim um prazer contribuir para o bem da sociedade (FOLHA UNIVERSAL, 2016). Anualmente, o setor de saúde de Moçambique recolhe em média 136 mil unidades de sangue, sendo que a quantidade recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 200 mil, cada unidade de sangue possui 40 ml e cerca de metade desse sangue recolhido é assegurada por doadores voluntários (JORNAL MÉDICO, 2018).

A IURD vinha atuando de diferentes maneiras para auxiliar os habitantes da região, visitando hospitais, orfanatos e penitenciárias, por exemplo, os voluntários levavam não apenas apoio material, mas também, e principalmente, apoio espiritual. Para aqueles que necessitavam de qualificação profissional a fim de se destacarem no mercado de trabalho, eram oferecidos cursos gratuitos como de informática, corte e costura, cabeleireiro, culinária, secretariado e inglês. Desse modo, mesmo as pessoas que não tinham condições financeiras para se profissionalizar poderiam obter melhores resultados na busca pelo emprego ou no empreendedorismo. Em virtude dessas ações, a importância do trabalho da IURD em Moçambique foi reconhecida tanto pela população quanto pelo governo, somente por parte do Ministério da Saúde, por exemplo, essa já era a quarta homenagem recebida (FOLHA UNIVERSAL, 2016).

A notícia do dia 3 de agosto de 2017 da Folha Universal, sob o título “Universal em Moçambique promove campanhas de doação de sangue”, também abordou o tema da doação de sangue e relatou que a IURD de Moçambique havia realizado, por meio da Associação Beneficente Cristã (ABC), uma importante campanha de doação de sangue em 2 bairros de Maputo, o evento contou com a participação de ativistas, voluntários, membros e simpatizantes da IURD que se uniram com o mesmo propósito, o de salvar vidas. Alertar sobre a necessidade de componentes sanguíneos seguros, agradecer a todos os doadores pelo gesto de solidariedade em prol da sociedade, também foram alguns dos objetivos da ação, citados na reportagem. O então Diretor Executivo da ABC, Victor Mondlane, afirmou que a instituição continuaria a mobilizar os membros da IURD e a sociedade em geral no sentido de doarem sangue para salvar vidas (FOLHA UNIVERSAL, 2017). No ano de 2018, as autoridades sanitárias moçambicanas lançaram um apelo à doação de sangue devido ao fato das reservas nacionais estarem aquém do recomendado, tal informação, de certa forma, contrasta com as informações relatadas nas reportagens de 2016 e 2017 (JORNAL MÉDICO, 2018).

A notícia do dia 22 de março de 2019 da Folha Universal, denominada “FJU doa 4 toneladas de alimentos às vítimas do ciclone Idai”, informou a respeito da ajuda humanitária realizada pela IURD após a passagem do ciclone Idai que deixou Moçambique em uma situação desesperadora, tinham sido confirmadas até o momento da reportagem mais de 400 mortes, mas o presidente Filipe Nyusi acreditava que pelo menos mil pessoas morreram, além disso, milhares de pessoas estavam desabrigadas, sem alimentos e até mesmo sem energia elétrica. Uma reportagem de outra agência de comunicação constatou que passou de mil o número de mortos, sendo 602 mortos em Moçambique (país mais afetado pela tempestade), 344 mortos no Zimbábue e 59 mortos no Malawi (G1 MUNDO, 2019). Segundo José Guerra, presidente da IURD no país, a igreja vinha trabalhando arduamente coletando água potável, alimentos não perecíveis, vestimentas e etc. para as vítimas do ciclone. Após a passagem do ciclone, houve o aumento no número de casos de cólera, a doença é transmitida pela contaminação da água e dos alimentos por uma bactéria, a cidade portuária de Beira, em Moçambique, foi a que registrou a maioria dos casos da doença (G1 MUNDO, 2019). O bispo Honorilton Gonçalves, responsável na data do ocorrido pelas atividades da IURD em Moçambique, relatou que 17 igrejas haviam sido atingidas, mas que mesmo assim, os pastores da IURD continuaram fazendo reuniões improvisadas e mantendo o povo na fé de Deus. Essa

ação de arrecadação e doação foi praticada pelo grupo Força Jovem Universal (FJU)²², com apoio da TV Miramar, parceira moçambicana da Record TV (FOLHA UNIVERSAL, 2019).

A notícia do dia 10 de maio de 2019 da Folha Universal, abordou o tema “15 mil jovens moçambicanos dizem não ao alcoolismo”, em outra ação do programa social Força Jovem Universal (FJU) de Moçambique, foi realizado o evento “Saiba Dizer Não”, na Praça da Independência, em Maputo, atrações musicais e de dança atraíram cerca de 15 mil adolescentes para o local, o principal objetivo do encontro foi conscientizar os jovens sobre a importância de manter uma vida longe dos vícios e da criminalidade, além de alertar sobre o suicídio e tudo aquilo que tem afetado a juventude. Conforme o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique, o consumo excessivo de álcool entre os adolescentes tem sido cada vez mais precoce, entre os 12 e 13 anos, o que tem comprometido o avanço pedagógico deles. O “Saiba Dizer Não” foi conduzido por Felipe Cerqueira, então responsável da FJU em Moçambique, ele explicou que o objetivo do evento foi mostrar à juventude que é possível dizer não a tudo o que é prejudicial à vida e ao futuro deles, além de esclarecer que muitos adolescentes estavam perdendo grandes oportunidades de trabalho, de estudo e deixando de investir em seus sonhos por não saber dizer não às drogas, ao bullying, preconceito, suicídio e racismo (FOLHA UNIVERSAL, 2019). A questão do alcoolismo, dentre outros assuntos, já havia sido abordada na 134ª Assembleia da União Interparlamentar (UIP), pela Presidente da Assembleia da República de Moçambique à época, Verónica Macamo, ao afirmar que um trabalho conjunto deverá garantir que os jovens possam crescer sãos, longe de comportamentos desviantes (PORTAL DO GOVERNO, 2016). Na ocasião, Macamo também defendeu que é dever de todos continuar trabalhando a favor dos valores morais e princípios étnicos, transmitindo, sobretudo, o legado de forma mais adequada à juventude para que ela possa vivenciá-los e os transmitir às futuras gerações (PORTAL DO GOVERNO, 2016).

²² A Força Jovem Universal (FJU) é um grupo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), voltado para a reintegração dos jovens e adolescentes na sociedade, acima de tudo, é assumir a responsabilidade com o seu futuro. Os jovens hoje têm encontrado muitas dificuldades para desenvolver o seu papel junto da sociedade de uma forma natural e saudável. Com atividades culturais, desportivas, cursos de formação e debates, os jovens aprendem a dar um rumo diferente à vida, longe dos vícios, dos atos criminosos ou do afastamento social. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/forca-jovem-universal/>. Acesso em: 01/04/2021.

A notícia do dia 9 de novembro de 2019 da Folha Universal fez um alerta “sem ter o que comer, moradores de aldeia de Moçambique recebem doações para sobreviver” ao relatar que voluntários do Unisocial – EVG²³, grupo que presta assistência a comunidades carentes, visitaram a aldeia de Mafavuka, a mesma citada na primeira reportagem, para oferecer cestas básicas às famílias que estavam vivendo em situação de vulnerabilidade. O então diretor nacional de Assistência Social de Moçambique, Moisés Comiche, explicou que apenas 18% da população pobre recebia o subsídio social básico, uma ajuda distribuída pelo Estado. Segundo o responsável pelo programa social no país, Paulo Marques, além dos alimentos que as 250 famílias receberam, o evento proporcionou a eles um momento de lazer e de cuidados com a beleza devido ao oferecimento de serviços de corte de cabelo, manicure, e tranças, um dos serviços de beleza que as mulheres do local mais gostavam. As crianças também tiveram seu espaço no evento, além de brincadeiras, os voluntários ofereceram lanches e doces (FOLHA UNIVERSAL, 2019).

E por fim, a notícia mais atual selecionada da Folha Universal, datada do dia 2 de setembro de 2020, sob o título “solidariedade aos idosos de Maputo”, mencionou a ação que distribuiu alimentos, kits de higiene, limpeza e proteção, além do oferecimento de apoio espiritual. Mesmo com a necessidade de obedecer ao distanciamento social, a higienização das mãos, entre outros cuidados neste período de pandemia, não impossibilitou que o grupo Calebe²⁴ promovesse uma visita de solidariedade ao Lar de Idosos, no bairro de Matendene, arredores de Maputo. Na ocasião, relatou a reportagem, cada idoso também recebeu apoio psicológico e terapia de grupo como forma de eliminar a solidão nessa faixa etária, a fim de promover uma vida saudável (FOLHA UNIVERSAL, 2020). O Governo de Moçambique estendeu as medidas de contenção da Covid-19 no início de 2021, tais medidas incluíram o toque de recolher das 10 horas da noite até às 4 horas da manhã. Janeiro e fevereiro foram os meses de maiores mortes e infecções no país, e por isso, essa atitude do Presidente moçambicano, Felipe Nyusi, foi adotada com o intuito de evitar um cenário ainda mais

²³ O Unisocial-EVG tem por objetivo a melhoria das condições sociais da população carente. O grupo leva a bairros de todo Brasil e no exterior, serviços gratuitos prestados por profissionais voluntários, como advogados, médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, massagistas, cabeleireiros, manicures e maquiadores. Roupas e cestas básicas também são doadas. Em 2018, cerca de 1 milhão de pessoas foram beneficiadas pelo programa social. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/sem-ter-o-que-comer-moradores-de-aldeia-de-mocambique-recebem-doacoes-para-sobreviver/>. Acesso em: 01/04/2021.

²⁴ O Grupo Calebe Universal, desenvolve atividades com os mais velhos, proporciona apoio psicológico e terapia de grupo de maneira a eliminar a solidão dos idosos, promovendo uma vida mais sadia. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/grupo-calebe-universal/>. Acesso em: 01/04/2021.

dramático (SILVA, 2021). A preocupação de Nyusi destoa da opinião do fundador da IURD, Edir Macedo, que chegou a negar, em algumas circunstâncias, a existência do vírus.

4.2 PERSPECTIVA DO POVO MOÇAMBICANO SOBRE A IURD

Para a realização da análise da perspectiva do povo moçambicano sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foram utilizados alguns dos principais jornais locais de Moçambique, entre mídias eletrônicas e impressas, são eles: Afrol News, Carta Capital²⁵, Carta de Moçambique, Folha de Maputo, Jornal Notícias e Jornal Verdade. Os jornais são veículos de informação que permitem a leitura de diversos gêneros em um mesmo lugar, de forma dinâmica. Além de conectar o leitor com o que acontece na cidade, no país ou no mundo, os jornais também dão a esse leitor, a possibilidade de se posicionar ativamente e abrir questionamentos diante de uma determinada situação (SYMPLA.COM, 2018). Assim sendo, a leitura e elaboração de textos jornalísticos são fundamentais para ambientar o indivíduo à realidade em que vive, transformando-o em um cidadão crítico, afinal, esse tipo de narrativa permite o contato com diferentes conhecimentos e posicionamentos, o que agrega muito ao desenvolvimento social (SYMPLA.COM, 2018).

A análise das notícias selecionadas constatou a boa relação entre o Presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, e outros membros do governo, com as autoridades da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), essa boa relação deve-se muito ao fato do apoio assistencial que a igreja desempenha no país. A análise também constatou o fato das queixas e acusações praticadas contra a igreja de Edir Macedo estarem presentes na maioria das reportagens. A IURD vem colecionando ao longo do tempo uma série de denúncias relativas à discriminação, perseguição, enriquecimento ilícito, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, curandeirismo e charlatanismo, entre outras. Para que tal análise fosse viável, foram escolhidas dez reportagens, com um recorte temporal maior que do tópico anterior, de 2010 a 2020. Duas reportagens selecionadas da Folha de Maputo expuseram a IURD em Angola e uma reportagem selecionada do mesmo jornal, expôs a IURD em São Tomé e Príncipe, essa escolha se deu devido à equivalência de denúncias contra a IURD nesses dois países assim como em Moçambique, porém, com ações mais contundentes.

²⁵ A Carta Capital apesar de ser de origem brasileira, foi pertinente à pesquisa, pois trouxe uma perspectiva do povo moçambicano através das entrevistas realizadas com alguns dos moradores locais de Moçambique, onde membros e ex-membros da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), deram seus depoimentos. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/labia-universal-2/>. Acesso em: 01/04/2021.

Em relação à descrição presente nos próprios sites dos jornais selecionados, a Carta de Moçambique ou Cartamz.com pretende tornar-se, o mais brevemente possível, no principal meio de informação de referência sobre assuntos econômicos, negócios, política e sociedade em Moçambique. Em termos de formato, a Carta de Moçambique foge do tradicional suporte em papel para se fixar unicamente como um jornal digital. Em termos de conteúdo, foge do usual estilo de jornalismo complacente e promocional, preferindo estimular o debate e a crítica, promovendo a boa governação na política e no mundo corporativo. Seu jornalismo é inspirado na tradição das abordagens de investigação do saudoso jornalista Carlos Cardoso, escola que moldou o perfil profissional de Marcelo Mosse, Diretor da Cartamz.com. Investigação, independência, rigor e análise são as marcas do jornal. Cartamz.com é um diário atualizado de segunda a sexta. O site contém seções de política, economia e negócios, além de sociedade, cultura, empresas, marcas e exterior. Ademais de uma produção noticiosa e de comentários objetivos e informados, o jornal conta com alguns colunistas residentes, onde se destaca o consagrado escritor moçambicano Mia Couto. O lema principal da Cartamz.com é prover informação de interesse público através de um jornalismo de investigação, escrito com qualidade e rigor, com recurso às mais diversificadas fontes de informação e opinião em Moçambique. O site é aberto. A plataforma foi desenhada para ser reativa em qualquer smartphone. O objetivo é chegar a todos os cantos de Moçambique, contribuindo para a formação de uma consciência pública informada e despertando na sociedade o interesse por temáticas centrais da vida política, econômica e social do país.

A Folha de Maputo é um portal moçambicano de informação online que agrega notícias da atualidade nacional e internacional de âmbito político, econômico, social, desportivo e cultural. A Folha estabelece como princípio de sua linha editorial a busca por um jornalismo de qualidade que se baseia na informação que dê mais-valia aos seus leitores nos vários tópicos abordados. Os jornalistas da Folha pretendem manter um fluxo de informações sempre conciso e atualizado. O Jornal Notícias pertence à Empresa Sociedades do Notícias (SN, S.A.) e é uma empresa privada participada pelo Estado, com personalidade jurídica, autonomia administrativa, financeira e patrimonial. Tem como objeto principal, explorar o serviço de comunicação, garantir a liberdade de expressão e direito a informação, além de difundir os variados aspectos do povo Moçambicano. Fora o seu objetivo principal a SN, S.A. tem ainda a prerrogativa de exercer atividades comerciais e financeiras. A SN, S.A. gere três jornais (Jornal Desafio, Jornal Domingo e Jornal Notícias), e conta com 11 delegações espalhadas por todas as províncias de Moçambique. Para além dos serviços de comunicação e

informação a SN, S.A. também presta serviços de produção e impressão gráfica, a partir da gráfica sediada na cidade de Matola. Tem como visão consolidar-se e ser reconhecido por sua importância ao oferecer informação de qualidade na imprensa nacional. Possui a missão de prestar serviços de comunicação e informação. Acompanhar o que de mais relevante acontece no país e não só, levantar dados, mas também transformá-los em informações úteis para a sociedade, atuar pelo bem coletivo através de um trabalho de qualidade e responsável, informar sobre os acontecimentos nacionais e internacionais, divulgar produtos, empresas e contribuir para um mundo melhor ao levar ao leitor, conhecimentos através de notícias em geral, serviços, tecnologia, política, diversão, saúde, educação e cultura, culinária, desporto e qualidade de vida, etc. A empresa Sociedade do Notícias, S.A., busca trabalhar os diversos valores com a informação como ética, moral, liberdade, credibilidade, responsabilidade, dentre outros, que procuram alcançar o leitor e toda a sociedade moçambicana.

E por fim, o Jornal Verdade que pertence ao Grupo Soico, uma Sociedade Independente de Comunicação. O Grupo Soico é o maior grupo privado de comunicação social em Moçambique, dispondo de televisão, jornal, rádio e online, além de organizar conferências e eventos. Fundado no ano 2000, o Grupo tornou-se uma referência regional no setor dos media através de um jornalismo irreverente, da produção de conteúdos multimédia, espetáculos ao vivo e eventos *corporate*. Com uma linha editorial inovadora e uma forte aposta na tecnologia, o Grupo Soico tem desempenhado um papel fundamental ao colocar Moçambique entre os países da região com maior abertura em termos de pluralismo e exercício da cidadania. A visão do Grupo Soico é ser o principal grupo de comunicação social na África Austral. Sua missão é informar, educar, entreter e servir com qualidade todos os moçambicanos. Tendo como valores excelência, transparência, padrões éticos, crescimento profissional, confiança e negócio de forma responsável. Os canais de televisão STV e STV Notícias transmitem 24 horas de emissão. Cobrem todas as capitais provinciais e ainda vários distritos e postos administrativos em Moçambique. A nível internacional, a STV Notícias pode ser vista também em Angola e Portugal.

A notícia do dia 10 de dezembro de 2010 está disponível no portal Afrol News, uma mídia eletrônica, parceira do Savana²⁶, principal jornal semanal independente de

²⁶ O jornal Savana conta com publicação em português sediada em Maputo e publicada pela Mediacoop, a principal agência de mídia independente do país. Desde 2000, a Afrol News coopera formalmente com a Mediacoop por meio da rede de intercâmbio de notícias MisaNet da mídia africana independente. Nas presentes condições, isso permite que a Mediacoop reproduza livremente a cópia do Afrol News e permite, por sua vez,

Moçambique. A notícia intitulada “as contas secretas da Igreja Universal no Moçambique”, revelou que a IURD, detentora de uma forte presença no país, poderia estar envolvida em atividades criminosas, incluindo lavagem de dinheiro através de empresas sediadas em paraísos fiscais de vários lugares do mundo. A reportagem trouxe a edição da revista brasileira “ISTO É”, na qual fez manchete sobre os possíveis “pecados financeiros” cometidos em nome de Deus pela seita fundada por Edir Macedo, que por sua vez, vinha construindo um legítimo império através da conquista de fiéis e da aquisição de propriedades imobiliárias. Conforme a “ISTO É”, desde 1999, havia um inquérito na Procuradoria da República brasileira, que investigava a relação de líderes da IURD com duas empresas sediadas nas Ilhas Cayman, conhecido paraíso fiscal britânico. A quebra do sigilo fiscal da igreja foi pedido, 6 anos depois, ao Supremo Tribunal Federal (STF), o objetivo era investigar a existência de um esquema do tipo da lavanderia montada pelo falecido PC Farias, assessor do ex-presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello (AFROL NEWS, 2010).

Para a Procuradoria da República brasileira, havia indícios de que o esquema foi utilizado para a compra (por 45 milhões de dólares) da TV Record do Rio, em 1989, e de outras emissoras. As duas offshore (subsidiárias criadas em paraísos fiscais para fugir da cobrança de impostos) enviaram dinheiro ao Brasil, por meio de operações irregulares, para a conta bancária de bispos da IURD e também de “laranjas”. Documentos da Receita Federal brasileira comprovaram essas transações. As remessas e recebimentos totalizaram 18 milhões de dólares e comprovariam a evasão de divisas. A “ISTO É” dizia ter tido acesso às investigações à época. Os documentos foram recolhidos por ex-dirigentes que tinham acesso à contabilidade da igreja, contratos de compra e venda de emissoras de rádio e televisão, imóveis e etc., além de declarações de impostos de rendimento de líderes da IURD (AFROL NEWS, 2010).

A IURD presente em vários países, incluindo Moçambique, alcançou tal crescimento deixando rastros pelo caminho, como enriquecimento ilícito, lavagem de dinheiro, compra da Record através de “laranjas”, acusações de curandeirismo e charlatanismo, chutes na imagem de uma santa e dissidências, mas até então, nada comparado às denúncias mencionadas. Segundo a Procuradoria brasileira, havia evidências de como funcionava o esquema de lavagem de dinheiro da igreja, ele passava por uma triangulação entre “doleiros” no Brasil, as empresas de offshore nas Ilhas Cayman e bancos de investimento no Uruguai. Numa pequena

mostra do esquema, a “ISTO É” dizia ter comprovado que, em 76 contratos, entre fevereiro e outubro de 1992, as duas empresas emprestaram 6,3 milhões de dólares aos bispos, pastores e um grupo selecionado de simpatizantes da igreja. A reportagem ainda mencionou que a IURD em Moçambique era mediática e polêmica, expandiu-se por quase todas as cidades do país, tendo como suporte mais visível a Rede Miramar (rádio e televisão), para além de um folheto de distribuição gratuita “Folha Universal”, e tendo ocupado, primeiramente, salas de cinema e recintos desportivos (AFROL NEWS, 2010).

A notícia do dia 18 de janeiro de 2012 da Carta Capital, sob o título “lábria universal”, relatou que a igreja de Edir Macedo, que contava com forte influência no governo e era dona da maior rede de TV, era também, uma das vozes mais influentes no miserável país africano. Poucos lugares do planeta fornecem terra mais fértil para uma mensagem de cura e prosperidade do que Moçambique, com quase a totalidade da população tentando sobreviver com menos de dois dólares por dia e com metade das crianças sofrendo com desnutrição crônica, o país africano tornou-se um poderoso centro de captação de adeptos para a IURD. Um exemplo do poder que a neopentecostal brasileira adquiriu em Moçambique ocorreu numa manhã de setembro de 2011, quando a IURD promoveu o chamado “Dia de Decisões” (ou “Dia D”), um megaculto realizado no Estádio Nacional de Maputo, capital moçambicana. O evento teve como objetivo promover curas e demonstrações de fé, além de claro, atrair novos fiéis. A igreja reuniu 42 mil pessoas no local e ainda viu outras 30 mil se aglomerarem do lado de fora, acompanhando via telão. As pessoas carregavam rosas nas mãos, símbolo do evento e ao compor a massa estavam, entre outros desesperados, jovens vítimas de poliomielite com suas bengalas, camponeses idosos descalços e vendedores ambulantes a sonhar com uma recompensa maior (CARTA CAPITAL, 2012).

O megaculto marcou um ano lucrativo para a IURD em Moçambique. O canal de televisão da igreja, a TV Miramar, ratificou-se como a líder de audiência. O seu apóstolo, Edir Macedo, foi recebido pelo então presidente, Armando Guebuza. O chamado “Cenáculo da Fé”, um megatemplo para cultos, foi inaugurado em Maputo. E, por último, a concentração de populares no “Dia D”, que contou com a presença de algumas personalidades da política local. Durante os anos de existência da IURD em Moçambique, a igreja cresceu sempre além das expectativas e apesar das vozes contrárias de seus críticos. Nos primeiros anos de sua expansão, enfrentou o ministro de Cultura e Desporto à época, Mateus Katupha, que criticou o uso de instalações esportivas para eventos religiosos (enquanto seu atual sucessor presenciou o Dia D in loco). Até o momento da notícia, epítetos como “Pastores Ladrões” e “Igreja de

Burla” (fraude), em homenagem a IURD, repercutiam nos transportes públicos em Maputo. Descontentes com a igreja de Edir Macedo existem aos montes. Em meados dos anos 1990, o falecido astro do jornalismo moçambicano, Carlos Cardoso, havia publicado uma série de editoriais afirmando que a IURD constituía uma empresa, ao invés de uma igreja, e por isso, deveria ser sujeita a impostos (CARTA CAPITAL, 2012).

Concorrentes do canal Miramar, a TIM e a STV, vinham fazendo reportagens sobre ex-fiéis da IURD que entregaram suas casas à igreja, na esperança de recompensas divinas. Apesar das críticas, a IURD estabeleceu-se como um porto na principal corrente da sociedade moçambicana, nenhuma das queixas-crimes apresentadas contra ela alcançaram uma decisão judicial. Dois dias antes do “Dia D”, a então presidente da Liga Moçambicana de Direitos Humanos (LDH), Alice Mabota, folheou o Código Penal, detendo-se no crime de burla, que significava a obtenção dos bens de outrem por meios fraudulentos. A aplicação da lei a donativos religiosos poderia estabelecer um precedente controverso devido ao fato dos partidários da IURD defenderem-se das acusações de burla por solicitarem a livre e espontânea vontade dos doadores, entretanto, conforme afirmou Mabota, existem casos na igreja que se aproximavam de contratos verbais. O escritório de serviços paralegais da Liga em Maputo recebia, com regularidade, reclamações de burla contra a IURD, mas os queixosos sempre desistiam antes de levar os seus casos à Procuradoria. Algumas disputas laborais da IURD (por dispensas ilícitas, dívidas à segurança social, discriminação entre moçambicanos e brasileiros) foram resolvidas por acordos de indenização em favor de ex-funcionários da igreja, que já havia gastado mais de 100 mil dólares com isso. Porém, os poucos processos de crime que já tinham sido iniciados contra a IURD, segundo Mabota, eram reféns de uma instrução obscura por parte da Procuradoria. Alice Mabota enumerou vários membros influentes do governo adeptos da igreja de Macedo, e insinuou que quando chegasse a hora de votar, esses mesmos membros que vão mobilizar todo o povo da IURD para votar neles (CARTA CAPITAL, 2012).

A notícia do dia 23 de agosto de 2015 do Jornal Verdade de Moçambique, trouxe o título “na catedral da IURD Presidente Nyusi anuncia encontro com Dhlakama e agradece apoio da igreja para sua eleição”. Como o enunciado sugere, o Presidente da República, Filipe Nyusi, havia declarado, na IURD de Maputo, que iria convidar formalmente o líder do partido Renamo, Afonso Dhlakama, para um encontro formal tendo como principal tópico de agenda, a busca de uma paz efetiva para o país. Nyusi aceitou dar mais atenção ao dossier de paz, pois havia assumido tal compromisso e agradeceu o encorajamento e o apoio recebido da igreja,

durante a campanha eleitoral, que culminou com a sua eleição para o cargo de chefe de Estado. O culto evangélico foi antecedido por uma visita ao edifício que abriga a sede da IURD. Ao final, o estadista moçambicano afirmou ter ficado bem impressionado com o investimento que a igreja vinha realizando no capital humano, através do centro de formação profissional, permitindo que vários cidadãos recebessem, gratuitamente, formação profissional específica. (JORNAL VERDADE, 2015).

O presidente disse estar ciente de que Moçambique é um Estado laico, cuja filosofia assenta na separação entre o Estado e as confissões religiosas, mas não obstante a essa laicidade, existe um relacionamento saudável e frutífero entre o Estado e as confissões religiosas, que vinham sendo um parceiro privilegiado na implementação das políticas públicas, particularmente na área social. Ciente ainda do papel que essas vinham desempenhando, para a promoção de um clima de paz, bem estar espiritual e material dos cidadãos e desenvolvimento econômico e social do país, explicou que o Ministério da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos foi criado por esse motivo, para dedicarem-se, de forma expressa, as confissões religiosas, tendo presente esta separação. Nyusi mostrou-se satisfeito pelo fato da convivência entre religiões ser um valor que os moçambicanos têm sabido elevar bem alto, com o particular destaque na experiência que os líderes religiosos moçambicanos têm emprestado aos processos de pacificação do país, com resultados bastante positivos (JORNAL VERDADE, 2015).

A notícia do dia 23 de agosto de 2015 da Folha de Maputo, intitulada “PR anuncia convite ao líder da Renamo para mais um encontro”, abordou o mesmo assunto mencionado na reportagem acima. Na ocasião, o Presidente Filipe Nyusi, disse acreditar que “as diferenças, nossas, as ideias estejam abaixo dos interesses do povo. O povo quer paz, quer tranquilidade. Isso farei. O povo não está de um lado. Está de todos os lados. O povo é este. O povo é também aquele que segue ao Presidente da Renamo. E estes dois povos, todos, que se juntam e formam o povo moçambicano querem a paz, querem o crescimento”. Nyusi também aproveitou a oportunidade para falar um pouco sobre a sua governança, que incide sobre cinco pilares, pedir uma maior atenção para as duas primeiras prioridades, mais concretamente a consolidação da unidade nacional, paz e soberania e ao desenvolvimento do capital humano e social. Em relação à paz, Nyusi disse ser uma condição e um meio para a garantia da estabilidade política, social e econômica do país, segundo ele “com a paz e em paz, as energias dos povos são encaminhadas para a promoção do desenvolvimento que os conduzirá ao bem-estar espiritual e material”, em seguida acrescentou “com a paz, cada um dos cidadãos

moçambicanos concentrar-se-á na satisfação das suas necessidades (individuais e coletivas), sem receios de qualquer ordem” (FOLHA DE MAPUTO, 2015).

A notícia do dia 12 de abril de 2017 do Jornal Notícias, sob o tema “Isaura Nyusi recebe oferta para vítimas do Dineo”, informou que a primeira-dama da República de Moçambique, Isaura Nyusi, havia recebido donativo constituído por produtos alimentares e vestuário em apoio às vítimas do ciclone Dineo, que entre os dias 15 e 16 de fevereiro do mesmo ano, assolou a província de Inhambane. A entrega foi feita nas respectivas instalações, na cidade de Maputo, pela Associação Beneficente Cristã (ABC), o braço solidário da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e foi resultado da contribuição dos seus crentes em Moçambique (JORNAL NOTÍCIAS, 2017). Nyusi agradeceu o gesto que, segundo ela, iria ajudar as pessoas que perderam tudo na sequência da violência dos ventos de 200 quilômetros por hora do ciclone Dineo, nas palavras de Nyusi “queremos reconhecer e enaltecer o esforço das entidades governamentais e privadas que se tem unido na busca de soluções urgentes para mitigar a crise gerada não só pelo ciclone Dineo, mas pelo efeito catastrófico das calamidades naturais, cíclicas no país”. O então Presidente do Conselho de Direção da ABC, José Guerra, por sua vez, disse que era sabido que o donativo não iria resolver todos os problemas, mas os alegrava ter o conhecimento de que estavam estendendo uma mão amiga (JORNAL NOTÍCIAS, 2017).

A notícia do dia 12 de dezembro de 2018 da Carta de Moçambique, denominada “missão de pastor da IURD: fazer dinheiro”, expôs o relatório da Comissão de Petições da Assembleia da República que iria a debate. O relatório continha 250 páginas numa fonte de casos de cidadãos, dentre eles, pastores, obreiros e membros da IURD, que recorreram ao Parlamento como última instância de uma luta por reposição de direitos alegadamente violados, em regra geral, esses cidadãos se queixavam, a comissão fazia o seu expediente, mas os casos continuavam da mesma forma. As entidades queixadas desdobravam-se em justificativas. A comissão possuía um poder limitado, não vinculativo, sua relevância era, portanto, limitada. Na comissão chegavam dos casos mais inusitados até queixas de pastores e obreiros da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) (CARTA DE MOÇAMBIQUE, 2018).

Na página 222 do relatório, constava uma breve história de pastores com “direitos violados”, na exposição dos queixosos, uma alegação que confirmava, mais uma vez, que a IURD era uma estrutura montada para fazer dinheiro devido ao fato de que os pastores de Moçambique teriam metas mensais para o crescimento financeiro da igreja. A IURD se diz

ser uma organização sem fins lucrativos, contudo, os pastores funcionam com metas de “faturação” em dinheiro e é como se fosse uma multinacional não tributada, sem receitas. Toda essa situação piora quando algum pastor é expulso, isso ocorre com total despreocupação com aspectos de direito laboral. O mal estar entre os pastores, obreiros e membros da IURD agravou-se com a chegada, no mesmo ano da reportagem, do Bispo Honorilton Gonçalves da Costa, acusado de tratar mal os moçambicanos, mesmo diante do olhar destemido do Presidente da Igreja em Moçambique, José Guerra. Das diligências feitas, a Comissão constatou que as denúncias evidenciavam irregularidades laborais e de direitos humanos, porém, a conclusão final dos casos envolvendo a IURD não era clara, muitos deles mereciam ainda novas diligências (CARTA DE MOÇAMBIQUE, 2018).

A notícia do dia 8 de agosto de 2019 do Jornal Verdade, sob o título “abuso e exploração da fé criminalizada em Moçambique”, abordou a revisão do Código Penal, que havia sido aprovada recentemente pela Assembleia da República, criminalizando com prisão quem “aliciar crentes de uma religião ou culto a alienar ou entregar dinheiro ou bens como (...) promessa para o enriquecimento”. Os deputados da Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade da Assembleia da República decidiram “innovar” o Código Penal e aproveitaram a revisão, aprovada por consenso das bancadas da Frelimo, Renamo e MDM, para criminalizar o abuso e exploração da fé em Moçambique (JORNAL VERDADE, 2019).

Conforme o Artigo 239, “quem, por meio de artifícios enganosos ou publicidade, aliciar crentes de uma religião ou culto a alienar ou entregar dinheiro ou bens como contrapartida de sua participação ou promessa para o enriquecimento, é punido com a pena de prisão de 1 mês a 2 anos e multa de até 1 ano”. A reportagem perguntou ao ministro da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos, Joaquim Veríssimo, se o governo iria esperar que os crentes se sentissem roubados e apresentassem queixa ou criaria brigadas para acompanhar as sessões em cada uma das casas de culto das mais de 900 confissões religiosas existentes em Moçambique na época, entretanto, ele se recusou a responder. Posteriormente, o Executivo manifestou a sua preocupação para um alegado impacto negativo na sociedade que muitas igrejas estavam criando. O fato é que o número de moçambicanos crentes das confissões protestantes, particularmente evangélicos e pentecostais não pára de aumentar, relativamente a aqueles que professam as religiões mais tradicionais, como a católica e islâmica (JORNAL VERDADE, 2019).

A notícia do dia 10 de outubro de 2019 da Folha de Maputo, intitulada “parlamento são-tomense ameaça fechar a IURD”, relatou que o parlamento são-tomense ameaçou banir do país a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), exigindo que a mesma assumisse e apresentasse em território nacional o cidadão Uidimilo Veloso, um pastor que teria entrado em ruptura com a organização. Em entrevista à jornalista Alda Ramos, foi avisado que caso isso não ocorresse, seriam acionados outros mecanismos para não existir mais a IURD em São Tomé e Príncipe. Bem como foi salientado que haviam dado um prazo de oito dias ao bispo da IURD, Ranger da Silva, durante uma audiência com duas comissões parlamentares que demorou mais de 3 horas para ser realizada. Segundo Ramos, é responsabilidade da IURD o bem-estar de Uidimilo Veloso. A igreja deveria acionar todos os mecanismos possíveis para que ele regressasse rapidamente ao país. Uidimilo era pastor da IURD na Costa do Marfim há 14 anos e foi preso por denúncias de alegada difamação e calúnia na rede social Facebook contra a igreja (FOLHA DE MAPUTO, 2019).

A mulher de Uidimilo estava grávida na ocasião e foi deportada para São Tomé e Príncipe, o pastor, por sua vez, estava detido na Costa do Marfim devido às acusações apresentadas pela IURD. Alda Ramos afirmou que “nós entendemos que a Igreja Universal violou o direito humano, tendo em conta que o cidadão foi condenado a um ano de prisão e nem sequer teve direito a um advogado. Isso não é possível, é uma violação dos direitos humanos”. A porta-voz do parlamento são-tomense disse que caso a IURD não assumisse as suas responsabilidades de colocar Uidimilo Veloso em São Tomé dentro do prazo estipulado, a congregação religiosa poderia ser banida do país. A denúncia da prisão do cidadão são-tomense na Costa do Marfim foi feita pela esposa que revelou outros episódios, incluindo a exigência de uma vasectomia ao seu marido. Mas de acordo com o bispo Ranger da Silva, a IURD não fez nenhuma queixa contra Uidimilo, a igreja fez queixa contra o perfil falso na internet que estava denegrindo a imagem da igreja, seus pastores e missionários. Ainda de acordo com Ranger da Silva, foi um crime cibernético que levou Uidimilo à prisão (FOLHA DE MAPUTO, 2019).

A notícia do dia 16 de março de 2020 da Folha de Maputo, sob o título “esposas de pastores angolanos da IURD contestam prática de vasectomia”, expôs que dezenas de mulheres e esposas de pastores angolanos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), dizem que eles foram forçados a fazer vasectomia. Essas mulheres e esposas marcharam contra essa prática e exigiram mudanças na liderança da instituição em Angola. Numa marcha de um quilômetro, as mulheres percorreram a avenida Ho-chi-min em direção à Praça da

Independência, até à catedral do Maculusso, em Luanda, exibindo cartazes onde se podia ler "não à violação da Constituição da República de Angola, não à evasão de divisas, não à vasectomia, que é um direito constituir família". Com panfletos, as manifestantes lembravam aos bispos e pastores que o altar é um lugar santo e pediram para que não mintam no púlpito. O grupo foi obrigado, pela polícia, a parar a cem metros de distância da catedral do Maculusso. No local, as mulheres gritaram palavras de ordem, leram uma moção de solidariedade às esposas e pastores da IURD, na qual apelaram a todas as organizações de mulheres em Angola, deputadas, organizações nacionais e internacionais que defendem os direitos humanos, em particular o das mulheres, para não ficarem alheios à causa. Conforme a moção, "instamos as instituições de direito, a comunidade internacional, em especial ao nosso Presidente João Manuel Gonçalves Lourenço, que se faça justiça". As mulheres referiram ainda na moção que "é consabido que ocorram no seio das esposas de pastores da IURD constantes violações dos direitos humanos, das convenções internacionais das quais Angola é signatária". "Por isso manifestamos toda a nossa solidariedade e gritamos que não aceitamos a mutilação dos órgãos genitais masculinos, não à vasectomia imposta e não à extermínio da raça humana", incitaram as manifestantes (FOLHA DE MAPUTO, 2020).

Em declarações à agência Lusa, Nádía Monteiro, membro da igreja, disse que os promotores da marcha aproveitaram o fato de março ser o mês da mulher para sensibilizar a sociedade angolana para esse problema. Nádía Monteiro recordou que já existe uma queixa-crime sobre os atos que denunciaram, salientando que "as mulheres dentro da igreja têm sofrido muitos maus tratos, são oprimidas, muitas delas por causa da opressão chegam até a fazer o aborto, sendo que é obrigatório a vasectomia para os pastores". O procedimento cirúrgico "não é um problema, porque é um método anticoncepcivo, mas o casal, a pessoa em causa, tem que fazer de livre e espontânea vontade" e não imposto pela igreja. Segundo Nádía, um grupo de pastores e membros da igreja que se opuseram a estas práticas estão sofrendo represálias, nomeadamente sendo despejados das habitações, a ajuda de custo sendo retiradas, entre outras. Odete Carla, da catedral do Morro Bento, considerou não ser justo o que os brasileiros estão fazendo aos angolanos. O número de pastores que foram sujeitos à vasectomia é elevado, na ordem das três centenas. Apesar disso, Odete Carla prometeu continuar a ser fiel na igreja, exigindo somente que existam reformas naquela confissão evangélica. Odete Carla ainda afirmou que, "o que está a acontecer no país não é justo, não aceitamos isso, nós queremos a liderança brasileira fora, queremos a liderança angolana, porque na IURD é um negócio que existe, envelope atrás de envelopes. Chega de começar a

explorar o povo angolano, chega de muita gatunice dentro da igreja” (FOLHA DE MAPUTO, 2020).

Já de acordo com Jorge Francisco, membro da IURD desde que foi legalizada em Angola, contou que há relatos comprovados de que mulheres de pastores são impedidas de ter uma gravidez saudável e, em alguns casos, a gestação tem sido interrompida, por pressão psicológica. Solicitado a comentar o motivo que leva os pastores a aceitarem submeter-se ao procedimento de vasectomia, Jorge Francisco explicou que existe uma doutrina e todo um preparo antes de se tornar pastor, que leva a esta situação. “Antes de pastor começa por ser um candidato a obreiro, depois torna-se obreiro e quando torna-se pastor, não passa ainda pela vasectomia, só quando se tornar num pastor consagrado, em que a pressão e a responsabilidade são maiores, e todo aquele percurso já foi feito, mormente o trabalho psicológico, obviamente que ali há quase uma imposição, uma obrigação moral de ele aceitar a vasectomia”, indicou. Jorge Francisco disse que “o objetivo não é criar uma nova universal, mas banir-se todas as práticas nocivas que têm tido lugar na IURD em Angola”. “Desde o primeiro momento o objetivo foi que se parasse e se fizesse uma reforma na igreja sem criar uma universal renovada, reformar-se as práticas nocivas na igreja, mormente a vasectomia, a evasão de divisas, que é o caso mais grave, e também outro caso grave que é a venda do patrimônio da igreja”, disse. Tais divergências vêm desde novembro de 2019, quando um grupo de bispos e pastores da IURD anunciaram o rompimento total com a liderança brasileira, guiada por Edir Macedo. Num comunicado subscrito por mais de 300 bispos e pastores angolanos, foram denunciadas as práticas obrigatórias de esterilização masculina, de evasão de divisas para o exterior do país e venda do patrimônio da igreja. Frente às denúncias, a Procuradoria-Geral da República de Angola abriu um processo-crime que se encontra ainda em fase de investigação. A instituição tem sempre recusado estar a impor essa prática aos seus pastores (FOLHA DE MAPUTO, 2020).

E finalmente, a notícia do dia 21 de setembro de 2020, também da Folha de Maputo, denominada “justiça angolana manda encerrar todos templos da IURD”, revelou que a justiça angolana ordenou o encerramento e apreensão de todos os templos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Angola, estando o processo de fechamento sendo feito de forma gradativa. “Por despacho do Ministério Público, todos os templos da IURD em território nacional estão apreendidos e encerrados, só que o processo de selagem está a ser feito de forma gradual”, disse a fonte policial, acrescentando que só na capital angolana, Luanda, são 211 templos. A IURD em Angola declarou-se surpresa com a ordem de encerramento de

quatro dos seus templos durante o culto, adiantando que nenhum deles estava no lote dos sete edifícios apreendidos pela Procuradoria-Geral da República em agosto e classificou a operação policial como “desproporcionada e excessiva”. Em declarações à Lusa, uma fonte policial adiantou que os templos estão apreendidos e serão encerrados. “Por conseguinte, enquanto decorre o processo não podem realizar cultos”, afirmou a mesma fonte, acrescentando que “para que não se criem mais dúvidas a respeito, as partes serão notificadas nos próximos dias, para aclarar a situação” (FOLHA DE MAPUTO, 2020).

A ocasião foi o primeiro fim de semana em que eram retomados os cultos religiosos em Luanda desde março, altura em que foi declarado o estado de emergência em Angola devido à pandemia de covid-19. Num comunicado enviado à Lusa, a IURD disse ter sido “surpreendida” com a chegada da polícia aos templos do Kilamba, Estalagem, Km 30 e Samba, tendo sido decretado o encerramento dos mesmos, apesar de os agentes não estarem “munidos de qualquer mandato ou documentação de suporte”. A IURD alegou que a polícia agiu “de forma truculenta e excessiva, cerceando os membros e fiéis que, na ocasião, estavam exercendo seu direito de liberdade de culto” e sublinha que não havia qualquer impedimento legal ou mandato judicial que impedisse o culto naqueles templos, “pois os mesmos não foram arrestados ou lacrados pela Procuradoria-Geral da República (PGR)”. A PGR angolana apreendeu, em agosto do mesmo ano, sete templos da IURD em Luanda (Alvalade, Maculusso, Morro Bento, Patriota, Benfica, Cazenga e Viana), no âmbito de um processo-crime por alegadas práticas dos crimes de associação criminosa, fraude fiscal e exportação ilícita de capitais (FOLHA DE MAPUTO, 2020).

Segundo a IURD, os agentes apenas teriam informado que havia uma orientação de que os templos da igreja não deveriam estar abertos e que, por isso, estariam “em desobediência”. A IURD tem estado envolvida em várias polémicas em Angola, depois que um grupo de dissidentes se afastou da direção brasileira, em novembro de 2019. As tensões afiaram-se em junho de 2020 com a tomada de templos pela ala reformista, entretanto, constituída numa Comissão de Reforma de Pastores Angolanos, com troca de acusações mútuas relativas à prática de atos ilícitos. Os angolanos, liderados pelo bispo Valente Bezerra, afirmaram que a decisão de romper com a representação brasileira em Angola encabeçada pelo bispo Honorilton Gonçalves, fiel a Edir Macedo, se deu devido a práticas contrárias à religião, como a exigência da prática da vasectomia, castração química, práticas de racismo, discriminação social, abuso de autoridade, além da evasão de divisas para o exterior do país. Tais alegações são negadas pela IURD Angola que, por seu lado, acusa os dissidentes de

“ataques xenófobos” e agressões a pastores e intentou também processos judiciais contra os dissidentes. A IURD Angola acusou anteriormente as autoridades judiciais angolanas de terem feito apreensões ilegais e atentarem contra a liberdade religiosa. No momento da reportagem corriam nos trâmites dos tribunais angolanos vários processos judiciais relacionados com a IURD Angola. O conflito deu origem à abertura de processos-crime na PGR de Angola e subiu à esfera diplomática, com o Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, a pedir ao seu correspondente, João Lourenço, garantias de proteção dos pastores brasileiros e do patrimônio da igreja, tendo o chefe de Estado angolano prometido um “tratamento adequado” ao assunto na justiça (FOLHA DE MAPUTO, 2020).

4.3 COMPARAÇÃO DESSES DOIS DISCURSOS À LUZ DA TEORIA CONSTRUTIVISTA

Os anos pós-conflito e anteriores a Segunda Guerra Mundial foram marcados por intensos debates, especificamente, mais políticos, entre a perspectiva realista, mais centrada na política de poder, segurança e conflito, e a perspectiva idealista, utópica, como foco no direito internacional, interdependência, cooperação e paz. Esse debate ficou conhecido como “primeiro grande debate” das Relações Internacionais (BARBOSA, 2010).

O período que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial reforçou o realismo enquanto abordagem principal na análise de Relações Internacionais e abriu espaço para um debate distinto do anterior, de carácter metodológico, por sua vez, onde o cerne da discussão não era sobre o que se estudar, era sobre a maneira/meios de se estudar os fenômenos internacionais, estando de um lado a abordagem “clássica” ou “tradicional” e de outro lado o behaviorismo²⁷ (BARBOSA, 2010). Tal debate entre o tradicionalismo e o behaviorismo (cientificismo) foi denominado de “segundo grande debate” das Relações Internacionais, muitas vezes simplificado pelos manuais, mas que teve grande importância para o desenvolvimento e processo de afirmação da autonomia da disciplina, tendo grande duração e impacto (BARBOSA, 2010). Como descreve Barbosa (2010):

no decorrer da Guerra Fria alguns desafios colocaram a teoria realista à prova: o desenvolvimento da dinâmica internacional criou algumas novas questões que necessitavam de atenção. O processo de descolonização possibilitou o surgimento de vários novos países independentes (além de outros novos atores como as

²⁷ O que ficou conhecido como “revolução behaviorista”, não específico apenas das Relações Internacionais, mas das Ciências Sociais em geral, não era uma teoria, mas um esforço de transformar o estudo dos fenômenos internacionais “cientificamente” (BARBOSA, 2010).

Organizações Internacionais, por exemplo) com agenda política diversa dos países predominantes (Estados Unidos e União Soviética). [...] O realismo foi assim revisto (principalmente com Kenneth Waltz) e verificou-se o desenvolvimento (incorporando aspectos metodológicos positivistas) mais acentuado da teoria neo-realista e da teoria neo-institucionalista liberal, que acabaram se envolvendo no que se convencionou chamar de “debate neo-neo” (que perdurou por cerca de duas décadas), configurando-se como as teorias principais (mainstream) neste período (BARBOSA, 2010: 4)

Essas duas teorias, segundo suas principais críticas, como o Pós-Modernismo, a Teoria Crítica, o Pós-Colonialismo e a Teoria Normativa, não conseguiam lidar com temas diversos, como ética, identidade, cultura, etc. No final da década de 1980 desenvolveu-se no âmbito das Relações Internacionais, o Construtivismo, uma contribuição que acabou ganhando grande relevância no decorrer da década de 1990 (BARBOSA, 2010). O seu desenvolvimento ocorreu em meio a um debate intenso nas Ciências Sociais à época, sobre o lugar das ideias e dos valores na análise dos eventos sociais. Nas Relações Internacionais, a versão desenvolvida por Alexander Wendt, em seu livro “Social Theory of International Politics”, tornou-se, especialmente, parte do debate da disciplina (BARBOSA, 2010).

A contribuição teórica de Wendt (1999) passou a ser considerada um elo entre positivistas e pós-positivistas, sem negar o mundo material, ele afirmou a centralidade das ideias em sua teoria. Para o autor, existe um “mundo lá fora”, mas esse mundo é socialmente construído e, por isso, é produto das ideias e dos valores dos agentes que o constroem. É neste sentido que essa vertente é apresentada, pelo próprio Wendt (1999, p. 4), onde o Construtivismo seria apresentado como um “meio termo” (ou “via média”), isto é, uma versão “moderada” de Construtivismo que pretende distanciar-se, por um lado, de formas mais radicais de idealismo (que argumentam que apenas as ideias importam), e, por outro lado, de versões puramente materialistas (que explicam a realidade apenas em função de fatores materiais) (NOGUEIRA; MESSARI, 2005; BARBOSA, 2010). A estrutura ideacional e material compõem um todo articulado, sem ideias não se pode compreender os interesses, sem interesses não se pode atribuir significado às forças materiais e sem forças materiais não há realidade (PUCRIO, 2004).

Portanto, qualquer teoria, pode-se incluir as dominantes das Relações Internacionais, que ignore ou que não inclua de maneira endógena instrumentos para analisar os processos de construção das ideias e dos valores dos agentes é uma teoria incompleta. Em outras palavras, as teorias dominantes, segundo Wendt, carecem de uma explicação endógena da construção de identidades. Wendt (1999) afirma que a definição das identidades coletivas antecede a

definição dos interesses e que, antes de definir o interesse nacional, se faz necessário definir a identidade que vai informar a formação desse interesse (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Como visto anteriormente na introdução deste trabalho e como o nome indica, o foco do Construtivismo está na construção social da política internacional. Na base do argumento construtivista está a ideia de que: a realidade é “socialmente construída”; as estruturas são definidas, especialmente por ideias compartilhadas e não apenas por forças materiais e as identidades e os interesses dos atores são construídos por essas ideias compartilhadas. Isso significa que ideias e normas têm um papel fundamental tanto na constituição da realidade e dos agentes, quanto na definição de identidades e interesses. Os atores estão submersos numa estrutura social que os constitui e que, por sua vez, é constituída, também, por esses atores no processo de interação (PUCRIO, 2004).

O Construtivismo no estudo das Relações Internacionais é a perspectiva segundo a qual o modo que o mundo material forma e é formado pela ação e interação humana depende de interpretações normativas e epistêmicas dinâmicas do mundo material. A importância e o valor do Construtivismo para o estudo das Relações Internacionais baseiam-se basicamente em sua ênfase na realidade ontológica do conhecimento intersubjetivo e nas implicações metodológicas e epistemológicas dessa realidade. Os construtivistas acreditam que as Relações Internacionais consistem, a princípio, em fatos sociais, os quais são fatos apenas por acordo humano. Assim sendo, o Construtivismo é uma tentativa, mesmo que inibida, de construção de uma ponte, um meio termo, entre as intensamente separadas filosofias da Ciência Social positivista/materialista e idealista/interpretativista. A noção de intersubjetividade é outro fator que faz com que os construtivistas estejam no meio termo (ADLER, 1999). Dessa forma, como foi trabalhado ao longo desta monografia, os precedentes históricos, políticos e culturais formaram a atual sociedade moçambicana, porém, isso não impossibilita que tal sociedade, que já é construída, se reconstrua a partir de novas interações, ideias, concepções, etc. de uma realidade que se altera a todo momento. A análise dos jornais revelou que uma mesma sociedade que interage, no caso a moçambicana, pode vir a ter uma percepção diferente de mundo, no caso como essa sociedade percebe a internacionalização de uma igreja neopentecostal brasileira em seu país.

Quanto às formas de interação, Wendt (1999) reconhece dois tipos que são a comportamental e a retórica. Focando na prática retórica, ela também gera efeitos, mas isso se dá por meio de diferentes modos de comunicação, como a tomada de consciência, diálogo,

educação, ideologia, ação simbólica, discussão, persuasão, etc. A prática retórica pressupõe que o mundo social está constituído por significados compartilhados que podem ser manipulados, daí a importância do simbólico e das práticas discursivas que manifestam ou até mudam as ideias sobre quem somos ou sobre o que a ação coletiva é, tendo efeitos na redefinição ou reprodução das identidades e interesses. Entender o processo de interação ajuda a entender o processo de formação de identidades coletivas (PUCRIO, 2004). Desse modo, como já foi mencionado, a IURD adotou práticas simbólicas próprias de Moçambique, com o intuito de não desrespeitar o povo moçambicano e ser bem recebida. Esse povo moçambicano, por sua vez, que nos primeiros anos de internacionalização da IURD a rejeitou por se sentir desrespeitado nos cultos da igreja, mudou sua concepção e passou a aceitá-la. A IURD mudou seu discurso e suas práticas simbólicas/religiosas em Moçambique na busca por uma melhor receptividade da população. Discurso, nada mais é, que uma forma particular de entender o mundo e a realidade.

Nesse sentido, o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) presente no seu próprio jornal, a Folha Universal, demonstrou em todas as reportagens selecionadas, a ajuda humanitária prestada por voluntários em Moçambique. Tal demonstração tem como principal objetivo a cooptação de fiéis, fiéis esses, que buscam na fé, esperança de dias melhores. Outros objetivos da IURD, já apresentados anteriormente, referem-se à busca por uma boa receptividade do povo moçambicano em relação à igreja e por uma relação próxima com Filipe Nyusi, membro da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e Presidente do país. Atuando nas áreas sociais, onde o governo não consegue suprir todas as demandas da população, a IURD também acaba adquirindo poder político.

Por sua vez, o discurso presente nos jornais locais de Moçambique selecionados para a realização dessa análise, revelou duas percepções: uma percepção positiva, apresentada nas notícias do dia 23 de agosto de 2015 do Jornal Verdade e da Folha de Maputo e do dia 12 de abril de 2017 do Jornal Notícias, onde essa boa relação com o presidente moçambicano é confirmada, bem como a ajuda humanitária que a IURD realizou enviando donativos ou organizando ações solidárias às vítimas da fome, desastres naturais, etc.; e uma percepção negativa, apresentada nas notícias do dia 10 de dezembro de 2010 do portal Afrol News, do dia 18 de janeiro de 2012 da Carta Capital, do dia 12 de dezembro de 2018 da Carta de Moçambique e do dia 8 de agosto de 2019 do Jornal Verdade, relativa a como o povo moçambicano percebe a presença da IURD em seu país, onde, num primeiro momento, teve

uma boa receptividade, apesar de ser uma igreja brasileira, com uma visão cristã ocidental que difere da cultura local, mas que a partir da intensificação das denúncias de crimes contra os representantes da IURD em Moçambique, tal receptividade se alterou, podendo vir a ocorrer, num futuro próximo, o que já está ocorrendo em países como Angola e São Tomé e Príncipe, onde os bispos e pastores da igreja estão sendo expulsos, tal fato foi demonstrado a partir da análise das notícias dos dias 10 de outubro de 2019, 16 de março de 2020 e 21 de setembro de 2020, da Folha de Maputo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi analisada a percepção do povo moçambicano frente à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus em seu país, sob a luz da teoria construtivista. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), considerada a expoente do neopentecostalismo brasileiro, pertence ao que autores como Wagner (1991), Freston (1994, 1995) e Mariano (1996, 2004), chamam de terceira onda do pentecostalismo. O pentecostalismo de terceira onda emergiu no final da década de 1960 e início da década de 1970, suas principais doutrinas, no plano teológico, são a cura e o batismo no Espírito Santo, a Teologia da Prosperidade e a guerra espiritual contra o Diabo. A IURD tem como maiores concorrentes no campo religioso evangélico brasileiro a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundadas respectivamente, pelos bispos Romildo Ribeiro Soares e Valdemiro Santiago de Oliveira. Mesmo com inúmeras críticas e controvérsias em relação à igreja e seu fundador, o bispo Edir Macedo, a IURD conseguiu se consolidar e hoje é uma das maiores instituições evangélicas do país. Tal sucesso decorre, sobretudo, do seu poderoso aparato midiático e da sua missão evangelizadora, onde a igreja consegue se adaptar aos mais diversos contextos e atender as demandas de populações com características plurais. Edir Macedo é dono de um conglomerado de mídias, incluindo a Record TV, brasileira, e a TV Miramar, moçambicana.

A separação entre política e religião, público e privado, racional e irracional ocorreu devido ao ato fundador das Relações Internacionais, representado pelo Tratado de Paz de Westfália (1648), que fez nascer uma disciplina secular e moderna, deu fim às guerras religiosas europeias e estabeleceu o surgimento dos Estados soberanos modernos (CAMPOS, 2015; HURD, 2004; ROMANO, 2008; KUBÁLKOVÁ, 2009). A “tese da secularização” foi considerada um fato consumado e irreversível. Influentes teóricos do século XIX, como Auguste Comte, Émile Durkheim, Karl Marx, e Max Weber, acreditavam que a “rejeição à religião” estava ligada ao fato desta ser um vestígio pré-moderno que desapareceria com o avanço da industrialização, da urbanização e da burocratização, e tal ceticismo em relação à religião foi incorporado à teorização em Ciência Política e em Relações Internacionais ao longo do século XX (BELLIN, 2008).

Entretanto, a religião e seus desdobramentos religiosos jamais abandonaram por completo as principais dinâmicas das RI e a “tese da dessecularização”, proposta por Peter Berger (sociólogo norte-americano e um dos idealizadores da teoria da secularização),

comprovou isso. O fim da Guerra Fria, a conseqüente desintegração da União Soviética, dentre outros acontecimentos, resultou na crise dos paradigmas predominantes no estudo das Relações Internacionais. Tal contexto provocou profundas mudanças no sistema político internacional e fez com que a religião “ressurgisse” nos debates acadêmicos e teóricos das RI através da “virada religiosa” (KRATOCHVÍL, 2009; KUBÁLKOVÁ, 2009; THOMAS, 2014).

A nova ordem mundial formada no período pós-Guerra Fria consolidou a ideologia neoliberal e demonstrou que as relações de poder do sistema político internacional não estavam mais restritas somente aos Estados nacionais, podendo envolver novos atores da arena internacional. Nesse sentido, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), surgiu como um ator não governamental internacional e se internacionalizou em Moçambique, no ano de 1992. Num período de crise e vulnerabilidade pós-Guerra Civil, ela foi a primeira igreja evangélica a se internacionalizar no país, seguida por outras pentecostais e neopentecostais brasileiras (FIOROTTI, 2017). Assim como no Brasil, a IURD em Moçambique apresenta mensagens e ações que vão de encontro com as necessidades das populações e que dessa forma, ela teria encontrado “um campo fértil para atuar junto às esferas sociais negligenciadas pela incapacidade e fraqueza do Estado em providenciar o bem-estar necessário” (SILVA, 2003, p. 135). Mas, diferentemente do que ocorre no Brasil, onde a igreja do bispo Macedo demoniza religiões de matrizes africanas, em Moçambique, a IURD tem a preocupação de respeitar aspectos culturais locais, esse posicionamento lhe concede um aumento na popularidade e abre espaço na luta por poder político no país (FIOROTTI, 2017).

A sociedade moçambicana vivencia até os dias atuais o legado de séculos de exploração e subjugação deixado pelo Colonialismo/Neocolonialismo, bem como as sequelas decorrentes da Guerra Civil. O colonialismo foi uma prática de dominação política, econômica e cultural sobre outros territórios praticada pelos principais Estados modernos europeus, entre os séculos XIV e XVIII. Com a necessidade de buscar novas terras para explorar, as principais potências europeias voltaram sua atenção para a África. O primeiro contato dos portugueses com o território que futuramente seria a colônia de Moçambique foi no ano de 1498, com Vasco da Gama. Essa região representou desde o início um lugar estratégico para o império português devido à sua ligação com os mercados árabes, o oceano Índico e o mar da China (KRAMA, 2016). No entanto, a dominação portuguesa sobre as terras moçambicanas não se deu sem resistência e resultou num conflito brutal a fim de “pacificar os indígenas” e estabelecer o papel de subordinação desses indígenas naquilo que

era o projeto colonial português (KRAMA, 2016). A subordinação das sociedades autóctones em relação aos interesses externos alterou toda a estrutura social moçambicana. A Conferência de Berlim (1884-1885) organizou a repartição do continente africano e determinou a partilha da África entre os principais países europeus, dando fim aos conflitos sobre as questões territoriais e início a um intenso processo de exploração que teve como consequência a morte de milhões de pessoas.

A Segunda Revolução Industrial que ocorreu no século XIX e o advento das transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico e industrial modificaram profundamente a realidade, sobretudo na Europa, o que resultou na necessidade das potências europeias, além de Estados Unidos e Japão, de buscar novos mercados consumidores e recursos naturais, num processo que ficou conhecido como uma nova fase do capitalismo, o imperialismo. O imperialismo possui como estágio mais avançado e perigoso de sua evolução o neocolonialismo (N'Krumah, 1967), e sob tal contexto, as principais potências mundiais exerceram durante os séculos XIX e XX seu poder cultural, político, econômico e militar sobre países considerados subdesenvolvidos, os mantendo nessa posição em detrimento de seu próprio desenvolvimento.

Os movimentos de libertação dos países africanos começaram a ganhar força após a Segunda Guerra Mundial, principalmente entre os anos de 1957 e 1967. Em Moçambique, o processo de independência iniciou em 1964 em decorrência dos ideais dos fundadores do pan-africanismo e de uma agitação da população moçambicana frente à administração estrangeira. A libertação das nações africanas implicou numa ruptura com as formas de exploração do capitalismo, o que fez com que o progresso das lutas pelas independências se aproximasse do ideal marxista, países com inspiração socialista como a União Soviética, China e Cuba foram de suma importância para o êxito dessas lutas, pois forneceram apoio diplomático e militar. A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), criada em 1962, e quem liderou o movimento independentista que terminou somente em 1975, não soube lidar com a “nova” sociedade nos primeiros anos pós-independência, e em razão disso, não conseguiu estabelecer uma unidade nacional, aprofundando ainda mais a diferença entre as elites urbanas que mantêm o poder político e as populações rurais marginalizadas (KRAMA, 2016).

A guerra civil moçambicana, que ocorreu entre o regime marxista da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e as forças da guerrilha anticomunista da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), teve início em 1977, apenas dois anos após o fim da

guerra de independência contra Portugal e foi uma das guerras mais sangrentas do continente africano. Com a queda do regime socialista, entre outros fatores, a guerra civil teve fim em 1992, deixando uma baixa na população de Moçambique, seja pela guerra diretamente, pelas crises de fome decorrentes do conflito ou ainda, pela emigração de boa parte dos moçambicanos para os países vizinhos. O conflito deixou sequelas gravíssimas no país, como dificuldades econômicas e desigualdades sociais, mas também fez surgir uma vontade na população de “renascer”. Esse “renascimento” foi constatado em Moçambique e na África como um todo, que buscaram se reorganizar e desenvolver estratégias a fim de diminuir sua dependência externa e aumentar sua autonomia no sistema internacional. Tal reorganização africana contou com a rearticulação regional e internacional realizada através da formação de blocos econômicos.

Posto isto, o objetivo geral desta monografia era analisar como os moçambicanos percebem a ida da Igreja Universal do Reino de Deus para o seu país e os objetivos específicos eram entender a criação da IURD e sua missão de evangelização pelo mundo, contextualizando a sua ida para Moçambique, onde atua como um ator não governamental internacional, identificar os precedentes (colonialismo, neocolonialismo/imperialismo, independência e guerra civil) que explicam a atual situação moçambicana, além de entender a relação da IURD com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e por fim, analisar a perspectiva da IURD sobre o povo moçambicano, a perspectiva do povo moçambicano sobre a IURD e comparar esses dois discursos à luz da teoria construtivista. Tais objetivos foram alcançados devido à revisão de literatura feita e à análise documental e de discurso realizada através das notícias do jornal da IURD, a Folha Universal e dos jornais locais moçambicanos.

O problema de pesquisa desta monografia, por sua vez, referia-se à questão de analisar qual a percepção moçambicana frente à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em seu país? E tinha duas possíveis hipóteses: a primeira relatava uma percepção positiva, devido ao passado do povo moçambicano de exploração e subjugação e onde a IURD através da ajuda humanitária busca suprir as demandas sociais desse povo e a segunda, contrariamente, relatava uma percepção negativa, visto os escândalos de corrupção, discriminação, perseguição, etc., praticados por membros da igreja em relação à população de Moçambique, bem como de outros países lusófonos africanos, a exemplo de Angola e São Tomé e Príncipe. O resultado referente a tal problema de pesquisa foi obtido através da análise dos jornais, que demonstraram não haver um consenso sobre tal percepção. Ao que tange à elite que está no governo desde a independência do país, a análise revelou que há uma

boa receptividade dos representantes do governo de Moçambique em relação aos representantes da Igreja Universal do Reino de Deus. Já ao que tange às classes menos favorecidas da população moçambicana, se verificou por meio da análise, que existe uma dicotomia entre essa população, de um lado há uma boa receptividade dos moçambicanos mais carentes em relação à igreja devido ao trabalho de ajuda humanitária prestado, e de outro lado, há uma rejeição da população moçambicana em geral devido aos casos de denúncias contra a conduta dos membros da IURD, conduta essa que poderá resultar na expulsão de seus bispos do país, assim como vem ocorrendo nos demais países africanos.

Com o entendimento dessa ligação e influência que a religião como um todo exerce e que a internacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus em Moçambique demonstrou, se torna possível obter uma melhor compreensão do atual cenário da política e sociedade mundial, mas acima de tudo brasileira, e quem sabe, em um trabalho de pesquisa futuro, abordar tal perspectiva.

REFERÊNCIAS

- ACI DIGITAL. **Igreja Universal do Reino de Deus**. [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.acidigital.com/seitas/reinodeus.html>. Acesso em: 01 abr. 2020.
- ADLER, Emanuel. **O Construtivismo no Estudo das Relações Internacionais**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 47, São Paulo, 1999.
- AFROL NEWS. **As contas secretas da Igreja Universal no Moçambique**. Savana, 2010. Disponível em: <http://afrol.com/articles/16460>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1975 - Moçambique proclama sua independência de Portugal**. [s.l.], 2014. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/35785/hoje-na-historia-1975-mocambique-proclama-sua-independencia-de-portugal>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- ALVES, Luiz. **Moçambique e a luta pela independência e por uma sociedade socialista**. [s.l.], 2012. Disponível em: <https://averdade.org.br/2012/02/mocambique-e-a-luta-pela-independencia-e-por-uma-sociedade-socialista/>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- ANDERSON, Allan H. **To the ends of the Earth: Pentecostalism and the transformation of world Christianity**. Nova York: Oxford University Press, 2013.
- ARCA UNIVERSAL. [s.l.], 2009. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BANDEIRA, Alexandre Dresch. **Intersecção dos dispositivos midiáticos e religiosos: a midiáticação como lógica do consumo na igreja Universal do Reino de Deus**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. 2006.
- BARBOSA, Gabriela. **O Construtivismo e Suas Versões no Estudo das Relações Internacionais**. V Congresso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires, 2010.
- BELFIGLIO, Valentine J. **The Soviet Offensive in South Africa**. [s.l.], 1983.
- BELLIN, Eva. **Faith in Politics: New Trends in the Study of Religion and Politics**. World Politics, v.60, n.2, pp. 315-347, [s.l.], 2008.
- BERGER, Peter L. **A Desseccularização do Mundo: uma visão global**. Religião e Sociedade, v. 21, n. 1, p. 9-24, Rio de Janeiro, 2000.
- BEZERRA, Juliana. **Imperialismo e Colonialismo**. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imperialismo-e-colonialismo/>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- _____. **Revolução dos Cravos**. [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/revolucao-dos-cravos/>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- BOMFIM, Edcarlos R. **O colonialismo português em Moçambique segundo Eduardo Mondlane**. IV Congresso Internacional Sobre Culturas, UFRB, Bahia, 2018.

- BORGES, Dayane. **Colonialismo, o que é? Definição, origem, colônias e características.** [s.l.], 2020. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/colonialismo/>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- BRITES, David. **Em Moçambique, as feridas da guerra civil permanecem.** [s.l.], 2017. Disponível em: <http://omirador.over-blog.com/2017/08/em-mocambique-as-feridas-da-guerra-civil-permanecem.html>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- BRUM, Maurício. **O que foi o movimento pan-africano?** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/africa-para-os-africanos/>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação.** Unesp, São Paulo, 2009.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa).** Lusotopie, pp. 355-367, [s.l.], 1999.
- CAMPOS, Rodrigo Duque Estrada. **Religião e Relações Internacionais: Uma Abordagem Teórico-Methodológica.** Programa De Pós-Graduação San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP), São Paulo, 2015.
- CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan S. V. **Religião e Relações Internacionais: Dos Debates Teóricos ao Papel do Cristianismo e do Islã.** Editora Juruá, Curitiba, 2016.
- CARTA CAPITAL. **Lábia Universal.** Por Rowan Moore Gerety, [s.l.], 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/labia-universal-2/>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- CARTA MOÇAMBIQUE. **Missão de pastor da IURD: fazer dinheiro.** [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.cartamz.com/index.php/sociedade/item/384-missao-de-pastor-da-iurd-fazer-dinheiro#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20da%20Comiss%C3%A3o%20de,reposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20direitos%20alegadamente%20violados>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- CÉSARIE, Aimé. **Cultura e colonialismo.** In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org). *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais.* Edições 70, pp. 253-272, Lisboa, 2011.
- CHALIAND, Gerard. **A Luta pela África: estratégia das potências.** Editora Brasiliense, [s.l.], 1982.
- CLAVAL, Paul. **Política, espaço e cultura: as ligações entre poder e religião.** *Confins, Revista franco-brasileira de geografia*, n. 12, [s.l.], 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7115#tocto1n6>. Acesso em: 01 mar. 2021.
- COMUNIDADE DE SANTO EGÍDIO.** [s.l.]. Disponível em: <https://www.santegidio.org/pageID/30008/langID/pt/A-COMUNIDADE.html>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- CONSELHO CRISTÃO DE MOÇAMBIQUE.** [s.l.]. Disponível em: <https://mz.linkedin.com/in/conselho-crist%C3%A3o-conselho-crist%C3%A3o-de-mo%C3%A7ambique-a41a8a17a>. Acesso em: 01 fev. 2021.

CORTEN, A. **A esquerda e a paixão pela base.** In: CORTEN, A. Os pobres e o Espírito Santo. Editora Vozes, Petrópolis, 1996.

COUTO, Mia. “**Moçambique – 30 anos de Independência:** no passado, o futuro era melhor?”. Via Atlântica, n. 8, pp. 191-204, [s.l.], 2005.

DIAS, Zwinglio Mota. **Um século de religiosidade Pentecostal:** algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno Pentecostal. Horizonte, n. 22, v. 9, pp. 377-382, Belo Horizonte, 2011.

DODSON, Michael. **Pentecostals, politics, and public spacer in Latin America.** In: Power, politics and pentecostals in Latin America. Westview Press, pp. 25-40, Boulder, 1997.

DOM TOTAL. **Movimento Pentecostal e Neopentecostal:** diferenças e semelhanças. Por: Fabrício Veliq. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1258786/2018/05/movimento-pentecostal-e-neopentecostal-diferencas-e-semelhancas/>. Acesso em: 01 de abr. de 2020.

DÖPCKE, Wolfgang. **A vida longa das linhas retas: cinco** mitos sobre as fronteiras na África Negra. Rev. Bras. Polít. Int., n. 1, v. 42, pp. 77-109, Brasília 1999.

ESCOLA DOMINICAL. **Lição 1:** O que é evangelização? [s.l.], [2016?]. Disponível em: <https://escoladominical.assembleia.org.br/licao-1-o-que-e-evangelizacao/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

ESCOLA EDUCAÇÃO. **Imperialismo e Neocolonialismo:** resumo, diferença, conceitos e fatos históricos. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/imperialismo-e-neocolonialismo/>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FAUVET, Paul; MOUSSE, Marcelo. **É Proibido Pôr Algemas nas Palavras.** Editorial Caminho, Lisboa, 2004.

FIOROTTI, Silas André. **Considerações sobre a transnacionalização iurdiana:** o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Moçambique. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. **A Igreja Universal e o espírito da palhota:** análise dos discursos 'religiosos' e 'políticos' da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no sul de Moçambique. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FREITAS, Eduardo. **Pan-africanismo.** [s.l.], 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pan-africanismo/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil:** da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

_____. **Breve história do pentecostalismo brasileiro.** Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

_____. **Pentecostalism in Brazil:** a brief history. Religion, Abingdon: Taylor & Francis, n. 2, v. 25, pp.119-133, [s.l.], 1995.

_____. **Protestantismo e Democracia no Brasil.** Lusotopie, pp. 329-340, [s.l.], 1999.

_____. **A Igreja Universal do Reino de Deus na Europa.** Lusotopie, pp. 383-403, [s.l.], 1999.

_____. **"The transnationalisation of Brazilian Pentecostalism. The Universal Church of the Kingdom of God"**. In: CORTEN, Andre; MARSHALL-FRATANI, Ruth (orgs.). *Between Babel and Pentecostalism. Transnational Pentecostalism in Africa and Latin America.* Hurst & Company, pp. 196-215, London, 2001.

_____. **The Universal Church of the Kingdom of God: a Brazilian church finds success in Southern Africa.** *Journal of Religion in Africa*, [s.l.], 2005.

_____. **Religião e política, sim. Igreja e Estado, não.** [s.l.], 2015. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/leitura/religiao-e-politica-sim-igreja-e-estado-nao-paul-freston.html>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FOLHA DE MAPUTO. **PR anuncia convite ao líder da Renamo para mais um encontro.** [s.l.], 2015. Disponível em: <http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/pr-anuncia-convite-ao-lider-da-renamo-para-mais-um-encontro/#>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA DE MAPUTO. **Parlamento são-tomense ameaça fechar a IURD.** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/internacional/parlamento-sao-tomense-ameaca-fechar-a-iurd/#>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA DE MAPUTO. **Esposas de pastores angolanos da IURD contestam prática de vasectomia.** [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/internacional/esposas-de-pastores-angolanos-da-iurd-contestam-pratica-de-vasectomia-47979/#>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA DE MAPUTO. **Justiça angolana manda encerrar todos templos da IURD.** [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/internacional/justica-angolana-manda-encerrar-todos-templos-da-iurd/#>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **Universal inaugura templo em povoado de Moçambique.** [s.l.], 2016. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/universal-inaugura-templo-em-povoado-de-mocambique/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **Ministério da Saúde de Moçambique homenageia Universal por ações no país.** [s.l.], 2016. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/ministerio-da-saude-de-mocambique-homenageia-universal-por-acoes-no-pais/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **Ler e Escrever formando milhares de jovens e adultos.** [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/ler-e-escrever-formando-milhares-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FOLHA UNIVERSAL. **Universal em Moçambique promove campanhas de doação de sangue.** [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/universal-em-mocambique-promove-campanhas-de-doacao-de-sangue/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **FJU doa 4 toneladas de alimentos às vítimas do ciclone Idai.** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/fju-doa-4-toneladas-de-alimentos-as-vitimas-do-ciclone-idai/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **15 mil jovens moçambicanos dizem não ao alcoolismo.** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/15-mil-jovens-mocambicanos-dizem-nao-ao-alcoolismo-2/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **Sem ter o que comer, moradores de aldeia de Moçambique recebem doações para sobreviver.** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/sem-ter-o-que-comer-moradores-de-aldeia-de-mocambique-recebem-doacoes-para-sobreviver/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FOLHA UNIVERSAL. **Solidariedade aos idosos de Maputo.** [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/solidariedade-aos-idosos-de-maputo/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

FORBES. **The Richest Pastors In Brazil.** Por: Anderson Antunes. [s.l.], 2013. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/?sh=4ddd1bab5b1e>. Acesso em: 01 abr. 2020.

FOX, Jonathan. **The Rise of Religious Nationalism and Conflict: Ethnic Conflict and Revolutionary Wars, 1945-2001.** *Journal of Peace Research*, v. 41, n. 6, pp. 715-731, [s.l.], 2004.

_____; SANDLER, Shmuel (eds.). **Bringing Religion Into International Relations.** Palgrave Macmillan, Nova York, 2004.

_____. **World Separation of Religion and State Into the 21st Century.** *Journal of Peace Research*, v. 39, n. 5, [s.l.], 2006.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Pan-africanismo:** o conceito que mudou a história do negro no mundo contemporâneo. [s.l.], 2013. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=26286>. Acesso em: 01 fev. 2021.

G1 MUNDO. **Número de mortos pelo ciclone Idai, no sudeste da África, passa de 1 mil.** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/10/numero-de-mortos-pelo-ciclone-idai-no-sudeste-da-africa-passa-de-1-mil.ghtml>. Acesso em: 01 abr. 2021.

GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos.** Tradução: Roberto Cataldo Costa. Artmed, Porto Alegre, 2009.

GRAHAM, Elaine. **Between a Rock and a Hard Place: Public Theology in a Post-Secular Age.** SCM Press, London, 2013.

_____. **Between a Rock and a Hard Place: Public Theology in a Post-Secular Age.** *Practical Theology*, vol. 7, n. 4, pp. 235-251, [s.l.], 2014.

GUTIERREZ, Carlos. **Para tentar compreender a Igreja Universal.** Outras Mídias, São Paulo, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/para-tentar-compreender-a-igreja-universal/>. Acesso em: 24 maio 2021.

HALL, Stuart. **“The West and the Rest: Discourse and Power”**, in Stuart Hall. Bram Gieben (orgs.), *Formations of Modernity*. Polity Press, pp. 275-331, Cambridge, 1992.

HURD, Elizabeth Shakman. **The Political Authority of Secularism in International Relations**. *European Journal of International Relations*, v. 10, n. 2, pp. 235-262, [s.l.], 2004.

IHU ON-LINE. **Líderes das três principais igrejas neopentecostais travam “armagedom midiático”**. Entrevista especial com Alexandre Dresch Bandeira. Por: Patrícia Fachin. [s.l.], 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569799-lideres-das-tres-principais-igrejas-neopentecostais-travam-armagedom-midiatico-entrevista-especial-com-alexandre-dresch-bandeira>. Acesso em: 01 abr. 2020.

INFOPÉDIA. **Guerra Civil Moçambicana**. [s.l.], [2003?]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$guerra-civil-mocambicana](https://www.infopedia.pt/$guerra-civil-mocambicana). Acesso em: 01 fev. 2021.

IÑIGUEZ, Lupicínio. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Tradução: Vera Lúcia Joscelyne. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DE MOÇAMBIQUE. **Estatísticas do Distrito Namaacha**. [s.l.], 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Alana/Downloads/Distrito%20de%20Namaacha.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.

JESUS, Diego Santos Vieira de. **Em Nome de Deus? Religião e Relações Internacionais**. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, ano 20, n. 29, pp. 215-231, Porto Alegre, 2018.

JOHNSON, Todd M. **The global demographics of the Pentecostal and charismatic renewal**. *Society*, v. 46, n. 6, pp. 479-483, Holanda, 2009.

_____; CROSSING, Peter F. **Christianity 2013: Renewalists and Faith and Migration**. *Center for the Study of Global Christianity*, v. 37, ed. 1, [s.l.], 2013.

JORGENSEN, Knud Erik. **“Four Levels and a Discipline”**. In: *Constructing International Relations – The Next Generation*. M. E. Sharpe, pp. 36-53, Nova York, 2001.

JORNAL GGN. **A Igreja Universal do Reino de Deus em Moçambique**. [s.l.], 2012. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/religiao/a-igreja-universal-do-reino-de-deus-em-mocambique/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

JORNAL LUSA. **Presidente Filipe Nyusi demonstra proximidade com religiões derivadas dos Cristianismo**. [s.l.], 2014. Disponível em: <http://www.africa21online.com/artigo.php?a=1572&e=Pol%C3%ADtica>. Acesso em: 01 abr. 2020.

JORNAL MÉDICO. **Moçambique lança apelo à doação de sangue**. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.jornalmedico.pt/atualidade/36128-mocambique-lanca-apelo-a-doacao-de-sangue.html>. Acesso em: 01 abr. 2021.

JORNAL NOTÍCIAS. **Isaura Nyusi recebe oferta para vítimas do Dineo**. [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/capital/66549-isaura-nyusi-recebe-oferta-para-vitimas-do-dineo>. Acesso em: 01 abr. 2021.

JORNAL VERDADE. **Na catedral da IURD Presidente Nyusi anuncia encontro com Dhlakama e agradece apoio da igreja para sua eleição.** [s.l.], 2015. Disponível em: <https://verdade.co.mz/na-catedral-da-iurd-presidente-nyusi-anuncia-encontro-com-dhlakama-e-agra-dece-apoio-da-igreja-para-sua-eleicao/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

JORNAL VERDADE. **Abuso e exploração da fé criminalizada em Moçambique.** [s.l.], 2019. Disponível em: <https://verdade.co.mz/abuso-e-exploracao-da-fe-criminalizado-em-mocambique/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

JÚNIOR, Miguel Adilson de Oliveira. **A análise do jornal Folha Universal como instrumento de propagação da ideologia da Igreja Universal do Reino de Deus.** Ano 2, n. 2, [s.l.], 2005.

KAMP, Linda Van de. **Pentecostalismo brasileiro em Moçambique:** produção de conhecimento espiritual e cultural em um espaço transnacional. *Sociedade e Estado*, v. 30, n. 2, [s.l.], 2015.

KRAMA, Gisele. **Colonização e Guerra Colonial em Moçambique:** Influências nas obras de Mia Couto. *Revista Línguas e Letras*, v. 17, n. 36, [s.l.], 2016.

KRATOCHVÍL, Petr. **The Religious Turn in IR:** a Brief Assessment. *Perspectives*, v. 17, n. 2, pp. 5-12, [s.l.], 2009.

KUBÁLKOVÁ, Vendulka. **A ‘Turn to Religion’ in International Relations?** *Perspectives*, v. 17, n. 2, pp. 13-42, [s.l.], 2009.

LEGVOLD, Robert. **Soviet Policy in West Africa.** Harvard University Press, [s.l.], 1970.

LOPES, Ana Mônica Henriques. **Descolonização e Racismo:** atualidade e crítica – Neocolonialismo na África. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, ano IV, n. 8, [s.l.], 2011.

MACEDO, Edir. **Somos todos filhos de Deus?** Editora Unipro, São Paulo, 2007.

_____. **Nada a Perder:** Momentos de Convicção que Mudaram a Minha Vida. Unipro/Editora Planeta, v. 1, São Paulo, 2012.

_____. **Nada a Perder:** Meus Desafios Diante do Impossível. Unipro/Editora Planeta, v. 2, São Paulo, 2013.

_____. **Do Coreto ao Templo de Salomão:** A Fé que Transforma. Unipro/Editora Planeta, v. 3, São Paulo, 2014.

MACHEL, Samora. **Estabelecer o Poder Popular Para Servir às Massas.** Edições Frelimo, [s.l.], 1974.

_____. **A vitória constrói-se, a vitória organiza-se.** Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO, Maputo, 1977.

_____. **Declaramos Guerra ao Inimigo Interno.** Editora Quilombo, São Paulo, 1980.

MANHIÇA, Lázaro. **Assinatura dos Acordos de Lusaka: Direito à Independência** Conquistado há 46 anos. [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/98478-assinatura-dos-acordos-de-lusaka-direito-a-independencia-conquistado-ha-46-anos>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teoria da prosperidade**. Novos Estudos, Cebrap, n. 44, São Paulo, 1996.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estudos avançados, v. 18, n. 52, pp. 121-138, São Paulo, 2004.

_____. **Império Universal: Igreja neopentecostal cresce mundialmente, exporta sua hierarquia chefiada por brasileiros e enfrenta acirrada concorrência religiosa**. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, São Paulo, 2010.

MARINI, Luisa; CARVALHO, Ana Luiza de. **Renovada, bancada evangélica chega com mais força no próximo Congresso**. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

MATEO, Luiza Rodrigues. **Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos**. 142 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/98111>. Acesso em: 01 abr. 2020.

MEDEIROS, Janaina. **A nobre missão da Folha Universal**. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/a-nobre-missao-da-folha-universal/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

MENESES, Maria Paula. **Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique**. Revista Crítica de Ciências Sociais, pp. 115-140, [s.l.], 2018.

MOÇAMBIQUE. Presidente (1975-1986: Samora Machel). **Discurso de Declaração da Independência de Moçambique em 25 de junho de 1975**. Moçambique, 1975. Disponível em: <https://cedis.fd.unl.pt/wp-content/uploads/2016/02/DECLARA%c3%87%c3%83O-DE-INDEPEND%c3%8aNANCIA-DE-MO%c3%87AMBIQUE-DE-25-DE-JUNHO-DE-1975.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1975.

_____. **Lutar por Moçambique**. Centro de Estudos Africanos: Coleção Nosso Chão, Maputo, 1995.

_____. **“The Evolution of FRELIMO”**, in Aquino Bragança; Immanuel Wallerstein (orgs.), The African Liberation Reader, v. 2, The National Liberation Movements. Zed Books, pp. 121-122, London, 1982.

MONJANE, Boaventura. **Como está Moçambique, 43 anos depois de sua independência política?** [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/25/como-esta-mocambique-43-anos-depois-de-sua-independencia-politica/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

N'KRUMAH, Kwane. **Neocolonialismo: Último Estágio do Imperialismo**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

NASSIF, Luis. **A Igreja Universal do Reino de Deus em Moçambique**. [s.l.], 2012. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/religiao/a-igreja-universal-do-reino-de-deus-em-mocambique/>. Acesso em: 01 mar. 2021.

NOBRE, Fábio Rodrigo Ferreira. **(RESENHA) Religião e Relações Internacionais: Dos Debates Teóricos ao Papel do Cristianismo e do Islã**. Revista de Estudos Internacionais (REI), v. 9, n. 3, [s.l.], 2018.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais - Correntes e Debates**. Capítulo 6. Editora Vozes, pp. 162-186, [s.l.], 2005.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide**. U.S.A.: Cambridge University Press, Cambridge 2004.

OLIVEIRA, Anny. **Igreja Universal promove legitimidade política em Moçambique**. [s.l.], 2019. Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2019/01/29/igreja-universal-promove-legitimidade-politica-em-mocambique/>. Acesso em: 01 mar. 2021.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo: dinheiro e magia**. Ilha Revista de Antropologia, v. 3, n. 1, pp. 71-85, Florianópolis, 2001.

_____. **Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v.3, n. 1, pp. 97-109, [s.l.], 2003.

_____. **A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, São Paulo, 2004.

PETITO, Fabio; HATZPOLOUS, Pavlos (eds.). **Religion in International Relations: the return from exile**. Editora Palgrave Macmillan, Nova York, 2003.

PHILPOTT, Daniel. **The Religious Roots of Modern International Relations**. World Politics, v.52, n.2, pp.206- 245, [s.l.], 2000.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. Revista Contraponto, v. 3, n. 1, [s.l.], 2016.

PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. **PAR defende criação de espaços para jovens**. [s.l.], 2016. Disponível em: <https://dev.portaldogoverno.gov.mz/por/Imprensa/Noticias/PAR-defende-criacao-de-espacos-para-jovens>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PUCRIO. **A Perspectiva Construtivista das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5513/5513_3.PDF. Acesso em: 01 abr. 2020.

QUINTO, Antonio Carlos. **Igreja Universal se adapta a aspectos culturais em Moçambique**. [s.l.], 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/igreja-universal-se-adapta-a-aspectos-culturais-em-mocambique/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

RANKING: 30 CANAIS ABERTOS E PAGOS MAIS VISTOS EM MAIO. Por: Ricardo Feltrin. [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2020/06/21/ranking-30-canal-abertos-e-pagos-mais-vistos-em-maio.htm>. Acesso em: 01 ago. 2020.

RANKING IDH GLOBAL 2014. [s.l.], 2014. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em: 01 fev. 2021.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; SILVA, André Luiz Reis. **Relações Internacionais da Ásia e da África.** Editora Intersaberes, 1ª Edição, [s.l.], 2015.

RODRIGUES, Donizete. «Macedo, Edir». In: Clarke, Peter B. **Encyclopedia of New Religious Movements.** Routledge. pp. 379-380, London, 2006.

ROMANO, Roberto. **A Paz da Westfália (1648).** IN: MAGNOLI, Demétrio (Org.). História da Paz. Editora Contexto, pp. 69-92, São Paulo, 2008.

ROSAS, Nina. **A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras.** Ciências Sociais Unisinos, Vale do Rio dos Sinoas, 2016.

SANTOS, Alberto Pereira dos. **Religiões no Brasil e Relações Internacionais no Século XXI.** Revista Geo UERJ, n. 26, pp. 169-190, Rio de Janeiro, 2015.

SELMÁN, Pablo. **Quem são? Por que eles crescem? No que eles creem? Pentecostalismo e política na América Latina.** [s.l.], 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588669-quem-sao-por-que-eles-crescem-no-que-eles-creem-pentecostalismo-e-politica-na-america-latina>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Daniel Neves. **"Neocolonialismo na África".** Brasil Escola. [s.l.], [2013?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/neocolonialismo-na-africa.htm>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SILVA, Moises Rodrigues Paiva. **Atores não governamentais no desenvolvimento social e as RI.** Melhores Ensaio, USP, São Paulo, 2015.

SILVA, Romeu da. **Moçambique: Nyusi estende recolher obrigatório nas capitais provinciais.** [s.l.], 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-nyusi-estende-recolher-obrigat%C3%B3rio-nas-capitais-provinciais/a-57105042>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SILVA, Teresa Cruz e. **Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique: o caso da Missão Suíça (1930-1974).** Promédia, [s.l.], 2001.

_____. **A Igreja Universal em Moçambique.** AP ORO, [s.l.], 2003.

_____. **Evangelicals and democracy in Mozambique.** In: RANGER, T. (Ed.). Evangelical christianity and democracy in Africa, Oxford University Press, pp. 161-189, Oxford, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da Coleção História Geral da África: século XVI ao século XX.** UNESCO, MEC, UFSCar, p. 341, Brasília, 2013.

SITE UNIVERSAL. **Evangelização Universal**. [s.l.], [2020?]. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/evangelizacao/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

SITE UNIVERSAL. **Países**. [s.l.], [2020?]. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/paises/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

SOARES, Pedro Gustavo Cavalcanti. **Um Coeficiente Religioso Nas Teorias Das Relações Internacionais?: Paradigmas, Teóricos e Soft Power**. Caderno de Relações Internacionais, v. 3, n. 5, [s.l.], 2016.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. **Texto e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo**. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, 2007.

SYMPLA.COM. **A importância do Jornal de Bairro na sua comunidade**. [s.l.], 2018. Disponível em: https://www.sympla.com.br/a-importancia-do-jornal-de-bairro-na-sua-comunidade__381415#:~:text=N%C3%A3o%20%C3%A9%20segredo%20para%20ningu%C3%A9m,mesmo%20lugar%20de%20forma%20din%C3%A2mica.&text=Nesse%20sentido%20a%20leitura%20e,o%20em%20um%20cidad%C3%A3o%20cr%C3%ADtico. Acesso em: 01 abr. 2021.

TADVALD, Marcelo. **Adaptações da fé: análise antropológica da transnacionalização da Igreja Universal entre Brasil e Argentina**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UFRGS, Porto Alegre, 2013.

TAVOLARO, Douglas; LEMOS, Christina. **O Bispo**. A História Revelada de Edir Macedo. [S.l.]: Larousse, [s.l.], 2007.

THE REVEALER. **Miracle on Demand**. [s.l.], 2013. Disponível em: <https://therevealer.org/miracles-on-demand-in-mozambique/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

THOMAS, Scott M. **Taking Religious and Cultural Pluralism Seriously: The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Society**. In: PETITO, Fabio; HATZOPOULOS, Pavel (Ed.). Religion in International Relations: the return from exile. Palgrave, pp. 21-53, New York, 2003.

_____. **The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Relations – The struggle for the Soul of the Twenty-first Century**. Palgrave Macmillan, New York/Basingstoke, 2005.

_____. **The Religious Turn in the Study of International Relations**. The Review of Faith & International Affairs, 12:4, pp.76-82, [s.l.], 2014.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Ecos do Atlântico Sul: Representações sobre o Terceiro Império Português**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

TVI PORTUGAL. **TV portuguesa acusa Igreja Universal de promover tráfico internacional de crianças**. Por: Gabriel Perline. [s.l.], 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/gabriel-perline/tv-portuguesa-acusa-igreja-universal-de-promover-trafico-internacional-de-criancas/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

WAGNER, C. Peter. **A Church Growth Perspective on Pentecostal Missions. Called and empowered:** Global mission in Pentecostal perspective. Baker Academic, Washington, pp. 63-90, [s.l.], 1991.

WEBER, Max. **Três Tipos Puros de Poder Legítimo.** In: WEBER, Max. Três Tipos de Poder e Outros Escritos. Tribuna da História, Lisboa, 2005.